



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
relativo ao ano letivo 2014/2015 na Escola
Secundária/3 da Rainha Santa Isabel, em Estremoz**

Sofia Alexandra Balseiro Reis

Orientação: Professora Doutora **Ângela Balça**

**Mestrado em Ensino do Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino
Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário**

Área de especialização: Mestrado em Ensino do Português no 3.º Ciclo do
Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básicos e
Secundário

Relatório de Estágio

Évora, 2015



Sofia Alexandra Balseiro Reis

**Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
relativo ao ano letivo 2014/2015 na Escola
Secundária/3 da Rainha Santa Isabel, em Estremoz**

Universidade de Évora

Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do
Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos
Ensinos Básico e Secundário

Orientação:
Professora Doutora Ângela Balça

Évora
2015

Agradecimentos

Um enorme agradecimento à minha mãe, sem ela o meu percurso académico e principalmente este novo desafio era impossível de concretizar. Agradeço não só o apoio financeiro, mas acima de tudo o motivacional, por todos os dias me fazer acreditar que o professor é e será sempre um ser essencial na sociedade e que apesar de tanta incompetência ainda existem professores que acreditam e defendem o que fazem.

Um forte agradecimento às orientadoras Maria Teodora Graça e Helena Nunes por todo o seu carinho, disponibilidade e profissionalismo. Ao longo de todo o ano letivo foram extremamente atenciosas, esclarecedoras de qualquer dúvida e muito compreensivas. Obrigada por todos os ensinamentos.

Um pedido de “desculpas” aos meus alunos que tentei não afetar, nem prejudicar com este meu novo desafio. Mas, conciliar o trabalho com a prática laboral nem sempre é fácil, o cansaço, em alguns momentos, foi visível. Contudo, sempre acreditei que esta licenciatura e o mestrado seriam importantes, para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Saliento um especial agradecimento aos professores da licenciatura, em particular à Professora Cláudia Teixeira, ao Professor Cândido Franco; ao Professor António Saenz e ao Professor Hélio Alves. Todos foram muito importantes no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Quanto ao mestrado, um obrigado ao Professor Ricardo Mira por conseguir motivar-me, quando, em algum momento, a vontade de desistir era premente, por razões que se prendiam, justamente, com falta de motivação e de interesse por esta última fase.

Por fim, agradeço à Professora Ângela Balça pela orientação e correção do relatório final.

Resumo

Com o presente relatório, pretende-se descrever a prática de ensino supervisionada, realizada na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel, no âmbito do Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário.

Este documento está estruturado em quatro partes: A- Preparação Científica, Pedagógica e Didática; B - Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens; C - Análise da Prática de Ensino e D - Desenvolvimento Profissional.

Considerando que a prática reflexiva é inerente ao crescimento de qualquer professor, este documento apresenta um percurso pessoal, uma visão do papel do professor, na sociedade atual e ainda as opções tomadas, do ponto de vista das metodologias e das estratégias. O foco de todo o processo ensino aprendizagem é o aluno, com as suas especificidades, e é em função deste e de todo um contexto muito próprio que se deve desenvolver a atividade do professor.

Palavras-chave: aluno, professor, processo ensino-aprendizagem, prática de ensino supervisionada, reflexão

Summary/ Resume/ Abstract

Supervised teaching practice report at the Secondary/3 Rainha Santa Isabel School in Estremoz in 2014/2015

This report intends to describe the supervised teaching practice, accomplished at Escola Secundária 3 Rainha Santa Isabel, within the Masters in Teaching Portuguese in the third cycle of Elementary School and Secondary and Spanish in the Elementary and Secondary School.

This document is structured in four segments: A – Scientific, Pedagogic and Didactic Preparation; B – Planning, Class Guidance and Learning Evaluation; C – Teaching Practice Analysis; D – Professional Development.

Considering that the reflective practice is inherent to the growth of any teacher this document presents a personal path, a vision of the teacher's role in nowadays society. It also considers the choices/ options that were made regarding the methodologies and strategies. The teaching/ learning process is focused on the students, with their idiosyncrasies and it is according to that and to a defined context that the teacher's activity should be developed.

Key-words: student, teacher, teaching learning process, supervised teaching practice, reflection

Conteúdo

Agradecimentos	3
Resumo	4
Summary/ Resume/ Abstract	5
Siglas.....	7
Introdução	8
A – Preparação científica, pedagógica e didática	10
Conhecimento dos alunos	25
B – Planificação, condução de aulas e avaliação de aprendizagens	27
Avaliação das aprendizagens	44
Tarefas e elaboração de materiais	46
C. Análise da Prática de Ensino	47
Participação em outras actividades	49
D. Desenvolvimento Profissional	51
Conclusão.....	53
Bibliografia	54
Anexos	56
Apêndices.....	89

Siglas

GIP - Guiões de implementação do programa

NPP – Novos Programas de Português

QEQR Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

A sociedade está em constante mutação, e, deste modo, a escola, que faz parte integrante desta, não se pode dela dissociar, e, obrigatoriamente também muda, ou melhor, altera-se e adapta-se.

As mudanças da sociedade obrigam a repensar o papel do professor e, conseqüentemente, o da escola. Esse papel pressupõe questionamento e constante reflexão, sobre as suas práticas, exigindo também investigação, atualizações e formação contínua. A reflexão deve assentar numa articulação estreita entre um saber científico e outros saberes de natureza diversa, que permitirão ao professor criar situações reais, que propiciem um ensino aprendizagem de qualidade. O foco essencial deste processo é o aluno. Este assume-se como um ser ativo e dinâmico, que substitui o sujeito passivo e, apenas, recetor de informação.

A Prática de Ensino Supervisionada é uma unidade curricular que faz parte do Mestrado em ensino e pretende preparar o futuro professor, dotando-o de ferramentas, que lhe permitam desempenhar a sua profissão, de forma responsável, crítica e criativa.

Este relatório relativo à Prática de Ensino Supervisionada segue as orientações contempladas no guião, dividindo-se em cinco partes estruturantes, a saber: 1. preparação científica, pedagógica e didática; 2. planificação, condução de aulas e avaliação das aprendizagens; 3. análise da prática de ensino; 4. participação na escola e 5. desenvolvimento profissional, partindo sempre de uma perspetiva de análise e de reflexão crítica, na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel, em Estremoz.

Numa primeira parte, serão abordados, de forma breve, os documentos oficiais orientadores da prática de docente: diplomas legais (Lei de Bases do Sistema Educativo e Dec-Lei nº 43/2007) e documentos de referência Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas; Programa do Português do Ensino Básico (2009), Metas Curriculares do Português do ensino Básico 1º, 2º e 3º ciclos, Programa da disciplina de Português do Ensino Secundário e Programa do Espanhol do Ensino Básico.

Na segunda parte, são apresentadas as descrições/reflexões sobre a prática de ensino supervisionada, nas aulas lecionadas, no respeitante à opção por determinadas estratégias e a

correspondente avaliação. Segue-se a análise da prática de ensino. É também meu propósito apresentar a síntese da participação e envolvimento em atividades da comunidade educativa, da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.

Por fim, serão feitas as últimas considerações finais, tendo em conta toda a nossa prestação e a forma como esta nos foi útil para o nosso futuro desempenho profissional.

A – Preparação científica, pedagógica e didática

O professor, tal como qualquer técnico de outra profissão, deve possuir uma formação específica, neste caso, nas componentes científica, pedagógica e didática.

Exige-se, na sociedade atual, que o professor seja um ser multifacetado, com formação académica sólida, conhecimento profundo das áreas que vai lecionar, mas não descurando aquilo que é uma formação pessoal e social, que lhe permita exercer com responsabilidade e assertividade a sua profissão. Para Alarcão (1997: 8) “A formação de professores tem de ter (...) uma vertente científica, tecnológica, humanística ou artística (...). Mas como educador, a sua atividade tem de assentar numa sólida formação cultural, pessoal e social.”

É crucial pensar, que em cada carreira há um crescimento profissional, que lhe é inerente, constituído pelo saber académico mas também pelo bom senso, pela assertividade, já referida, por um perfil adequado ao exercício da profissão. O professor é também um educador. O seu comportamento e as suas atitudes devem ser passíveis de poderem ser imitadas. Ponte (2002) refere-se a três tipos de conhecimento nos professores: o académico, o senso comum e o profissional, sendo que “*O académico* propõe-se responder, de modo aprofundado e segundo critérios de validade, às múltiplas formas de curiosidade intelectual da espécie humana. O seu principal objetivo é compreender e explicar. (...) *O senso comum* (...) resulta da interiorização das representações sociais dominantes na sociedade (mais particularmente no grupo ou classe social em que crescemos) em combinação com a nossa experiência individual. (...) O conhecimento profissional distingue-se dos anteriores. É o conhecimento necessário para desempenhar com sucesso uma atividade profissional, que se debate com questões bastante diferentes das da vida académica ou da vida quotidiana. Uma atividade profissional envolve tantos processos de rotina como a resolução de problemas concretos num domínio delimitado de prática social.”

Ao longo dos tempos o sistema educativo tem sofrido várias alterações. Em 1986, iniciou-se uma reforma no sistema educativo português, com a Lei de Bases do Sistema Educativo Português, que foi aprovada a 14 de outubro tendo sido alterada posteriormente em

1997, em 2005 e em 2009. As duas primeiras alterações referiram-se a questões relacionadas com o acesso e financiamento do ensino superior (1997 e 2005), e a última, em 2009, com o estabelecimento do regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e a consagração da universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade. Destaco o conteúdo do artigo 2º, (princípios gerais), nº 1, em que se lê “Todos os portugueses têm direito a educação e à cultura” e o nº 4, “O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade do indivíduo (...)”.

O artigo 3º apresenta os princípios organizativos do sistema educativo português, na alínea g “(...) proporcionar uma correta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações (...)”. Tendo em conta que hoje a escola não está, nem deve estar dissociada de todo o seu meio envolvente, é importante que a participação das populações na escola seja fundamental. No mesmo artigo 3º, na alínea h - “Contribuir para a correção das assimetrias do desenvolvimento regional e local (...)» princípio crucial, porque é necessário proporcionar em todo o país, as mesmas oportunidades aos jovens alunos, por forma a haver alguma equidade.

A escola onde realizei a Prática de Ensino Supervisionado situa-se no Alto Alentejo, uma das zonas mais desertificada e empobrecida do país. Pensamos que a escola deve assegurar e promover meios a todos alunos, para que estes tenham o acesso à “educação, à cultura e à ciência”, em igualdade daquilo que é proporcionado em outras zonas do país.

O artigo 30º define os princípios gerais para a formação de educadores e professores:

- a) Formação inicial a nível superior, proporcionando aos educadores e professores de todos os níveis de ensino a informação, os métodos e as técnicas científicas e pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequados ao exercício da sua função.
- b) Formação contínua que complemente e atualize a formação inicial numa perspetiva de educação permanente;
- d) Formação integrada quer no plano da preparação científico-pedagógica quer na articulação teórico-prática.

Este artigo é bem claro na constância de uma formação sólida, científico-pedagógica, nas vertentes teórico-prática e prevendo uma formação contínua para os professores. É na linha

destes princípios gerais, que se pressupõe, que o professor reflita na sua prática, ao longo do seu percurso profissional, fazendo atualizações, quer na parte científica, quer na pedagógica e na didática.

A legislação que define as habilitações profissionais para a docência, ao nível do ensino básico e secundário e que contempla a Prática de Ensino Supervisionada é o Dec-Lei nº 79/2014 de 14 de maio. Parecem-me de crucial importância alguns princípios constantes na introdução desse diploma legal, “Reconhece-se que ao primeiro ciclo, a licenciatura, cabe assegurar a formação de base na área da docência. E salienta-se que ao segundo ciclo, o mestrado, cabe assegurar um complemento dessa formação que reforce e aprofunde a formação académica, incidindo sobre os conhecimentos necessários à docência nas áreas de conteúdo e nas disciplinas abrangidas pelo grupo de recrutamento para que visa preparar.” Realço a importância que ao nível do nosso mestrado, têm as didáticas específicas na área da docência, componente fundamental para a preparação do futuro professor. “Cabe igualmente ao segundo ciclo assegurar a formação educacional geral, a formação nas didáticas específicas na área da docência, a formação nas áreas cultural, social e ética e a iniciação à prática profissional, que culmina com a prática supervisionada.”

A prática de ensino supervisionada deve representar na vida do professor, um momento de valorização e de crescimento profissional, através da investigação, da reflexão e da aprendizagem, num contexto laboral. Como consta também no Dec-Lei nº 79/2014, nº 3, «A decisão de aprovação na unidade curricular que concretiza a prática de ensino supervisionada depende da avaliação do nível de preparação dos estudantes para satisfazer, de modo integrado, o conjunto das exigências de desempenho docente.»

Toda a introdução deste diploma legal aponta para o reconhecimento e o valor de uma preparação rigorosa de toda a classe docente.

São referidos estudos internacionais e publicações científicas de organizações independentes, nomeadamente a OCDE e a Eurydice, que concluem que a qualidade da formação dos professores está diretamente relacionada com a qualidade do ensino tendo um papel fundamental na sua «autonomia e segurança na sala de aula.» Também é dada ênfase neste decreto à formação contínua, que é indispensável no percurso do professor. “Finalmente, têm vindo a mostrar que a formação inicial dos professores nas matérias de docência é crucial e

não é substituível pela formação profissional contínua, que obviamente não deixa de desempenhar um papel indispensável.”

Seguidamente apresento uma breve caracterização de alguma documentação, que serviu como referência no trabalho de prática de ensino supervisionada.

Começo pelo Programa de Português 2001/2002 do 12º ano, que se encontra dividido em quatro partes. Primeiramente, são contempladas as questões gerais e são identificados diversos conceitos. Nas segunda e terceira partes, são apresentadas as finalidades, objetivos, competências e os respetivos processos de operacionalização, visão geral dos conteúdos, sugestões metodológicas, recursos e indicações gerais sobre a avaliação e por fim na quarta parte é-nos fornecida a bibliografia.

Este documento refere, logo no seu início, que deve servir como *um instrumento regulador do ensino-aprendizagem* nas diferentes componentes da língua portuguesa, a saber: *Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua*. Estas componentes são designadas de competências. Para interação destas diferentes competências, necessária é uma articulação entre os diversos protótipos de textos, com vista a uma integração dos jovens na vida sociocultural e profissional.

Este programa assenta num modelo de comunicação, entendido enquanto ação, com duas competências – a da comunicação e a estratégica. A primeira diz respeito ao conhecimento das regras do ponto de vista linguístico, das dimensões discursiva textual e sociolinguística. A segunda deve ser transversal ao currículo e envolve saberes contextuais e procedimentais.

A organização do documento em grelhas, desde a operacionalização das competências, à distribuição dos conteúdos em declarativos e processuais, à gestão do programa por sequências, sendo que estas disposições têm sempre em consideração os 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, parece-me uma mais valia para o professor, pois permite uma fácil consulta e consequente uso.

A par das competências a desenvolver, estão o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos alunos, que são, no fundo, competências pessoais e sociais. É, portanto, num todo cognitivo e pessoal, que se perspetiva a formação do jovem aluno, como um ser mais completo interveniente na sociedade.

Os recursos sugeridos, como alternativas ou estratégias de ensino-aprendizagem, são apenas indicação dos meios que temos disponíveis. Na minha opinião, qualquer professor sabe e utiliza a maior parte destes recursos. Porém, muitas vezes, há escassez de informação sobre a sua pertinência e eficácia.

No campo dedicado à avaliação, - indicações gerais sobre avaliação- destacam-se um conjunto de princípios que se pautam pela clareza, objetividade e rigor na avaliação. São indicadas as modalidades da avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa). A avaliação deve ser formal e informal. Ao nível dos instrumentos a utilizar, o destaque para a especificidade da disciplina de Português, que dependendo da competência a avaliar, os instrumentos poderão ser diversos. Não devemos esquecer que todos os critérios de avaliação devem, sempre, organizar-se em torno das competências nucleares. Um dos aspetos sugeridos, como critério de avaliação, é a criação de um portefólio pelo aluno, onde este pode recolher e reunir toda a informação que vai recolhendo ou elaborando ao longo do ano letivo. A oficina da escrita e o contrato de leitura surgem como sugestões metodológicas gerais de crucial importância para o desenvolvimento de diferentes competências dos alunos. Pode ser o espaço onde estes, de acordo com os seus gostos pessoais, melhorem a sua compreensão e a sua expressão, no oral e no escrito. O professor deverá criar instrumentos que permitam avaliar, de forma muito criteriosa as atividades realizadas no âmbito destas metodologias.

O destaque para que durante o 10º ano, o professor promova atividades de revisão, de acompanhamento e de desenvolvimento, parece-me muito relevante, pois é nesta fase do secundário, que é pertinente fazê-lo, ou a complexificação dos conteúdos não permitirá a recuperação dos alunos com mais dificuldades.

Os Programas de Português, do Ensino Básico, 2009, foram elaborados a partir dos seguintes documentos: Currículo Nacional do Ensino Básico de 2001; o Programa Nacional do Ensino do Português de 2006; O Plano Nacional de Leitura; a Conferência Internacional do Ensino do Português em Maio de 2007 e o Dicionário Terminológico, publicado em 2008, assim como de projetos de índole nacional.

Determinadas circunstâncias resultantes, de uma sociedade, em constante mutação, foram tidas em conta, também para a elaboração do Novo Programa, nomeadamente o uso das tecnologias da informação, a necessidade de integração de textos literários, não arbitrariamente, mas

consequente para os alunos, e a necessidade de uma reflexão expressa sobre a língua sistematizada em processos de conhecimento explícito do seu funcionamento. Vê-se que o novo programa tenta ir ao encontro das exigências do ensino da língua, pois os alunos também são diferentes, já que cada dia a escola apresenta um universo de alunos mais diversificado, jovens das mais oriundas nacionalidades, com diferentes culturas.

Quanto à estrutura, o Programa encontra-se dividido em três partes. Estas apresentam novas práticas pedagógicas, novas orientações que permitem aprendizagens progressivas ao longo dos três ciclos. Todo o programa pauta-se pelas ideias de progressão, de continuidade e de transversalidade.

Na primeira parte, são contempladas as questões gerais e são identificados diversos conceitos. A formação escolar do Português deve ser considerada em três planos. Num primeiro plano, o ensino do Português deve favorecer o indivíduo de forma global, desenvolvendo acima de tudo competências comunicativas nas suas relações sociais, afirmando assim os seus procedimentos cognitivos. Num segundo plano, o ensino da língua materna deve consciencializar os alunos cultural e historicamente, ou seja, criar-lhes uma identidade coletiva, um respeito pela língua que constitui nosso património e faz parte da nossa identidade. Não devemos esquecer a valorização dos textos literários como símbolo nacional, estético e artístico. Num terceiro plano, o aspeto mais importante, e na minha opinião, por vezes mais descurado, é o facto da aprendizagem da língua portuguesa ser transversal a qualquer disciplina. O sucesso do aluno é tanto maior, quanto melhor conhecer a sua língua, visto que só conseguirá interpretar e escrever corretamente e de modo perceptível se tiver a consciência linguística e o domínio de um conjunto de estruturas, que lhe permitam verbalizar o seu pensamento, oralmente e por escrito.

Os conceitos utilizados, neste programa, são, a par das competências, os resultados esperados e os descritores de desempenho. O conceito de competência está associado a “conjuntos de atividades, de volições e de valorações”. As competências são apresentadas divididas em quatro eixos:

- 1) Eixo da Experiência Humana – debruça-se sobre a tensão e a interação entre o indivíduo e a sua consciência e identidade nacional, e consequentemente na sua relação com a comunidade.

- 2) Eixo da Comunicação Linguística – relaciona-se com a prática e o desenvolvimento de competências a nível oral e escrito, como também na aplicação de estas com os outros.
- 3) Conhecimento Linguístico – o aluno deve adquirir consciência e conhecimentos gramaticais que lhe permitam a utilização correta da língua.
- 4) Conhecimento Translinguístico – deve saber relacionar e aplicar de forma correta a sua língua em outras áreas do seu saber. Só assim atinge e confirma o conhecimento adquirido.

As competências específicas associadas às atividades linguísticas são a compreensão do oral e a expressão oral, a leitura e a escrita e o conhecimento explícito da língua.

O conceito de descritor de desempenho também é novo, indica o que se espera que o aluno seja capaz de fazer, no âmbito de operações de vária natureza, do saber-fazer, do saber-ser, do saber-estar, do saber aprender e do saber declarativo.

Entende-se por resultados esperados, um conjunto de expectativas pedagógicas, estruturadas e rígidas, com carácter prospetivo, em função das competências específicas do Currículo Nacional do Ensino Básico).

Na segunda parte, surgem os programas organizados por ciclos (1º, 2º e 3º ciclos). Em cada um dos ciclos são detalhados: os objetivos, as orientações, os resultados a atingir, os descritores de desempenho e o *corpus* textual. Seguidamente, os quadros apresentados estruturam-se da seguinte forma:

coluna da esquerda – linhas orientadoras

segunda coluna -descritores de desempenho

terceira coluna - conteúdos – (são os termos que dizem respeito aos conceitos relativos às diferentes competências)

coluna adicional – notas (esta coluna reporta-se a sugestões de atividades e a clarificações, não pondo em causa a autonomia do professor)

Por fim, na terceira parte surgem os anexos, onde está incluído o *corpus* textual destinado ao terceiro ciclo, visto que as obras literárias do 1º e 2º ciclo estão recomendadas e portanto são as constantes do Plano Nacional de Leitura.

O programa deve estar conforme o artigo 3.º do Decreto de Lei 6/2001, 18 de janeiro em que os princípios orientadores defendem “a coerência e a sequencialidade entre os três ciclos e a posterior articulação com o secundário”. Pretende-se “uma educação para a cidadania, transversal a todas as áreas”, mas tendo sempre em consideração a autonomia das escolas e os seus projetos educativos.

É com base nos vários documentos já referenciados neste trabalho, que os programas adotam determinados conceitos e termos, que pretendem apoiar o trabalho do professor, que deve ter sempre em consideração a realidade da escola e meio social onde está colocado, o ano de escolaridade e a faixa etária dos seus alunos.

Os novos programas incorporam novas práticas pedagógicas e avanços metodológicos na didática da língua. Formulam abordagens dinâmicas adequadas às circunstâncias atuais do ensino e da aprendizagem do português. Os percursos pedagógicos delineados, constituídos numa matriz comum aos três ciclos, onde a tónica é a progressão, exigem uma gestão curricular cuidadosa, no momento da passagem de ciclo, mas deixam uma liberdade ao professor para interagir com a sua realidade social, geográfica e cultural e com o universo de alunos com quem trabalha.

Assim, o papel do professor é definido no NPP “como agente do desenvolvimento curricular e um gestor de recursos variados”. No fundo, um gestor do ensino da língua portuguesa, num equilíbrio entre o essencial na gestão do programa e a liberdade para o ajustar ao seu “cenário”.

Há que referir, que os GIP (Guiões de Implementação do Programa) são de crucial importância na abordagem das dinâmicas que o professor deve implementar, em sala de aula, com os seus alunos, e constituem, desde a implementação dos Novos Programas uma ferramenta indispensável, para os docentes, pela abordagem e formulação de atividades e pela diversidade de propostas sugeridas.

As Metas Curriculares têm como texto de referência O Programa de Português do Ensino Básico, homologado em março de 2009 e estão consignadas no Despacho n.º 5306/2012 e 18 de Abril.

«Consigna-se no Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril de 2012 que o desenvolvimento do ensino será orientado por Metas Curriculares(...) permitindo que os professores se concentrem no que é essencial e ajudando a delinear as melhores estratégias de ensino.»

Estabelecem o que se considera essencial para as aprendizagens a realizar pelos alunos, nos diferentes anos de escolaridade e nos diferentes ciclos. Este documento constitui um referencial para o professor. As Metas ajudam a encontrar os meios necessários, para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento de estudos e às necessidades da sociedade atual.

Publicado em Diário da República o Despacho n.º 17169/2011 revoga o documento Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências Essenciais, divulgado em 2001.

Trata-se de um documento normativo de progressiva utilização e obrigatório para os professores, constituindo um referencial para as aprendizagens dos alunos, para a avaliação interna e externa.

As Metas obedecem a alguns princípios: definição, organização e hierarquização de conteúdos fundamentais, definição dos conhecimentos e capacidades a adquirir pelos alunos e estabelecimento de descritores de desempenho, tendo em conta a ideia de progressão, na sua aquisição.

Este documento afigura-se de fácil consulta, muito claro, para professores, alunos e encarregados de educação. É um todo coerente e obedece a uma estrutura comum a todas as disciplinas, sem prejuízo de algumas particularidades de cada uma delas. Ao nível do Português estão definidos quatro domínios de referência, sendo que para o primeiro e segundo ciclos: a Oralidade, a Leitura e Escrita, a Educação Literária e a Gramática enquanto que para o terceiro ciclo são os mesmos, mas com separação entre a Leitura e a Escrita, (dada à complexidade dos objetivos que estão formulados nestes dois domínios, neste ciclo). Em cada um dos domínios, estão indicados os objetivos e os respetivos descritores de desempenho.

Os domínios mantêm-se nas Metas, mas nestas é introduzido um novo a *Educação Literária*. Este reuniu vários descritores, que antes estavam dispersos em mais domínios, segundo as autoras. “Tal corresponde a uma opção política da língua e de política de ensino. Por um lado, a Literatura como repositório de todas as possibilidades históricas da língua, veicula tradições e valores e é, como tal, parte integrante do património nacional: por outro, a Educação Literária contribui para a formação completa do indivíduo e do cidadão.” Para além do seu conhecimento da língua, é impreterível que o aluno tome consciência das possibilidades históricas e culturais da língua e da literatura, enquanto património nacional.

De facto, com as Metas, sabe-se, exatamente, o que se pretende que o aluno aprenda, pois estão identificados os desempenhos que traduzem os perfis dos alunos, no final de cada ano e ciclo. Estas metas têm que ser atingidas, muito embora possam ser retomadas, em anos posteriores, devido aos conhecimentos e capacidades que implicam.

A disciplina de Português deve ser o espaço, por excelência, para promover o desenvolvimento de valores culturais, sociais e identitários dos nossos alunos. No entanto as aprendizagens fazem mais sentido, se houver abordagens transversais.

O ensino do Português determina a formação global dos nossos alunos, não só individualmente, como também na relação com os outros e com o mundo. A aprendizagem da língua materna não se esgota na sala de aula. Cabe ao professor de Português sensibilizar os alunos e desenvolver neles o gosto pela escrita e pela literatura, numa perspetiva de educação para a cidadania, prosseguimento de estudos ou/e introdução no mundo laboral.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR) surge no âmbito do Projeto “Políticas Linguísticas para uma Europa Multilingue e Multicultural” e foi elaborado pelo Conselho da Europa, sendo, posteriormente adaptado à realidade de cada um dos países.

A edição, em análise, neste trabalho, surge como o “último estágio de um processo” que muito deve a inúmeros docentes, a nível europeu, e a distintas entidades. Portanto, este projeto é o resultado de um trabalho iniciado em 1991 até ser apresentado em 2001.

A elaboração deste QEQR pretende proporcionar, pelo menos, com uma base comum, a elaboração de programas, referências e manuais das línguas estrangeiras, a nível europeu. O objetivo da conceção do referido documento foi proporcionar a todos os docentes europeus de língua estrangeira, uma referência, ao nível dos objetivos e das metodologias, e sua reflexão,

no ensino de cada língua. O documento pretende constituir, também, uma forma de partilha e de cooperação, entre os docentes, ao nível de materiais didáticos e de estratégias. No entanto, aponta, acima de tudo, para que os docentes comuniquem e cooperem uns com os outros, tendo em conta sempre “as necessidades reais dos aprendentes”.

A um nível mais geral, este documento visa assegurar que, no âmbito europeu, todos os cidadãos disponham do conhecimento de outras línguas europeias, permitindo-lhes estabelecer as suas necessidades comunicativas. Tal princípio permite não só integrar cidadãos em outros países, como também proporcionar ajuda a estrangeiros residentes no seu país, proporcionando-lhes a possibilidade de alargar conhecimentos, nas perspetivas histórica, social e cultural. Assim, cumprem-se os princípios europeus de mobilidade internacional em que o objetivo será atingir a cooperação entre os povos, a todos os níveis, assentando a mesma na aquisição de competências linguísticas básicas de comunicação.

Dois conceitos chave constam do documento, a saber o “plurilinguismo” e o “multilinguismo”. Este entende-se como a possibilidade de que a escola proporcione uma oferta diversificada de línguas, a fim de incentivar os alunos a aprender mais do que uma língua. O “plurilinguismo” é entendido como o conhecimento de um dado número de línguas ou a concomitância de diferentes línguas, numa determinada sociedade. Este conceito advém da experiência linguística e cultural de um indivíduo, quer por contacto directo, quer por aprendizagem escolar. Esta competência linguística desenvolve no indivíduo uma “competência comunicativa” que o enriquece e o consciencializa, nas suas relações pessoais, sociais e profissionais, na forma como ele interage com as outras línguas, abrindo e intensificando, também, novas experiências culturais – interculturalidade.

Entende-se por *Competências* o “conjunto dos conhecimentos, capacidades e características que permitem a realização de acções”. A “competência comunicativa” compreende três componentes: *a linguística, a sociolinguística e a pragmática.*

Os sistemas linguísticos, inseridos na *competência linguística*, são de enorme complexidade, pois cada língua reveste-se de particularidades, o que tem como consequência o não ser dominada, na totalidade, por nenhum dos falantes. A *competência sociolinguística* refere-se ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua. Por fim, a *competência pragmática* remete para o conhecimento do utilizador dos

princípios, de acordo com os quais, as mensagens são de competências discursiva, funcional e/ou de conceção.

A *proficiência* linguística é a medida estabelecida para encontrar os níveis comuns de referência, pelos quais se pode organizar a aprendizagem de uma língua. Esta medida permite avaliar, individualmente, o aluno, em determinada disciplina, (língua estrangeira), através de instrumentos compostos por diferentes itens, que são elaborados a partir de uma matriz de habilidades, proposta no QECR.

O QECR apresenta os seguintes níveis comuns de referência: Iniciação (A1), Elementar (A2), Limiar (B1), Vantagem (B2), Autonomia (C1) e Mestria (C2). Estes níveis podem ser expandidos, de acordo com o que se pretende que o indivíduo aprenda e, deste modo, que se verifique a progressão, exemplos, Elementar Forte (A2+), Limiar Forte (B1+) e Vantagem Forte (B2+).

Os utilizadores podem ter as seguintes designações:

- 1) Utilizador Elementar (níveis A1 e A2) – deve ser capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, ou seja, enunciados simples que permitam satisfazer necessidades concretas e quotidianas.
- 2) Utilizador Independente (níveis B1 e B2) – compreende as questões principais, produz um discurso simples e coerente, é capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a respectiva língua. No B2 o utilizador já deve ser capaz de compreender textos complexos e abstratos, discussões técnicas dentro da sua área, grau de espontaneidade e à-vontade com falantes nativos sobre vários temas.
- 3) Utilizador Proficiente (C1 e C2) – prevê-se que seja capaz de compreender textos longos e exigentes, reconhecendo significados implícitos, de se exprimir de forma fluente e espontânea, em todos os fins sociais, académicos e profissionais.

Este documento ainda define descritores para que os aprendentes se autoavaliem: na compreensão e interação oral (ouvir - falar) e escrita (leitura e/ou escrever).

O QECR, além de ter um cariz reflexivo, mostra-nos alguns caminhos que devemos ter em consideração quando ensinamos ou aprendemos uma língua estrangeira, apresenta-se como

um documento essencial para tornar o ensino de uma língua estrangeira, mais objetivo, transparente mais eficaz e equiparável. Enumera as atividades e as estratégias comunicativas que podem/devem ser adotadas, nos estabelecimentos escolares, nos diferentes países europeus.

Segundo o QEQR, *o uso de estratégias de comunicação pode ser visto como a aplicação de princípios metacognitivos: planeamento prévio, execução, controlo e remediação a diferentes tipos de actividades comunicativas: de recepção, de interação, de produção e de mediação.*

Atividades de Recepção: atividades de compreensão oral (ouvir) e a compreensão escrita (ler e escrever);

Atividades de Interação: atividades de interação oral e escrita;

Atividades de Produção: atividades de produção oral (falar) e produção escrita (escrever);

Atividades de Mediação: atividades de mediação oral e escrita.

A partir das diferentes atividades propostas, no documento, são indicados os descritores a aplicar a cada utilizador, de acordo com os seus conhecimentos e capacidades, assim como as estratégias a adotar, a fim de atingir os resultados pretendidos.

Na prática letiva, este documento é essencial e tem implicações ao nível das temáticas exploradas, assim como ao nível dos descritores de desempenho, com os quais se podem avaliar as diversas competências (gerais e/ou específicas) e, por conseguinte, os diversos domínios, a fim de saber se um aluno atingiu ou não o nível pretendido. As diferentes propostas e instrumentos de avaliação também auxiliam o professor a avaliar os alunos, nos diferentes domínios.

O QEQR constitui-se como um documento relevante, no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira, não só no sistema de ensino português, mas a nível europeu. Em Portugal, não podemos esquecer que a introdução da língua estrangeira – Espanhol ocorreu, recentemente, comparando com o Inglês ou Francês. Talvez seja por isso que ainda existem algumas lacunas, que podem e devem ser repensadas. Com o Despacho n.º 17169/2011, o Ministério revogou o documento das competências, o que, desde logo, não está

em consonância com alguns conceitos e designações constantes no QEER. Por outro lado, há a referir que ainda não foi feita a implementação das metas curriculares, na língua estrangeira - o Espanhol.

Ensinar ou aprender uma língua estrangeira pode ser uma tarefa apaixonante. O professor de língua estrangeira tem um papel muito importante, na medida em que deve saber veicular, com mestria, o código linguístico mas também os valores culturais essenciais, da língua que ensina. Deve proporcionar ao aluno, documentos autênticos e atuais (hoje, em dia, os manuais estão bem concebidos, a este nível), visionamento de filmes, audição de canções, visitas de estudo a cidades emblemáticas do país em questão, intercâmbios de escolas, entre outros, nunca descurando, pela sua relevância, o recurso aos contactos via internet (áudio e vídeo, ou ambos).

É fundamental que o aluno conheça a língua, mas também a forma de pensar dos nativos da língua, cuja aprendizagem inicia, para se sentir mais próximo, mais envolvido e motivado.

O saber institucional, ao nível da língua estrangeira, aquele que todos recebemos da escola fica, por vezes, (ainda hoje), muito aquém, das necessidades de comunicação, dos discentes, pois existem fatores de ordem organizacional do currículo (número de horas, por ano e por ciclo), mas, também exigência no cumprimento na lecionação de conteúdos temáticos e morfossintáticos, constantes nos Programas.

Na realidade, até há alguns anos, o ensino das línguas estrangeiras cingia-se ao domínio da compreensão e expressão escritas. Descurava-se, bastante, o domínio da oralidade. Um aluno com sete anos de língua dominava, satisfatoriamente, mecanismos de escrita, mas revelava grandes lacunas, na expressão oral.

O QEER aportou, formalmente, de forma institucional, um referencial categorizado, que permite aos docentes, a possibilidade de conferir primazia e uma maior relevância às estratégias de comunicação, insistindo, com igual peso na oralidade e na escrita.

No mundo globalizado, cada vez mais, nas escolas portuguesas, existem alunos oriundos de vários países da Europa (e até de outras partes do mundo) e o processo inverso é, também, muito frequente, com a emigração de famílias.

Logo, a existência deste referencial veio colmatar a grande dificuldade existente na integração das crianças e dos jovens, num determinado nível de proficiência linguística, ao nível dos diferentes países europeus.

O programa de Espanhol do Ensino Básico vigente data de março de 1997 e no presente momento, ainda, não existem metas homologadas, por parte da tutela, sendo portanto, em articulação com o QECR e com o Portfolio das Línguas, os únicos documentos orientadores na gestão do currículo.

O programa está organizado e estruturado em seis partes, a saber:

5) Finalidades

6) Objetivos gerais

7) Conteúdos

- Domínios – compreensão oral, expressão oral, compreensão escrita, expressão escrita, reflexão sobre a língua e a sua aprendizagem e aspetos socioculturais
- Anexo 1 (atos de fala)
- Anexo 2 (conteúdos gramaticais)
- Orientações metodológicas
- Avaliação
- Bibliografia

Na primeira parte, são indicadas as finalidades da importância de estudar uma língua estrangeira, assim como a sua componente sociocultural.

Na segunda parte, objetivos gerais, são mencionadas, de uma forma muito abrangente, as linhas orientadoras e as competências para os diferentes domínios e estratégias a implementar e a atingir no final do ciclo.

Ao nível dos domínios, deve referir-se que estes se apresentam sob forma de tabela, estando esta distribuída, de uma forma tripartida, em que as três colunas apresentadas concernem, respetivamente, a conteúdos, procedimentos e atitudes, e dos quais se pressupõe se faça uma leitura e uma operacionalização horizontais.

Em relação aos anexos, que se subdividem em atos de fala e conteúdos gramaticais, verifica-se que são apresentados sob forma de elencagem, e encontram-se distribuídos, por ano de escolaridade, o que permite uma consulta, seleção e uma leitura dos níveis de escolaridade, dentro do ciclo.

No item, orientações metodológicas, são fornecidas algumas sugestões sobre organização de conteúdos; negociação de objetivos e de conteúdos, em situações de comunicação oral e escrita; tipos de texto; papel do professor e do aluno; autonomia do aluno: estratégias de comunicação e estratégias de aprendizagem e, por último, métodos de trabalho: tarefas, projetos e simulação global. Neste capítulo, são apresentadas ténues indicações, ao nível da operacionalização e estruturação de conteúdos, que não se apresentam com suficiente clareza e objetividade, para que sirvam de ponto de partida ao docente para a sua prática letiva.

No que respeita ao capítulo – avaliação -, são dadas orientações sobre a importância da avaliação e instrumentos, sugerindo a diversificação destes e a sua abrangência a todas as competências básicas da comunicação.

Este documento já prevê a avaliação das atitudes *saber ser e saber estar*.

Tendo em conta o QECR, ao nível das diferentes atividades propostas, dos descritores a aplicar a cada utilizador, de acordo com os seus conhecimentos e capacidades, assim como das estratégias a adotar, mais facilmente se atingem os resultados pretendidos, em função da faixa etária e da maturidade e domínio linguístico do jovem aluno.

Na prática letiva, este documento é essencial e tem implicações ao nível das temáticas exploradas, assim como ao nível dos descritores de desempenho, com os quais se podem avaliar as diversas competências (gerais e/ou específicas) e, por conseguinte, os diversos domínios, a fim de saber se um aluno atingiu ou não o nível pretendido. As diferentes propostas e instrumentos de avaliação também auxiliam o professor a avaliar os alunos, nos diferentes domínios.

Conhecimento dos alunos

Todos os anos, o professor, mesmo que esteja na mesma escola, tem sempre um desafio – a chegada de novos alunos. Esta particularidade deve ser encarada como uma mais valia da nossa profissão. O conhecimento de novos jovens constitui um privilégio, que acontece todos os anos. É, sem dúvida, enriquecedora essa envolvimento, porque com ela também crescemos como seres humanos e em consequência como professores e educadores.

Nesta experiência de prática de ensino supervisionada, na Escola de Estremoz, o conhecimento das turmas e a sua caracterização chegaram-nos, pelas Diretoras de Turma e pelas professoras titulares. Importante é referir, que por sermos todos diferentes, as empatias surgem ou não, e, nem sempre, informações dadas correspondem ao comportamento regular dos alunos, em diferentes circunstâncias. Devemos estar atentos, dar o benefício da dúvida e não limitarmos o nosso conhecimento à caracterização fornecida.

É prática da escola implementar um inquérito inicial, para que os alunos respondam. Esse inquérito que pretende caracterizar a família, ao nível da faixa etária dos pais ou encarregados de educação, da habilitação académica e da situação profissional. Os jovens alunos devem pronunciar-se sobre os seus hábitos pessoais e sociais, acerca das dificuldades, sobre a ocupação dos tempos livres e sobre a futura carreira ou profissão. Concluímos, com base na análise desses documentos aplicados às turmas, que nem todos os jovens têm ambições culturais, que a maioria gosta de Informática e de desporto e que, na generalidade, as suas dificuldades residem na Matemática, embora haja menos casos com algumas dificuldades também no Português e nas Línguas.

Esta nossa prática de ensino supervisionada passa por uma fase de observação das aulas das orientadoras. E, é nesse contexto que vamos conhecendo os alunos. Como os discentes não são apenas nossos, a situação reveste-se de alguma especificidade. Procurámos, no entanto, conviver com todos, mostrando disponibilidade, num ambiente de cooperação, de harmonia e de respeito mútuo.

A definição de regras de sala de aula sob forma de um contrato pedagógico, a meu ver, é a primeira tarefa, a realizar, por qualquer docente, logo, nas primeiras aulas, conjuntamente com os alunos. Os direitos e deveres tanto dos alunos, como dos professores, devem ficar claros e ser tidos em consideração, ao longo de todo o ano letivo. É também importante, mas é função do Diretor de Turma, num momento formal, dar a conhecer esse contrato, os documentos estruturantes da escola e alguma legislação vigente, (o Estatuto do Aluno e da Ética Escolar, lei nº 51/2012 e o Despacho Normativo 13/2014) aos pais / encarregados de

educação e aos alunos. Estas tarefas foram da responsabilidade dos Diretores de Turma e das professoras titulares.

Quando começámos a nossa prática, nos momentos iniciais da primeira aula, sentimos como «um formigueiro na barriga», alguma ansiedade, que, no meu caso, passa quando entro na sala de aula. É a partir deste primeiro contacto que a nossa relação pedagógica com os alunos se inicia. Este primeiro encontro é fundamental para a relação futura. Devemos transmitir segurança, mostrar disponibilidade, promover um ambiente organizado, desde logo, com regras bem definidas, e sobretudo fazer sentir aos jovens alunos, que estamos nesta profissão, por gosto. Mais tarde, haverá tempo e espaço, para eles sentirem que gostamos deles e que vamos fazer parte das suas vidas. Depois, devemos ter em sempre em conta que vamos constituir um modelo de comportamentos para os nossos alunos, por isso tudo o que exigimos, temos que cumprir. Há princípios que são inerentes à atitude de qualquer professor e educador, que se preze. Se não os cumprirmos não teremos legitimidade para exigir o seu cumprimento.

As primeiras aulas assistidas permitiram aproximar-nos e conhecer os alunos de forma privilegiada, já que apenas assistíamos. Mesmo assim, nunca senti que estivesse passivamente a observar. As orientadoras colocaram-nos, sempre, à vontade, para intervirmos quando achássemos pertinente.

É crucial para que os alunos tenham uma boa aprendizagem, que gostem do professor e que o respeitem.

Considero que, apesar das contingências, consegui uma boa relação com os alunos, principalmente com o 9º ano. Senti-o pelos olhares e pelos sorrisos de alguns dos jovens, pela maneira como nos cumprimentavam fora da sala de aula e na forma como nos consultavam acerca de leituras, que faziam e que queriam partilhar connosco.

B – Planificação, condução de aulas e avaliação de aprendizagens

A Prática de Ensino Supervisionada teve início em setembro de 2014, com uma primeira reunião com as orientadoras da escola cooperante, as professoras Maria Teodora

Graça, orientadora de Língua Portuguesa, e Helena Nunes, orientadora de Língua Espanhola / Espanhol.

Num primeiro momento, que consideramos a fase de adaptação, e que correspondeu ao primeiro período letivo escolar, conhecemos as orientadoras e através destas foi muito mais fácil conhecer a escola, enquanto espaço físico, principalmente os serviços. Depois os recursos humanos e as ofertas de que a escola dispõe.

Procurámos também conhecer as finalidades/metapas do principal documento estruturante da escola, o Projeto Educativo. Trata-se de uma escola com grande empenhamento em dar respostas individualizadas às dificuldades dos alunos, com vista ao seu sucesso. Nessa finalidade do Projeto Educativo, cabe a estratégia -Turma Mais -, enquanto ponto forte, bem como outros pontos fortes que passo a indicar: bom ambiente de trabalho; tecnologias disponíveis nos diferentes espaços da escola, diversidade e elevado número de recursos e de atividades no âmbito do Plano Anual de Atividades; trabalho cooperativo e partilha de documentos. O projeto Turma Mais consiste em criar grupos homogéneos de alunos, consoante as dificuldades ou potencialidades, por forma a praticar um ensino mais individualizado, com vista a colmatar dificuldades ou a desenvolver potencialidades nos alunos.

As áreas de melhoria da escola incidem: no combate à falta de motivação e de hábitos de trabalho de alguns alunos e à falta de motivação dos atores educativos e nos resultados das classificações na avaliação interna e na externa.

Como grandes metas do Projeto Educativo, conforme referido, anteriormente, está a promoção do sucesso dos alunos, através de uma análise criteriosa de dados percentuais das classificações, com vista a melhorar taxas de conclusão de ciclos e redução de taxas de repetências. Promover um ambiente de escola com rigor, empenho e responsabilidade e aperfeiçoar a relação escola-meio é também uma meta prevista.

A título de curiosidade, como sou profissionalizada na área de Estudos Teatrais, desde o ano de 2005/2006, também pela Universidade de Évora, já tinha ficado colocada, num horário incompleto, nesta escola, em 2008/2009. Gostei, desde logo, nesse ano, muito, do ambiente escolar e principalmente dos alunos. Para além deste facto, trabalhei também noutra escola, esta profissional, em Estremoz durante nove anos, sendo assim, todo o contexto social, cultural e educativo desta cidade já não me era desconhecido.

Do contacto havido com esta escola, já anteriormente, e neste ano, constatei que existe, realmente, esse ambiente de empenho, de responsabilidade e de grande cooperação entre os atores educativos. Saliento que fomos sempre muito bem recebidas e todos os elementos da comunidade escolar, sem exceção, se disponibilizaram por nos ajudar. Em termos de recursos, foi notória também a acessibilidade aos mesmos, em toda a escola. Da nossa parte houve a preocupação de também colocar empenhamento, disponibilidade e responsabilidade na consecução das nossas tarefas, cumprindo com prazos na entrega de documentação, com assiduidade e pontualidade em todos os momentos formais, reuniões, observação de aulas e lecionação. Mantivemos boa relação com os outros elementos da comunidade escolar, o que é importante, pois ajuda-nos a estar mais integradas, permite desenvolver relações sociais e profissionais e contribui, claro está, para a criação da nossa identidade como professoras.

Muito embora tenhamos presentes leituras, estudos e orientações adquiridos ao longo da nossa formação académica, a verdade é que, quando, em contexto, somos levados a agir, os conselhos de quem tem mais experiência, e, que, neste caso, conhece bem os alunos, são muito bem vindos. Na anteriormente referida, primeira reunião, com as orientadoras da escola, delineámos o trabalho a desenvolver, agendámos reuniões e definimos metodologia de trabalho.

Paralelamente à observação das aulas, fizemos um trabalho de consulta dos documentos: Programa do Português do Ensino Básico, (2009) Metas Curriculares do Português do Ensino Básico 1º, 2º e 3º ciclos (2012) e ainda Programa do Secundário de Português, programa de Ensino Básico do Espanhol, bem como da análise dos manuais adotados na escola, seguido de pesquisa sobre bibliografia sugerida durante a formação académica ao nível da Prática Supervisionada, da Didática do Português, da Literatura e das Línguas, assim como da relação pedagógica com os alunos, entre outra documentação.

De referir que a observação das aulas foi muito benéfica e fundamental para as opções, que, seguidamente adotámos no nosso trabalho de planificação e de condução das nossas aulas e também nos permitiu uma melhor integração e conhecimento dos grupos turma.

Ainda no primeiro período, conhecemos as turmas. Confesso que este era o momento que mais ansiava. No final de cada aula observada, reuníamos-nos sempre com as orientadoras a fim de refletirmos sobre as estratégias, as metodologias, a receção e a reação dos alunos aos conteúdos abordados. Estes momentos de troca de opiniões, de partilha e de discussão entre orientadoras e orientandas foi deveras importante e ajudou-nos muito, a esclarecer alguma

dúvida que ia surgindo e/ou apresentar diferentes estratégias de abordagem dos mesmos conteúdos.

Apesar de todas possuímos profissionalização e experiência de docência em outras disciplinas, a verdade é que tínhamos dúvidas e incertezas, que, conjuntamente e em discussão com as orientadoras, procurámos ir ultrapassando.

No que respeita ao trabalho do grupo da prática de ensino supervisionada, importa registar que eu e as minhas colegas reuníamos com frequência, partilhávamos opiniões e planificávamos em conjunto. O contacto e o apoio das orientadoras da escola foi sempre oportuno e construtivo. As planificações de ambas as disciplinas obedeceram à estrutura enviada pela Universidade e estão, em conformidade, com documentos vigentes. A documentação era enviada por email para as orientadoras, que teciam considerações, depois discutidas, em sede de reunião, sempre perspetivando a conquista do interesse e da motivação dos jovens alunos e o sucesso das suas aprendizagens.

Os alunos foram sempre o nosso principal centro de atenção em todo o processo. Era para eles e em função deles que todas as nossas atividades eram pensadas e planificadas, tendo em conta sempre as suas dificuldades, as aptidões, os interesses, o nível etário e os gostos, a fim de tentarmos que a sua prestação fosse sempre realizada com empenho e entusiasmo e resultasse em aprendizagens significativas.

Relativamente aos métodos e estratégias utilizadas, apostámos sempre na diversidade, por considerarmos que não existe, apenas, um método eficaz, já que os alunos são sempre diferentes e os conteúdos também. Cabe ao professor adaptar-se e perceber quais são as metodologias adequadas a cada um dos momentos, assim como às características dos alunos e do grupo turma *“Não há só um método universal de ensino que possa convir aos variados contextos de ensino de uma língua”* (Mira & Mira, 2002 : 52).

Segundo Mira e Mira (2002), acreditamos que *“nenhum método se pode considerar definitivo, mas, antes, aberto a todas as alterações que o actualizam e melhorem ou mesmo aberto à sua total substituição, o que não deixará de constituir, uma e outra, questões polémicas”* (p. 6-7), por isso estamos convictas que dependendo do contexto educativo e dos alunos em questão, devemos diversificar os métodos e substituí-los, quando for pertinente.

No que diz respeito à escrita dos sumários, houve dúvidas entre nós elementos do grupo de prática supervisionada, mas acabámos por decidir, pela escrita do mesmo, no início das aulas, por hábito das orientadoras e porque a escola possui um programa que prevê a escrita, logo no início da aula. Se por um lado, este procedimento mostra ao aluno a síntese dos assuntos a tratar em aula, pode incorrer em erro, pois nem sempre se consegue concretizar tudo

o previsto. A meu ver, o sumário é um momento que envolve muita responsabilidade e prefiro escrevê-lo, no final, mas sem pressas, sendo que devem ser os alunos a criá-lo, mediante orientação nossa, em jeito de síntese do trabalho decorrente da aula e como exercício de expressão escrita.

De acordo com Mira e Silva (2007) «o sumário não poderá ser elaborado apressadamente no final da aula... terá de ser merecedor dos cuidados convenientes».

Passo seguidamente à descrição do trabalho realizado com as diferentes turmas.

Na turma de 9.º ano de Português, que já conhecia a professora titular, Maria Teodora, há 3 anos, era visível uma muito boa relação. Os alunos, no início do ano, apesar de serem informados da nossa presença, manifestaram alguma timidez e apreensão. Contudo, ao fim de pouco tempo, já nos sentíamos eu e as minhas colegas muito aceites, pelo grupo. Tratava-se de um grupo afetuoso, simpático e criativo.

Quanto à turma de Espanhol de 7º ano, devo destacar a infantilidade nos comportamentos, o que provocava alguma turbulência, durante as aulas. A proximidade com os alunos não se sentiu, de forma tão imediata, como na turma de 9º ano de Português. Apesar de alguns elementos da turma serem repetentes, a grande maioria ainda não conhecia a professora Helena.

Uma das nossas preocupações, ou melhor, uma das minhas preocupações era não fugir muito da metodologia utilizada pelas orientadoras, por forma a não provocar grandes desfasamentos. Contudo, temos consciência que cada indivíduo é diferente do outro, assim também cada professor tem a sua forma de estar e de ensinar que difere da dos outros. Reconheço que estas preocupações no meu primeiro estágio pedagógico integrado não surgiram, talvez por não ter experiência nenhuma no ensino. Agora, foi difícil encarar que estes não eram apenas os “meus alunos” e receava sempre afetar o trabalho desenvolvido pelas orientadoras, por isso sempre as consultávamos previamente. Estas preocupações, com o passar do tempo, deixaram de o ser...

A observação, como já referi anteriormente, foi feita a uma turma de 9º ano de Português ao longo dos três períodos. A intervenção nesta turma só teve início no final do primeiro período. No que respeita à turma de 12º ano, de Português, a observação teve lugar no terceiro período e a intervenção também.

Quanto ao Espanhol assistimos a duas turmas (A e B) e uma terceira a da Turma Mais.

A professora Orientadora da Universidade de Évora deslocou-se duas vezes à escola para assistir a aulas lecionadas por nós. Sabemos, no entanto, que as professoras/orientadoras da escola mantinham contacto com a referida docente, através de correio eletrónico.

Todas as nossas planificações foram revistas, comentadas e corrigidas sempre em articulação com as nossas orientadoras de escola.

Durante a observação de aulas, tivemos oportunidade de assistir, na turma de 9º ano de Português, a uma atividade de leitura recreativa, no âmbito de um Projeto de Turma, com apresentação de trabalhos pelos alunos. Foi interessante não só assistir a essas apresentações, como também a partir delas refletir, em conjunto, com a turma sobre os aspetos positivos e alguns pontos a melhorar, não só na apresentação/exposição oral, como também nos pontos relevantes, ao nível do conteúdo. Como ambas as orientadoras mostraram receptividade a qualquer intervenção da nossa parte, durante as aulas observadas, foi nesses momentos que aproveitámos para sugerir aos alunos outras obras no âmbito do *corpus* textual constante nas Metas Curriculares do Português, 3º ciclo e nas obras sugeridas no Plano Nacional de Leitura.

Devo referir que todas as aulas foram dadas em regime de co-docência.

Descrição e análise reflexiva das aulas de Português (9º Ano)

Sentimos, nesta turma, a motivação e o gosto por dinamização de atividades orais. Então, propusemos à orientadora, trabalhar a competência da oralidade, considerando as metas- participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral - e debater e justificar ideias e opiniões.

A orientadora concordou e aconselhou-nos a dinamizar uma das últimas aulas do primeiro período. Aceitámos o desafio de muito bom grado. Confesso que para mim foi entusiasmante, já estava com muita vontade de intervir, visto que já me sentia como parte integrante da turma, já conhecia minimamente os alunos e eles próprios também manifestavam vontade e, essencialmente, curiosidade em nos ver atuar.

Primeiramente, o grupo da prática de ensino supervisionada reuniu-se para pensarmos e planificarmos (Apêndice 2.1) em conjunto. Depois de realizadas várias pesquisas chegámos à conclusão que as atividades, que eram realizadas na época natalícia, na nossa opinião, eram limitadoras e repetitivas. Na nossa profissão, todos os desafios devem ser encarados com a maior criatividade possível. O professor deve sempre tentar surpreender os alunos, permitindo que as metodologias aplicadas desenvolvam aprendizagens relevantes no seu percurso académico e ao mesmo tempo lhes proporcionem prazer. Foi, com esse espírito, que a partir do conteúdo - texto dramático - *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, decidimos dinamizar uma improvisação com os alunos. A motivação desta aula deveu-se à disposição da sala de aula que foi diferente e à distribuição dos marcadores com as diferentes personagens, já conhecidas dos alunos. A técnica da improvisação teatral permite que os alunos reajam, de forma espontânea e argumentem a partir de uma problemática criada pelo professor. Esta partiu do conteúdo explorado até ao momento nas aulas de Português, a obra supracitada. As metas mobilizadas para a concretização desta atividade são: manifestar ideias e pontos de vista pertinentes relativamente a discursos ouvidos; considerar pontos de vista contrários; reformular posições; argumentar no sentido de persuadir os interlocutores.

O espaço da sala seria organizado antes dos alunos entrarem o que, na prática, sabemos que causa sempre alguma curiosidade. Num primeiro momento, foi explicado aos alunos em que consistia a atividade e verificámos a expectativa e o entusiasmo de todos. Como estratégia, para não impor escolhas das personagens, mas também para os alunos não terem tendência a escolher as que mais gostavam ou as que melhor conheciam, distribuámos marcadores (Apêndice 2) com as personagens, de forma aleatória. Assim, cada aluno tinha a sua personagem conforme a constante no marcador. Procedeu-se à distribuição de tarefas e organizaram-se três grupos. Um dos grupos era liderado pela personagem Anjo, o outro pelo Diabo e o terceiro era o público que decidia o veredicto final. É de salientar que tentámos que todos os alunos “rodassem” pela maior parte das personagens, mas, visto que a aula apenas tinha quarenta e cinco minutos, tal não foi possível. A função do Anjo e do Diabo era de contra-argumentar com as outras personagens. A argumentação tinha como ponto de partida o

conteúdo da obra, com possibilidade de acrescentar argumentos não contidos no texto. O público que assistia tinha sempre um papel fundamental pois era ele que opinava e apresentava o veredicto final. Este decidia a “condena” ou a “absolvição”, consoante a credibilidade e pertinência da argumentação. Neste tipo de dinâmicas, os alunos, na maior parte dos casos, esquecem as afinidades entre eles e são muito justos nas suas decisões. De um modo geral, esta atividade permitiu que os alunos relembassem e consolidassem aspetos essenciais da obra estudada como o espaço, as personagens, suas caracterizações, simbologia, acusação e defesa. Constatámos que a crítica social do dramaturgo e a intemporalidade da obra foram interiorizadas pelos alunos. Foi curioso que muitos deles utilizaram, inclusive, partes ou expressões do próprio texto, o que é relevante e sintomático de gosto e de conhecimento. Para além das aprendizagens realizadas, fomos ao encontro da vontade que os alunos tinham em trabalhar a oralidade. O balanço foi bastante positivo e o *feedback* tanto dos alunos como da orientadora também.

Na parte final da aula e na sequência da atividade já descrita, sugerimos aos alunos que de acordo com as personagens que lhes tinham sido distribuídas pensassem numa “prenda” (que não era necessário que fosse apenas material) para cada uma das suas personagens. As propostas foram bastante curiosas, já que tentaram adaptar, de algum modo, as suas realidades às personagens do séc. XVI. Recordo e refiro, só por curiosidade, uma das prendas sugeridas, por exemplo, à Brizida Vaz foi a internet e o telemóvel, visto que estes meios tecnológicos iriam facilitar o contacto com todas as pessoas que ela conhecia, no âmbito da sua profissão.

Por se tratar de uma turma inserida no Projeto Turma Mais, nem todos os alunos estavam, em sala de aula, tivemos o cuidado de, antecipadamente, e junto com a orientadora, pedir aos outros elementos da turma, que não estavam presentes, que no final da aula se deslocassem para receber os marcadores de livros e explicámos todas as atividades que tinham sido realizadas.

Muito embora seja a orientadora a responsável pela avaliação dos alunos, nós também nos pronunciámos, mesmo nestes momentos pontuais em que lecionámos, através da observação direta, nos itens: conhecimento da obra; capacidade de argumentação; correção na expressão e criatividade. (apêndice 2.2)

No início do 2º período a nossa participação e lecionação debruçou-se sobre o episódio “Consílio dos Deuses”, da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões. A orientadora já tinha trabalhado o contexto histórico-cultural e social da obra, os conceitos de epopeia, estrutura

interna e externa do poema. Junto com a minha colega Eva, planificámos a aula, tomando decisões sobre as metodologias, as estratégias e as atividades a implementar. (Apêndice 3.4) O episódio é extenso e com bastantes particularidades, por isso foram necessárias duas aulas de noventa minutos para explorarmos os conteúdos constantes na nossa planificação.

Como motivação inicial, apresentámos uma imagem alusiva a este episódio (Apêndice 3.2), que os alunos já conheciam de uma visita de estudo realizada a Lisboa, ao Museu Militar. Devo acrescentar que eu e as minhas colegas também participámos nessa atividade extracurricular, que foi extremamente interessante. Os alunos identificaram, de imediato, a imagem, o que prova, que em contexto extra-aula, também as aprendizagens fazem muito sentido para os jovens alunos.

Depois de analisada a imagem foram distribuídas cópias com uma adaptação em prosa de *Os Lusíadas* de Amélia Pinto Pais, sobre o «Consílio dos Deuses» (Apêndice 3.1). Quando propusémos uma atividade de leitura oral, alguns alunos ofereceram-se. Convém referir, que houve sempre cuidado e preocupação em não impor nada aos alunos, mas sim solicitar a sua participação. Há alunos que não gostam de ler nem de se expor. Nesta atividade, os restantes alunos também leram, mas depois de alguns voluntários o terem feito.

Com o objetivo de rever conteúdos já lecionados, foi apresentado um *power point* (Apêndice 3) pela minha colega Eva. A interação verbal esteve presente nestes momentos, em que os alunos iam colocando questões e nós íamos respondendo.

Após este momento inicial da aula, procedemos à audição das estrofes 19 a 30, através de um Cd de outro manual de 9º ano. Logo a seguir, nós passámos à leitura orientada das primeiras estrofes, (da 19 à 29) leitura com pausas e explicação de alguns versos, com o apoio de um *power point* (Apêndice 3.2). Os alunos iam participando, pois já conheciam o conteúdo, pela leitura da versão de Amélia Pinto Pais. A nosso ver, foi um apoio para a compreensão das estrofes, enquanto que, em simultâneo, os alunos tomaram contacto com outra obra. Cada diapositivo apresentava duas ideias-chave da estrofe. No final, este documento foi fornecido aos alunos.

Foi proposta uma atividade, do manual, em simultâneo (também, por sugestão, da orientadora, pois os alunos estão muito habituados a utilizar este recurso e é princípio orientador do departamento que os alunos rentabilizem os manuais). Para cada questão, a resposta era corrigida, oralmente e por escrito, tendo os alunos, sempre, localizado a

informação, nas estrofes correspondentes, mobilizando as metas: responder por escrito, de forma completa, a questões sobre um texto e responder com eficácia e correção a instruções de trabalho, detetando rigorosamente o foco da pergunta.

No segundo bloco, foram adotadas as mesmas estratégias para a exploração das restantes estrofes 30 a 41 e realizados e corrigidos os exercícios dos manuais. Para além das questões que o manual propunha enquanto planificámos, considerámos pertinente consultar outra documentação e introduzir aspetos não abordados pelo manual adotado. No final da aula, foi entregue uma ficha informativa (Apêndice 3.3) aos alunos com todos os aspetos importantes, visto tratar-se de uma turma de 9º ano de prova final externa, e ser fundamental a sistematização de conteúdos.

Em conjunto com a orientadora Maria Teodora, decidiu-se enviar a correção dos exercícios do manual (Apêndice 3.3), por escrito, aos alunos, possibilitando a sua consulta posterior.

Uma das estratégias muito utilizada, na atualidade, é sem dúvida, o recurso às TIC, pelas vantagens que possui. Hoje em dia, os nossos alunos, pelo menos a grande maioria, têm acesso à internet, por isso como forma de rentabilizar recursos a maior parte dos documentos, essencialmente os de consulta, eram distribuídos por email. Esta estratégia facilita a consulta posterior dos alunos e também o acompanhamento dos pais, caso estes queiram conhecer, de perto, a vida escolar dos seus educandos.

A terceira intervenção da nossa parte nesta turma do 9º C, foi uma aula assistida pela orientadora Profª Drª Ângela Balça, da Universidade de Évora. O conteúdo proposto pela orientadora foi - texto poético. Em função do *corpus* proposto pelas Metas Curriculares do Ensino Básico, 3º ciclo, cada uma de nós selecionou um poeta e um poema. As nossas escolhas tiveram por base alguns critérios, a saber o facto de serem contemporâneos e algumas características do ponto de vista literário, nas temáticas e na visão da vida. A minha colega optou por um poema de Fernando Pessoa e após a sua escolha eu não hesitei e escolhi um poeta/escritor, que me é bastante querido, trata-se de Mário de Sá Carneiro. (Apêndice 5.5)

Os primeiros quarenta e cinco minutos foram explorados pela minha colega Eva sobre o poema “O Menino de sua Mãe”. Como motivação inicial, foi visualizado um vídeo sobre a poesia enquanto género literário. Seguidamente, foram lembradas algumas noções de versificação, através um *power point* (Apêndice 5) e uma ficha informativa (Apêndice 5.2), já

que este ano letivo, os alunos ainda não tinham iniciado o estudo do texto poético. Essa informação, que faz parte de conteúdos de anos anteriores, foi assim revista.

Antes de introduzir a leitura e análise do poema, foi visualizado um vídeo sobre a biografia de Fernando Pessoa (Apêndice 5.1). Foram destacados vários aspetos relativos ao contexto e à obra do poeta, destacando a sua importância como uma das maiores referências literárias do panorama nacional e internacional.

Quanto ao poema, primeiro foi feita uma audição seguida de leitura pela colega e levantamento de algumas questões formais e de conteúdo.

Para a concretização do segundo momento da aula, da minha responsabilidade, consultei toda a bibliografia que possuo, relativa a poesia e também a Mário de Sá Carneiro.

Sendo o poema escolhido pela minha colega alusivo à infância, pareceu-me pertinente a abordagem do poema “Recreio”. Deste modo, a temática não seria tão distanciada da explorada. De referir, que há a limitação do tempo, quarenta e cinco minutos para cada docente, resultante do regime de docência a dois, e é sempre mais rentável para os alunos, a articulação e a coerência nos procedimentos, no que concerne às estratégias e metodologias utilizadas.

Como atividade de motivação, expus alguns dados biográficos de Mário de Sá Carneiro, questionando os alunos sobre o seu conhecimento. Nenhum aluno conhecia este poeta. Levei vários livros, que possuo tanto de poesia como narrativas, que fiz passar pelos alunos, a fim de que manuseassem as obras, tocando-as e «cheirando-as». A meu ver, este contacto com o livro, que é muito personalizado, pode suscitar o interesse pela leitura. Transmiti também aos alunos, a minha experiência com este autor. O efeito da «contaminação» referido no Guião de Implementação da Leitura, publicação feita aquando da saída dos Novos Programas do Português é, de facto, importante. Para ensinarmos algo, temos que convencer e só conseguimos esse propósito se transmitirmos o gosto e o conhecimento. O professor de Português deve ter hábitos de leitura, com experiências diversificadas, para conseguir levar os alunos a ler, contando-lhes leituras significativas, por exemplo do universo lido com o mesmo nível etário, pela aproximação e afinidades que tal facto pode gerar entre professor e alunos. Dar-lhes a conhecer leituras clássicas, que marcaram as nossas vidas ou leituras específicas, com temas, que suscitam muita curiosidade na adolescência, entre outros. Pude constatar, aquando da apresentação de trabalhos de leituras realizadas, pelos alunos desta turma, facto já referenciado, noutro ponto, deste relatório, que algumas das leituras, também eu as fizera,

naquela idade. Fiquei bastante satisfeita quando verifiquei que três ou quatro alunos anotaram alguns nomes das obras, isto revela que o objetivo foi atingido.

Após esta atividade de motivação, visualizámos um vídeo sobre a biografia de Mário de Sá Carneiro e os alunos colocaram, logo, algumas questões sobre o seu suicídio. Como calculei que isto iria acontecer e visto que tenho um dos livros de compilação de cartas entre os dois escritores Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa decidi, previamente, imprimir uma das últimas cartas em que Mário de Sá Carneiro anuncia a sua morte ao amigo (Apêndice 5.4). A leitura foi realizada pelos alunos e o assunto da mesma discutido depois em grande grupo.

Passámos então à audição do poema “Recreio” com locução pelo expressivo ator, Mário Viegas, com um vídeo alusivo ao mesmo. Os alunos estiveram muito atentos e foi perceptível o seu entusiasmo. Em seguida, realizou-se a leitura orientada, destacando alguns aspectos temáticos, a simbologia dos objetos: baloiço, bibe, casaca, e os conceitos antagónicos: felicidade/infelicidade, vida/morte. Foram também identificados alguns recursos expressivos, já conhecidos dos alunos a aliteração e a metáfora.

A abordagem de um conteúdo gramatical teria sido pertinente. A aprendizagem ou a revisão de qualquer conteúdo da competência - Gramática - deve ser feita em contexto, com exemplos textuais. Optei por incluir a revisão da classe do Nome e subclasses, na minha planificação. Há, no entanto, que referir que não foi possível concretizar este momento da aula, dado o interesse mostrado pelos alunos nas questões relacionadas com o conteúdo. Como é sabido, as questões relacionadas com os temas: morte, tragédias, suicídios suscitam interesse da parte de todos. Durante a adolescência, então a curiosidade é mais intensa, pelo mistério que envolve, e os alunos colocaram várias questões. Parece-nos ser importante o cumprimento de um plano de aula, mas dada a especificidade da competência da Educação Literária e a importância de que esta se reveste no percurso dos alunos, sentimos que foi um ganho esta opção, para não limitar o interesse manifestado pelos jovens alunos.

Manifestei, posteriormente, disponibilidade, para dar continuidade ao trabalho planificado, na aula seguinte, tendo a orientadora da escola considerado que haveria outras oportunidades de rever este conteúdo, visto que os alunos tinham, claramente, gostado da aula e que a escolha dos poemas tinha sido bem conseguida. De destacar que a orientadora da Universidade, que também assistiu a esta aula, corroborou com a opinião da orientadora da escola, não tecendo nenhum comentário depreciativo, sobre a aula, nem sobre a planificação, tendo elogiado o meu tom de voz e a atitude em sala de aula. Em relação ao não cumprimento

do plano, no que concerne à gramática, a orientadora da Universidade também concordou com a opinião da orientadora da escola.

A última aula lecionada nesta turma foi planificada (Anexo 5) e implementada, apenas pela nossa colega Maria de Jesus. O conteúdo trabalhado foi a coordenação e a subordinação, (as orações subordinadas substantivas relativas). É de salientar que a minha colega conseguiu arranjar estratégias diversificadas e criativas que proporcionaram aprendizagens aos alunos de forma atractiva (Anexo 6).

Descrição e análise reflexiva das aulas de Português (12º Ano)

No que concerne às aulas da turma de 12º ano, a orientadora teceu algumas considerações sobre o comportamento dos alunos e sugeriu que a nossa intervenção fosse, apenas, no 2º período.

Nas primeiras observações de aulas, percebemos que havia nesta turma um conjunto de particularidades. O que mais me impressionou foi o facto destes alunos estarem sempre na defensiva, questionando o papel do professor e todas as suas estratégias. Não considero necessário, nem ético, referir os problemas que nos foram reportados relativos aos comportamentos de alguns destes jovens.

Falemos, então, da nossa intervenção. A orientadora apresentara o contexto social, cultural e histórico da obra obra *Felizmente há Luar* de Luís Stau Monteiro e nós procurámos retomar, de uma forma sintética, os conteúdos por ela abordados, com vista à consolidação desses conhecimentos, partindo do pressuposto, de que é fundamental enquadrar e contextualizar a obra literária.

A aula teve início com a minha colega Eva, que apresentou um *power point* sobre o contexto da obra (Apêndice 7). Passou-se à audição de uma música de Zeca Afonso, canção sugerida no manual.

A minha intervenção teve início com uma breve explicação sobre o texto dramático, as suas características e a influência do teatro épico - Brechtiano na obra de Stau Monteiro, através de um *power point* e de fichas informativas do manual. Foram apresentados os

conceitos, nomeadamente tempo real / tempo da escrita e o efeito de distanciação e exemplificados com expressões textuais. (Apêndice 7)

De seguida, passámos à audição do primeiro excerto da obra, apresentado no manual e, só depois desta, foram distribuídas as personagens, aleatoriamente, pelos alunos, que fizeram uma leitura expressiva. É importante referir que, de acordo com indicações da orientadora, era suposto os alunos já terem feito, neste momento, a leitura integral da obra. Pensamos que neste nível etário e neste ano de escolaridade, os alunos já devem ter adquirido estratégias várias de leitura, o que lhes permitirá compreender, descodificar, apreciar e refletir sobre aspetos sociais, morais e psicológicos da obra. Quando planificámos a nossa sessão, tivemos em consideração as duas possibilidades, ou seja, o conhecimento da obra e o não conhecimento, pois nem sempre os alunos cumprem com as tarefas propostas pelo professor. Constatámos, que, de facto, nenhum aluno tinha lido o texto. Por essa razão, procurámos utilizar uma estratégia, que os envolvesse a todos. Questionámos os alunos, sobre o excerto, envolvendo-os na participação. Após a apresentação das respostas, acrescentava alguns aspetos importantes, que ainda não tivessem sido referidos, entre os quais: personagens e sua caracterização do tipo direta e indireta, nos modos físico e psicológico, o espaço e o tempo, sempre com exemplificação, através de expressões textuais, para que os conteúdos façam mais sentido para os alunos.

Mereceu toda a nossa atenção a questão da simbologia (Apêndice 7), fundamental, para a compreensão do texto. E, neste âmbito, analisámos e descodificámos o título *Felizmente há luar*. Assim como o enunciado “felizmente há luar”, presente na obra. Debruçamo-nos sobre os aspetos comuns do início dos dois atos e da frase que os introduz.

O tempo de implementação para cada uma de nós foi de apenas quarenta e cinco minutos. Foi analisado o primeiro excerto e embora tenha preparado a análise do segundo, tal não foi possível.

O balanço geral foi bastante positivo. Observámos interesse e participação da parte dos alunos. Procurámos manter-nos serenas e seguras e correu bem.

Descrição e análise reflexiva das aulas de Espanhol

A primeira aula lecionada por nós ocorreu logo após a interrupção do Natal. Até esse momento, apenas assistimos e colaborámos em tudo quanto éramos solicitadas pela orientadora. É crucial mencionar que a observação das aulas de Espanhol foi muito importante também, por se tratar de uma língua estrangeira e importava estar atentas a todas as especificidades que envolve o seu ensino/aprendizagem. Também o nível etário dos alunos faz toda a diferença, pois os alunos de 7º ano, das turmas às quais assistimos, eram muito infantis, provocando turbulência e barulho desnecessários, o que prejudicou o normal funcionamento das aulas. Mesmo assim, verificámos que motivados, estes alunos conseguiam distinguir os momentos de trabalho em que era necessária a concentração, dos momentos de conversa com os colegas. Constatámos, de novo, que as especificidades das turmas condicionam o nosso trabalho e que é em função dos alunos que o nosso trabalho deve ser planejado. As turmas de 7º ano faziam parte do projeto Turma Mais, (turmas A e B), sendo que numa terceira turma, existiam alunos da A e da B. Assistimos a aulas dos três grupos, o que foi vantajoso e enriquecedor pela observação das diferenças dos alunos e pela diversidade e adequação de estratégias, em função do público alvo. Após as observações, em conjunto com a orientadora, discutíamos toda a planificação da aula, as estratégias utilizadas em cada turma e o que resultava ou não em cada uma delas.

Conforme sugestão da orientadora Helena, a primeira aula nossa seria lecionada no dia 6 de janeiro, que coincidia com o horário de uma das turmas e com a data festiva da cultura espanhola - *Los Reyes*. (Apêndice 1.3)

O nosso principal objetivo era sensibilizar os alunos, que estavam a iniciar uma língua estrangeira nova, para as particularidades da cultura espanhola, tentando, sempre que possível, fazer a ponte com a cultura portuguesa.

O dia de *Los Reyes* é um dia importante para as crianças em Espanha, o que difere de Portugal, pois é nesse dia, que há entrega, partilha e receção das prendas natalícias. Em quase todas as cidades, existe a cavalgada de *Los Reyes*, onde atores caracterizados de reis magos distribuem as prendas tão desejadas às crianças.

Num primeiro momento da aula, foi mostrado um *power point* (Apêndice 1) onde de forma breve e apelativa surgiam várias imagens alusivas ao Natal, legendadas com o vocabulário específico. Posteriormente, procedemos à audição de um *Villancico*. (Apêndice 1.1) Os alunos gostaram e tentaram reproduzir principalmente o refrão. É sabido que as canções são um recurso aliciante para os jovens, que, em simultâneo, lhes permite desenvolver

a expressão oral e a aquisição de vocabulário. Foi distribuída uma ficha de trabalho, com exercícios lexicais de preenchimento de espaços em branco e de legendagem de imagens (Apêndice 1.2). O vocabulário fora previamente fornecido, através dos materiais já entregues. Com esta atividade, pretendia-se que os alunos adquirissem vocabulário específico e aprendessem aspetos da cultura espanhola.

Por fim, e com a devida autorização da orientadora levámos diferentes tipos de torrão (doçaria gastronómica feita com frutos secos, mel e frutos cristalizados) para os alunos provarem. É curioso que nenhum deles conhecia, nem tinha provado, a iguaria, apesar da proximidade geográfica, entre Portugal e Espanha e mesmo da cidade de Badajoz, a tão poucos quilómetros de Estremoz.

Devo referir que a aula correu bem, a receção dos alunos foi boa assim como as atitudes, no geral. Mostraram-se, inclusivé, mais calmos e menos conversadores do que nas aulas da orientadora. Esta aula aproximou-nos dos alunos e a forma como eles nos encaravam passou a ser diferente. Nas aulas seguintes, cumprimentavam-nos de modo mais efusivo e carinhoso perguntando, quando iríamos dar aulas novamente.

Por motivos de saúde, devidamente comprovada, não participei na lecionação da segunda aula de Espanhol, contudo participei na planificação e preparação dos materiais com as minhas colegas.

A unidade sugerida pela orientadora foi - *En casa* - . Na sequência do trabalho da orientadora, planificou-se (Apêndice 4.2) a lecionação de conteúdos gramaticais - os marcadores temporais e espaciais. Foi preparado um *power point* (Apêndice 4) sobre esta matéria, com imagens e frases-chave, para ser aliciante e perceptível para os alunos. Pretendia-se que este recurso constituísse um apoio para sistematização e estudo dos alunos.

No que concerne ao vocabulário da casa, preparou-se um *power point* (Apêndice 4.1), seguido de um jogo interativo com os alunos. Esse jogo foi criado através do programa *Scratch*.

Reportaram-me as minhas colegas que a aula resultou bastante bem e eu fiquei com pena de não ter estado presente. Procurei, junto com a orientadora, analisar a possibilidade de lecionar a aula em outro momento, mas não foi possível, por questões de calendarização e de planificação.

A nossa última e terceira intervenção foi realizada pelas três e assistida pelas duas orientadoras, a da escola e a da Universidade. A unidade a lecionar - *Mis Rutinas* prendia-se com vocabulário das rotinas diárias de qualquer jovem e a partir destas trabalharíamos os verbos de *cambio vocálico* e reflexivos. O bloco foi de noventa minutos.

Nas reuniões que tivemos, planificámos (Apêndice 6.1) a sessão e só depois aleatoriamente, distribuímos os conteúdos e os materiais já criados. Penso que foi uma boa forma de trabalharmos, só depois de todos os recursos criados é que dividimos a sessão.

Tivemos em conta o constante no manual, conforme proposta da orientadora da escola, daí que tenhamos conduzido a aula de acordo com as sugestões apresentadas. No entanto, considerámos motivador criar um *power point* com as rotinas de uma figura pública familiar dos alunos - a cantora Shakira, de nacionalidade colombiana (Apêndice 6). A partir dos verbos utilizados, partiu-se para a revisão do Presente do Indicativo dos verbos regulares, como ponto de partida para a observação das particularidades dos verbos com *cambio vocálico*.

Seguidamente, apresentou-se uma atividade de escuta presente no manual, que consistia na audição de um monólogo de uma personagem, que apresentava as suas rotinas e os alunos observavam as correspondentes imagens, sem legendas, que posteriormente, após a escuta deveriam preencher. Saliente-se que existia um apoio, para a realização da tarefa, com expressões no infinitivo sobre as rotinas, para os alunos poderem consultar.

De seguida, passou-se à observação de uma imagem do manual referente ao texto “El niño más sucio del mundo”, que apresentava um menino, que não se lavava e por essa razão tinha uma barata gigante, em casa, devido à sujidade. A imagem servia de atividade de pré-leitura do texto. Em seguida, procedeu-se à audição do texto, atividade que mobilizava a competência da compreensão oral. Nas línguas estrangeiras, os meios áudio, com gravação de falantes nativos são muito importantes, pois permitem aos jovens alunos contactar com a verdadeira pronúncia da língua. Após a audição, os alunos são convidados a ler o texto, de forma expressiva, com vista à compreensão do mesmo, através de um conjunto de questões do manual. A competência mobilizada é a compreensão escrita. Apesar de termos utilizado essas questões, acrescentaram-se outras, que se debruçavam sobre o paralelismo entre as vivências e experiências dos alunos com a personagem principal do texto.

Verificou-se que os alunos estiveram atentos, participativos e cooperantes e mantiveram uma postura correta, ao longo de toda a aula. A destacar um aluno, repente, que

poucas vezes intervinha, ou só o fazia quando solicitado, nesta aula esteve bastante ativo e quis participar, com frequência. e de forma pertinente.

A orientadora da Universidade não particularizou nenhuma crítica à nossa prestação, a nenhuma das orientandas, nem à planificação, tendo referido que a aula correrá bem.

Chegadas ao final deste nosso percurso, ficam as saudades. Há sempre alunos que nos marcam e que nos deixam boas recordações. A turma de 9º ano é o exemplo perfeito disso. De uma forma geral, eram alunos bastante participativos, colaboradores, bem comportados e amáveis. Quanto às outras turmas, tinham as suas especificidades, mas a relação foi boa também. Há uma observação que deixo registada e que se prende com o funcionamento da Turma Mais, que não permitiu que todos os alunos da turma origem estivessem presentes, nos momentos em que nós interviemos.

Avaliação das aprendizagens

A avaliação é inerente a qualquer tarefa de natureza diversa. Em educação e instrução, ao nível do processo ensino/aprendizagem avaliar é importante e necessário, para aferir, para refletir e melhorar práticas e também para classificar.

O decreto-lei 139/2012 nos seus artigos 24º , 25º e 28º define as modalidades que compreende a avaliação, a saber a diagnóstica, a formativa e a sumativa e os efeitos da avaliação. De acordo com o artº 24ª, nos seus nºs 2, 3 e 4 :

2- A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que seja considerado oportuno, devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional.

3 - A avaliação formativa assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorreu, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento do processo e estratégias.

4- A avaliação sumativa traduz-se na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e certificação e inclui:

- a) A avaliação sumativa interna da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão e de administração dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas;
- b) A avaliação sumativa externa da responsabilidade dos serviços ou entidades do Ministério da Educação e Ciência designados para o efeito.

A avaliação diagnóstica foi da responsabilidade das orientadoras. A avaliação formativa e contínua é a que nós aplicámos durante a nossa prática supervisionada, sendo que a observação direta das atitudes e dos conhecimentos foi o instrumento mais utilizado. Esta modalidade de avaliação é importante porque permite, não só ao docente repensar e rever as suas práticas como também aos discentes ter a consciência das lacunas na aprendizagem dos diferentes conteúdos.

Nos diferentes momentos da nossa intervenção foi feita avaliação formativa, no âmbito de várias atividades que passo a indicar: no sétimo ano, ao nível da atividade das *rotinas*, em que se avaliou a compreensão e expressão oral com apoio; no nono ano, a atividade de improvisação, texto de Gil Vicente a apresentação de argumentação e de opiniões pessoais, sendo que as competências da leitura e da educação literária foram mobilizadas; ainda no nono ano, em o “Consílio dos Deuses” de *Os Lusíadas* e no poema “Recreio” de Mário de Sá Carneiro, nas questões do manual, às quais os alunos responderam, foram avaliadas a leitura e a educação literária, assim como a expressão oral.

Em termos de expressão escrita, a avaliação foi feita em colaboração com a orientadora, tendo esta realizado os registos.

O Despacho Normativo 13/2014 é o despacho vigente, que regulamenta a avaliação do ensino básico e secundário. No seu artº 3º define os intervenientes e as competências da avaliação enquanto que no artº 4º indica a existência dos critérios de avaliação, os órgãos responsáveis pela sua elaboração (departamentos curriculares) e a responsabilidade e divulgação da parte do Diretor.

Na escola, tomámos conhecimento dos critérios de avaliação e apercebemo-nos que na elaboração dos instrumentos de avaliação, no que se refere ao Português, quer do nono ano,

quer do décimo segundo, havia a preocupação de se manter a estrutura das provas finais nacionais, a fim de que os alunos tivessem contacto com a estrutura daquelas.

Os critérios de avaliação da Escola Secundária/3 de Santa Isabel são entre outros, no domínio das atitudes os seguintes: a assiduidade, a pontualidade, o respeito por si e pelos outros, a participação ordenada, o empenho na realização das atividades, o espírito de iniciativa, o espírito crítico e de entreajuda, a autonomia e a responsabilidade. (Anexo)

A autoavaliação é importante porque envolve os alunos na sua própria avaliação, conforme o previsto no Despacho Normativo 13/2014, no seu artº 3º, nº 1 alínea b). Apenas propusemos aos alunos um momento de auto-avaliação a propósito da atividade *Las Rutinas* nas aulas de Espanhol de 7º ano.

A avaliação sumativa foi da exclusiva responsabilidade das orientadoras, por motivos óbvios, dado o número reduzido de aulas lecionadas pelo grupo da prática de ensino supervisionada. No entanto, tivémos conhecimento dos níveis de classificação propostos pelas orientadoras.

Avaliar é sempre delicado, porque embora haja critérios de avaliação, existe sempre alguma subjetividade em nós professores, inerente à nossa condição humana. O bom senso deve sempre imperar. Em caso de dúvida, na atribuição de um nível, dever-se-á beneficiar o aluno.

Tarefas e elaboração de materiais

Já foi mencionado no início deste ponto, que o grupo da prática de ensino supervisionada trabalhou sempre em conjunto, discutindo propostas e partilhando tarefas. Propostas relativas a estratégias, metodologias e recursos eram consideradas, em função das turmas, considerando, de igual modo, as diferentes opiniões.

A nossa base de trabalho sempre foi o manual. Hoje em dia, os manuais apresentam imensas potencialidades, são bastante atrativos e no caso particular dos nossos alunos tinham como hábito, já, usá-los, diariamente, nas suas aulas. Partindo do manual, sempre que considerámos pertinente, utilizámos outros documentos.

Hoje em dia, as novas tecnologias permitem aceder a inúmeros materiais, mas como nem todos são confiáveis existem cuidados a ter nas pesquisas. Uma das possibilidades que os manuais permitem é aceder ao portal Escola Virtual. Neste portal existem vários *power points*, vídeos e atividades que podem e devem ser utilizados em sala de aula. Socorremo-nos deste portal e utilizámos algum material, que por ser editável, adaptámos aos nossos alunos.

Para além destes recursos, recorremos a outros manuais dos mesmos anos de escolaridade, a fim de analisarmos as diferentes atividades e de selecionarmos as mais adequadas, foi o caso da aula planificada de *Os Lusíadas*, em que foi utilizado um Cd, material de apoio de outro manual.

Ao nível do Português, foi consultada alguma biobibliografia sobre os autores e obras que abordámos, nomeadamente *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho e *História da Literatura* de António José Saraiva e de Óscar Lopes, entre outros. No respeitante ao Espanhol, houve a preocupação de apresentarmos documentos autênticos, pelos ganhos que isso aporta aos alunos. Também foram consultados documentos do portal da Escola Virtual e sites pertencentes à Real Academia ou Instituto Cervantes.

Uma das mais valias desta escola era a facilidade com que os professores podiam recorrer às novas tecnologias em sala de aula, inclusive em tempo real. Isto é de louvar e nós propusémo-nos rentabilizar, sempre, estes recursos. Quando achámos oportuno e conveniente, recorremos a vídeos e/ou músicas disponíveis online para auxiliar as nossas atividades. Citam-se como exemplos a audição da canção de Zeca Afonso, *Villancico* e jogo do Scratch (7º ano).

C. Análise da Prática de Ensino

Chegadas ao final, importa fazer o balanço e refletir sobre a nossa prática de ensino supervisionada.

Em termos de receção na escola pela comunidade, em geral, pela Direção e pelos colegas, sentimo-nos bem, perfeitamente integradas. Quanto às orientadoras cooperantes, já foi mencionado que o seu acompanhamento foi marcante e muito esclarecedor. O nosso trabalho de equipa das três alunas da prática de ensino supervisionada foi caracterizado pelo bom entendimento, cooperação e partilha, num trabalho de equipa, no claro sentido da expressão.

As turmas nas quais fomos avaliadas, na prática de ensino supervisionada, foram três: 7º ano, Espanhol; 9º ano, Português e 12º ano Português, todas elas com especificidades muito próprias. Procurámos conceber as nossas planificações e fazer as nossas escolhas, em termos de estratégias, considerando as suas características. Procurámos conceber aulas dinâmicas, com atividades que propiciassem interação entre professoras e alunos e entre alunos/alunos, desenvolvendo entre estes um espírito de cooperação e de entreajuda, no sentido de desenvolver a autonomia e os conhecimentos. Assumimos um papel de mediadoras e condutoras das atividades, sabendo ouvir, mesmo o que não era pertinente, mas corrigindo e orientando. Sabemos que alguns alunos apresentam dificuldades e não podemos limitar, logo, as suas intervenções inadequadas, pois corre-se o risco de o aluno ficar inibido e inseguro. Quanto aos alunos, que participam, de forma adequada, utilizámos o reforço positivo, para que continuassem com esta atitude, assim permitindo que desenvolvessem a sua autoestima, e adquirissem competências. Estamos cientes de que conseguimos criar um ambiente facilitador das aprendizagens, mantendo-nos, em movimento na sala de aula, próximas dos alunos, com o cuidado de não nos colocarmos nunca de costas para eles. Procurámos utilizar uma expressão correta, num nível de linguagem cuidado, sempre modalizando o discurso, em função das faixas etárias dos alunos, pois isso é fundamental, na comunicação.

Consideramos que, no geral, os alunos gostaram das aulas e aprenderam, pois nos minutos finais, questionávamo-los sobre as atividades desenvolvidas e eles respondiam que tinham gostado. Em alguns momentos, dentro e fora da sala de aula, dirigiam-se a nós, perguntando quando seria a nossa intervenção.

Os métodos áudio-oral e o audiovisual, através dos recursos disponíveis na escola (que já referimos que eram eficazes) foram os mais utilizados, porque, na nossa opinião resultam bastante. As gravações de textos ou declamações de poemas, por profissionais das artes, proporcionam aos alunos momentos apazíveis e expressivos, que eles tentam reproduzir,

imitando ritmo e entoação. Com o recurso das canções, trabalham-se várias competências, com a tónica no desenvolvimento lexical e na oralidade. E constrói-se um momento descontraído, nas aulas, em que acabamos por cantar todos, nem que seja o refrão. Em relação aos pequenos vídeos, na era das tecnologias, a imagem com as suas potencialidades, exploradas pelas novas tecnologias, constitui um recurso indispensável, nas aulas.

Conforme, já foi indicado, os manuais foram muito utilizados, por sugestão imperiosa das orientadoras, mas há a referir que, embora os tenhamos rentabilizado, não nos cingimos, apenas, a esse recurso. A Escola Virtual foi também fonte de alguns dos recursos usados.

Esta análise da prática de ensino constituiu para nós uma fonte de aprendizagem, uma vez que nos permitiu sempre refletir, em conjunto com o grupo, com as orientadoras cooperantes e com a orientadora da Universidade. Resulta desta análise, que há sempre a consciência de que podemos melhorar. Um dos aspetos que eu considero que nos podíamos ter envolvido mais foi na avaliação dos alunos. Entre os pontos fortes, podemos referir o bom relacionamento com os alunos, e o cumprimento dos nossos planos de aula, excetuando um momento, já referenciado no ponto B, deste relatório.

Numa perspetiva crítica, gostaria de deixar a minha opinião, que vale o que vale, sobre a forma como está estruturado este modelo de prática de ensino supervisionada. Penso que a co-docência pode condicionar a nossa criatividade e a capacidade de improvisação. Se é um facto, que também aprendemos, através da observação das aulas, também o é, que podemos ganhar «vícios». Durante um ano letivo, são poucas as nossas intervenções. Sem dúvida, que há um crescimento que tem que ser pessoal, e é com todas as experiências, que crescemos, pois possuímos a capacidade de discernimento, para realizar estudos e fazer opções adequadas. Mas, a meu ver, é na ação, «estar no terreno», que se aprende verdadeiramente, praticando, ouvindo, orientando, corrigindo e improvisando.

Participação em outras actividades

Neste ponto, indicam-se as atividades extracurriculares em que participámos. No que diz respeito ao 9º ano, participámos na visita de estudo a Lisboa, que consistia numa visita ao Museu Militar e numa ida ao teatro, para assistir à adaptação do texto dramático de Gil Vicente *O Auto da Barca do Inferno*, pela Companhia de Teatro - *O Sonho*, com encenação de Joaquim Pessoa.

Durante a manhã no museu, visitámos uma vasta exposição sobre material bélico, bem como algumas obras de arte de pintura e de azulejaria. Seguidamente, conhecemos a *Sala de Camões* onde estão expostas várias telas, de Columbano e Condeixa, alusivas aos vários episódios de *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

À tarde, fomos assistir à representação de *O Auto da Barca do Inferno*. Como os alunos ainda tinham presente o estudo da obra vicentina, verificou-se o seu agrado e a sua participação entusiasta, pois era um espectáculo interativo. Os comentários posteriores foram pertinentes e com grande sentido crítico.

Esta atividade pretendia, em simultâneo, permitir que os alunos assistissem à representação da obra estudada do dramaturgo, revendo este conteúdo e motivá-los também para o estudo da epopeia camoniana.

O 12º ano também teve uma visita de estudo (uma passeio intitulado *peçoano* e um visionamento de uma adaptação de *O Memorial do Convento* de José Saramago). Resultou que não havia lugar no autocarro e não pudémos participar. A registar que a organização não foi da responsabilidade da orientadora Maria Teodora Graça, porque caso tivesse sido, estou certa de que todas as diligências tinham sido feitas para que participássemos (o grupo da prática de ensino supervisionada).

Quanto ao Espanhol, foi também organizada uma visita a Mérida, cujo objectivo essencial era viver e experienciar o contacto direto com a língua e a cultura espanholas. O património arquitetónico foi o nosso pólo de principal interesse, o Museu de Arte Romano, o Anfiteatro e o Circo. Já tinha o privilégio de conhecer muito bem todos estes monumentos, viajo regularmente a esta cidade e todos os anos assisto a pelo menos um espectáculo no Festival de Teatro Clássico de Mérida. Aproveitei para partilhar com os alunos, em pequenos grupos, as minhas experiências, tentando motivá-los, ou pelo menos criar curiosidade, em poderem algum dia voltar.

Desta viagem, o mais importante a destacar é o contacto com a língua. Os alunos têm, normalmente, no início, alguma inibição em comunicar em língua estrangeira, por vezes por não possuírem vocabulário suficiente e adequado. Porém, verificámos que, de um modo geral, os jovens até se expressaram, em alguns momentos em língua espanhola, em atos de fala mais elementares, (cumprimentar, agradecer, despedir-se, solicitar uma informação) pois trata-se de alunos de nível um, iniciação.

É uma evidência que estas experiências em contexto educativo, com colegas e professores, agradam aos jovens e resultam em grandes aprendizagens. É sabido que muitos destes nossos alunos, por razões económicas ou outras não têm acesso a estes momentos, que são extremamente enriquecedores. Lamenta-se que nem sempre haja verbas disponíveis para estas atividades. Ainda hoje recorro com muito carinho e nostalgia todas as visitas de estudo que fiz e todos os locais que visitei.

D. Desenvolvimento Profissional

O interesse e a motivação pela prática docente foi sempre o motivo da escolha desta carreira universitária. E acredito que será isto que me dará força ao longo da vida, para vencer as adversidades, que irei sentir ao longo da vida profissional, dadas as contingências sociais vigentes.

Sou das que ainda acredita na profissão docente como uma missão. Cresci em contacto, com ela, pois a minha mãe é professora, por vocação e por gosto. Eu própria brincava às professoras, em criança.

Considero que a prática de ensino supervisionada é o culminar de um percurso académico abrangente e é essencial na formação do professor. Cabe aqui mencionar que o papel do orientador cooperante, é marcante para a vida. Este deve possuir determinadas características, não só de sabedoria científica, mas sobretudo de disponibilidade, de abertura e de humildade. Diga-se, em abono da verdade, que as orientadoras cooperantes eram um claro exemplo deste perfil. As suas considerações foram críticas e construtivas, marcadas por uma atitude de proximidade e de afeto constantes. Senti, todavia, necessidade de mais intervenção da Orientadora da Universidade, não só presencial, como também no final das aulas assistidas.

Como já referi, noutra parte deste relatório, fiz estágio pedagógico, na área de Estudos Teatrais, mas os moldes foram completamente diferentes.

A atitude com que encarei esta prática de ensino supervisionada foi a mesma, de há nove anos atrás, sede de aprender, de me valorizar e de abraçar esta profissão como uma carreira. Confesso que a área do Português me amedrontava mais, visto que, ao nível da lecionação do Espanhol, já tinha alguma experiência. Curiosamente, lecionar Português fascinou-me e aprendi imenso. Tal facto advém, também, do trabalho excelente promovido pela orientadora cooperante Maria Teodora e da minha disponibilidade e aplicação constantes.

Na linha de todo o conteúdo deste relatório, reitera-se a importância da formação contínua para qualquer professor. Não é oportuno referir aqui, mas, apenas fiz formação, no âmbito da área, em que sou profissionalizada e relacionada com a minha função no Instituto Politécnico de Beja, lecionação de Expressão Dramática.

No âmbito do Português e do Espanhol, este ano não me foi possível, realizar formação, por questões de tempo, embora durante a Licenciatura e fase inicial do Mestrado, em todas as propostas organizadas pela Universidade de Évora, tenha participado e obviamente colhido vários ensinamentos.

Do trabalho na escola, senti que não somos uma “ilha” e que a partilha e a cooperação entre os professores e outros técnicos é crucial, para melhor responder às problemáticas diversas existentes, na escola atual. A complexidade do processo ensino-aprendizagem exige que nós tenhamos a consciência da necessidade premente de aprender, de nos atualizarmos e de aprofundarmos conhecimentos. E essa formação deverá ser contínua e diversificada, abarcando não só a área científica, como também outras, ao nível da didática, da pedagogia e das TIC.

Comunicar com as crianças e com os jovens é sempre um desafio. Aprendi que se lhes fizermos sentir que gostamos deles, mais facilmente conseguimos transmitir-lhes ensinamentos e valores. Com a crise social, a escola tem que mudar e está, de facto, a mudar. Os alunos têm ao seu alcance, fora da escola, muitos meios facilitadores de ocupação de tempos livres mais imediatos e em consequência disso, não apresentam motivação pela escola e pelo estudo. Cabe à escola, na pessoa do professor oferecer aquilo a que os alunos não têm acesso, através de estratégias e de atividades atrativas.

Conclusão

Em jeito de conclusão, e após deixar este relato da experiência de prática de ensino supervisionada, na Escola Secundária/3 de Estremoz, estou convicta de que ser professor, na sociedade atual constitui um verdadeiro desafio social.

Pede-se ao professor que seja o educador, o burocrata, o mediador de conflitos, o técnico «de serviço social» e «o psicólogo". Indubitavelmente, a sociedade mudou e com ela a visão do professor.

Esta aprendizagem em contexto escolar, que foi a nossa prática de ensino constitui uma etapa no nosso percurso, em que, em consciência, assumimos, de novo, num compromisso com a inovação, a investigação e a conseqüente reflexão. Só um professor bem preparado, consegue ser seguro e firme nas suas tomadas de decisão. A humildade e a tolerância devem nortear os nossos procedimentos na sala de aula, na escola e na comunidade, em geral e pois não temos um saber enciclopédico e *errare humanum est*.

Atrever-me-ia a dizer, que o professor, neste processo complexo do ensino-aprendizagem, é também, ele um aprendiz. E desta aprendizagem, que também fazemos com os alunos, que nascem as cumplicidades e ao fim e ao cabo a amizade, tão imprescindível, para que os consigamos ensinar e preparar para a vida.

Sentimos que fizemos um trabalho responsável, sempre visando que as aprendizagens dos nossos alunos, fossem bem sucedidas.

Bibliografia

ALARCÃO, I.; FREITAS, C. V. ; PONTE, J.P. ALARCÃO, J. ; TAVARES, M. J. F. ,A (1997) formação de professores no Portugal de hoje. Documento de trabalho do Conselho de Reitores da Universidade Portuguesa. Disponível em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/j.ponte_docs-pt/97 -Alarcão-Ponte CRUP\).rtf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/j.ponte_docs-pt/97 -Alarcão-Ponte CRUP).rtf). (Acedido em 03/08/15)

Assembleia da República. (1986). *Lei de bases do sistema educativo*. Lisboa
<http://www.sec-geral.mec.pt/legislacao/15/18/all/all/all> (acedido em 20/05/2015)

Balça, Ângela & Figueiredo, M^a Cristina. (2012). *RPD – Revista Profissão Docente, online*.
<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/396/627> (acedido em 10/06/2015)

Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.

Dec-Lei 43/2007 de 22 de Fevereiro

Despacho Normativo nº 17169/2011. Diário da República, I Série
<http://rbe.mec.pt/np4/428.html> (acedido em 15/05/2015)

Despacho Normativo nº 13/2014. Diário da República
http://m.aevnb.ccems.pt/pluginfile.php/5084/mod_page/content/2/desp_norm_avaliacao_14_15.pdf (acedido em 11/06/2015)

Escola Secundária/3 Estremoz, *Projeto Educativo*, (2014-2017), (acedido em 30/09/2014)
<http://www.esrsi.edu.pt/index.php/2014-09-18-07-22-51/institucionais>

Estatuto do Aluno e da Ética Escolar - lei nº 51/2012 de 5 de setembro
<file:///C:/Users/User/Downloads/0510305119.pdf> (Acedido em 20/05/2015)

Magalhães, Olga & Costa, Fernanda (2012). *Entre Margens – Português 12º Ano*. Porto: Porto Editora.

Metas Curriculares Ensino Básico 1º, 2º e 3º ciclos (2012)

Ministério da Educação. (1997). *Programa de espanhol – Programa e organização curricular – Ensino básico 3º ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação. (2001). *Programa de espanhol – nível de iniciação 10º ano – Formação específica*. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário.

Ministério da Educação. (2001/2002). *Programa de português – 10.º, 11.º e 12.º ano – Formação específica*. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário.

Ministério da Educação. (2009) . Programa de Português do Ensino Básico

Mira, A. R. & Mira, M. I. (2002). *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras – Metodologias de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras – perspectiva diacrónica*. Évora: Universidade.

Mira, A. R. & Silva, L. M. (2007). Notas sobre o valor formativo do sumário, na aula. *Educação, Temas e Problemas.*, 4, 295-307.

Mira, A. R. (1997). O poder do verbo, o valor do silêncio. In M. Patrício (Ed.), *A Escola cultural e os valores*. (pp. 717-719). Porto: Porto Editora.

Moreira, Luísa; Meira, Suzana & Morgádez, Manuel del Pino (2012). *Pasapalabra – Espanhol 7º Ano Nível 1 – A1.2*. Porto: Porto Editora.

Pinto, Elisa C. & Baptista, Vera (2012). *Novo Plural 9 Português – 3º Ciclo – 9º Ano*. Viseu: Raiz Editora.

PONTE, J. P. OLIVEIRA, ; H. Remar contra a maré: a construção do conhecimento e da identidade profissional na formação inicial. *Revista de Educação*.11 (2). 2002. Disponível em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/j.ponte_docs-pt/03-JP-HO (Rev.Educação). (acedido em 10/08/15)

Anexos

1. - Planificação anual (9.º - Português)	Págs. 57-61
2. - Planificação anual (7.º - Espanhol)	Págs. 62-68
3. - Critérios de Avaliação	Págs. 70-82
4. <i>Power point</i> (Orações)	Pàg. 83
5. Planificação (Orações)	Págs. 84-89
6. <i>Power point</i> (Didascálias/Notas à margem)	Pág. 90

PLANIFICAÇÃO ANUAL DE PORTUGUÊS

9º ANO

ANO LETIVO 2014/2015

1º PERÍODO

CONTEÚDOS	DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS E DESCRITORES DE DESEMPENHO	GRAMÁTICA	AVALIAÇÃO
<p>UNIDADE 0</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o manual • Objetivos individuais • Obras de leitura orientada 			<ul style="list-style-type: none"> ➤ Teste diagnóstico
<p>UNIDADE 1</p> <p>Textos Narrativos</p> <p><u>Leitura /Educação Literária</u></p> <p><u>Oralidade</u></p> <p><u>Escrita</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade • Ler e interpretar textos literários • Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa • Reconhecer a variação da língua • Interpretar discursos orais • Consolidar processos de registo e tratamento da informação ouvida • Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral • Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar conhecimentos adquiridos nos anos anteriores. • Explicitar aspetos fundamentais da morfologia • Reconhecer as diversas classes de palavras • Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Testes de compreensão oral ➤ Testes de expressão oral ➤ Oficinas de escrita ➤ Resolução de questionários de leitura ➤ Resolução de questionários sobre gramática ➤ Testes de avaliação formativa ➤ Testes de avaliação sumativa

<p>UNIDADE 2 Textos Dramáticos <u>Leitura/Educação literária</u></p> <p><u>Oralidade</u></p> <p><u>Escrita</u></p>	<p>discursiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos orais de diferentes tipos e com diferentes finalidades • Escrever para expressar conhecimentos • Planificar e redigir textos com coerência e correcção linguística. • Escrever textos diversos <ul style="list-style-type: none"> • Ler, interpretar e apreciar textos literários e outros • Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais • Organizar e tratar a informação • Reconhecer a variação da língua • Ouvir e interpretar discursos orais e consolidar processos de registo e tratamento da informação ouvida • Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral • Produzir textos orais de diferentes tipos e com diferentes finalidades • Escrever para expressar conhecimentos • Planificar e redigir textos com coerência e correcção linguística. • Escrever textos diversos • Ler e escrever para fluência estética 	<p>Mobilizar conhecimentos adquiridos nos anos anteriores.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicitar aspetos da fonologia do português • Reconhecer propriedades das palavras e formas de organização do léxico 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Testes de compreensão oral ➤ Testes de expressão oral ➤ Oficinas de escrita ➤ Resolução de questionários de leitura ➤ Resolução de questionários sobre gramática ➤ Testes de avaliação formativa ➤ Testes de avaliação sumativa
---	--	---	---

3º PERÍODO

CONTEÚDOS	DOMÍNIO DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS E DESCRITORES DE DESEMPENHO	GRAMÁTICA	AVALIAÇÃO
UNIDADE 4 Textos Poéticos <u>Leitura /Educação Literária</u> <u>Oralidade</u> <u>Escrita</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e interpretar textos literários (poemas) • Ouvir e interpretar discursos poemas • Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral • Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva. • Escrever para expressar conhecimentos • Planificar e redigir textos com coerência e correcção linguística. • Escrever textos diversos 	Mobilizar conhecimentos adquiridos nos anos anteriores.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Testes de compreensão oral ➤ Testes de expressão oral ➤ Oficinas de escrita ➤ Resolução de questionários de leitura ➤ Resolução de questionários sobre gramática ➤ Testes de avaliação formativa ➤ Testes de avaliação sumativa

2º PERÍODO

CONTEÚDOS	DOMÍNIO DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS E DESCRITORES DE DESEMPENHO	GRAMÁTICA	AVALIAÇÃO
<p>UNIDADE 3</p> <p>Narrativa Épica_ <u>Leitura /Educação Literária</u></p> <p><u>Oralidade</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade • Ler e interpretar textos literários • Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa • Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais • Organizar e tratar a informação • Interpretar discursos orais • Consolidar processos de registo e tratamento da informação ouvida • Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral • Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva. • Produzir textos orais de diferentes tipos e com diferentes finalidades • Escrever para expressar conhecimentos • Planificar e redigir textos com 	<p>Mobilizar conhecimentos adquiridos nos anos anteriores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Testes de compreensão oral ➤ Testes de expressão oral ➤ Oficinas de escrita ➤ Resolução de questionários de leitura ➤ Resolução de questionários sobre gramática ➤ Testes de avaliação formativa ➤ Testes de avaliação sumativa



Escrita

coerência e correcção linguística.

- Escrever textos diversos

Ler e escrever para fruição estética

PLANIFICACIÓN ANUAL

ASIGNATURA: Español

CURSO: 7º

AÑO ESCOLAR: 2014/2015

CLASES PREVISTAS: 100/102

COMPETENCIAS ESENCIALES	CONTENIDOS			ACTIVIDADES	MATERIALES	EVALUACIÓN
	Léxicos/Culturales	Gramaticales	Funcionales			
<p>COMPRENSIÓN ORAL</p> <p>Comprender textos orales cortos, contextualizados en situaciones concretas de comunicación</p> <p>Identificar los interlocutores y entender la relación entre ellos</p> <p>Reconocer el tono de la voz y la entonación como elementos indicativos de la actitud del hablante</p> <p>Comprender las ideas principales de los textos</p>	<p>UNIDAD 0: PRIMERAS IMPRESIONES</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Falsos amigos <input type="checkbox"/> El alfabeto <input type="checkbox"/> Vocabulario general 	<p>UNIDAD 0: PRIMERAS IMPRESIONES</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Puntuación <input type="checkbox"/> Ir a + infinitivo 	<p>UNIDAD 0: PRIMERAS IMPRESIONES</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Saludos y despedidas <input type="checkbox"/> Pronunciación 	<p>Interacción entre profesor / alumno y alumno / profesor</p> <p>Ejercicios de vocabulario (asociaciones entre palabras crucigramas, etc.)</p> <p>Ejercicios de sistematización de los contenidos gramaticales;</p>	<p>Manual adoptado: PASAPALABRA, Porto Editora</p> <p>Libro de ejercicios del manual adoptado</p> <p>Cintas de video y audio</p> <p>Gramáticas</p> <p>Cuaderno individual del alumno</p>	<p>Evaluación diagnóstica</p> <p>Evaluación formativa:</p> <p>Observación directa</p> <p>Fichas de trabajo en grupo, parejas o individuales</p> <p>Deberes</p>
	<p>UNIDAD 1: ME PRESENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Vocabulario relacionado con la identificación, datos personales, nombres y apellidos, nombres familiares, nacionalidades y la edad 	<p>UNIDAD 1: ME PRESENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Numerales e Interrogativos <input type="checkbox"/> Nacionalidades (género y número) <input type="checkbox"/> Usos de tú / usted 	<p>UNIDAD 1: ME PRESENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Los recursos para presentarse y presentar a alguien 			

<p>Entender instrucciones</p>		<p><input type="checkbox"/> Presente de indicativo de los verbos llamarse, ser y tener</p>		<p>Fichas de trabajo</p>	<p>Fotocopias</p>	
<p>EXPRESIÓN ORAL</p> <p>Utilizar el castellano para expresarse de manera cotidiana en la</p>	<p>UNIDAD 2: EN CLASE</p> <p><input type="checkbox"/> Vocabulario relacionado con el colegio / tipos de alumnos</p>	<p>UNIDAD 2: EN CLASE</p> <p><input type="checkbox"/> Artículos determinados e indeterminados</p>	<p>UNIDAD 2: EN CLASE</p> <p><input type="checkbox"/> Utilizar expresiones relacionadas con la clase</p>	<p>Cuestionarios diagnósticos</p> <p>Lectura e interpretación de textos</p>	<p>Revistas, periódicos...</p> <p>Diccionarios</p>	<p>Evaluación cualitativa</p> <p>Pruebas de evaluación</p>

<p>clase, comunicándose con los compañeros y el profesor</p> <p>Producir enunciados orales adecuados a la situación y al interlocutor</p> <p>Utilizar el registro adecuado al tema, al contexto y a las finalidades comunicativas</p> <p>Organizar coherentemente las ideas transmitidas</p> <p>Utilizar varias estrategias para superar dificultades de expresión oral</p> <p>COMPRENSIÓN ESCRITA</p> <p>Comprender textos escritos cortos y diálogos de naturaleza diversificada, contextualizados en situaciones concretas</p> <p>Interpretar documentos auténticos simples (folletos turísticos, anuncios publicitarios, planes de ciudades, etc.)</p> <p>Identificar la idea principal de un texto</p>	<p><input type="checkbox"/> Rutinas de estudio (horas y días de la semana)</p> <p>UNIDAD 3: MIS COMPAÑEROS</p> <p><input type="checkbox"/> Cuerpo humano y la caracterización física</p> <p>UNIDAD 4: EN FAMILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • La familia: parentesco • Fiestas • Familia típica española <p>UNIDAD 5: EN CASA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Habitaciones • Muebles y objetos 	<ul style="list-style-type: none"> • Artículos contractos (al y del) • Verbos regulares en presente de indicativo <p>UNIDAD 3: MIS COMPAÑEROS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verbo gustar • Comparativos regulares • Determinantes y pronombres demostrativos <p>UNIDAD 4: EN FAMILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Determinantes posesivos • Verbos en presente de indicativo: irregularidad en la 1ª persona singular <p>UNIDAD 5: EN CASA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Haber / Estar • Marcadores espaciales • Pronombres de objeto directo 	<p><input type="checkbox"/> Saber caracterizarse como alumno y describir sus rutinas de estudio</p> <p>UNIDAD 3: MIS COMPAÑEROS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar físicamente a una persona • Hacer comparaciones • Expresar gustos <p>UNIDAD 4: EN FAMILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar relaciones de parentesco • Caracterizar la familia <p>UNIDAD 5: EN CASA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situar objetos • Distinguir diferentes tipos de casas 	<p>Ejercicios de expresión oral y escrita</p> <p>Comprensión oral de cintas (diálogos, textos, canciones, etc.)</p> <p>Descripción y comentario de textos orales / escritos y de imágenes</p> <p>Producción y comprensión de textos escritos</p> <p>Producción y exposición de trabajos</p> <p>Exposición oral de trabajos</p> <p>Proyección de videos y ejercicios en la pizarra interactiva</p>		
--	---	--	---	---	--	--

<p>EXPRESIÓN ESCRITA</p> <p>Producir textos escritos con el objetivo de satisfacer las necesidades personales de comunicación (invitaciones, pedidos, felicitaciones, etc.)</p> <p>Elaborar textos escritos simples con una adecuada estructura lógica, respetando las finalidades comunicativas</p> <p>Contestar a encuestas y cuestionarios;</p> <p>Recurrir a diversos tipos de estrategias para superar problemas de insuficiencia de vocabulario</p>	<p>UNIDAD 6: MIS RUTINAS</p> <p><input type="checkbox"/> Vocabulario relacionado con las rutinas diarias</p> <p>UNIDAD 7: DE OCIO</p> <p><input type="checkbox"/> Actividades de tiempo libre</p> <p>UNIDAD 8: DE COMPRAS</p> <p><input type="checkbox"/> Consumo</p> <p><input type="checkbox"/> Tiendas y productos</p> <p>UNIDAD 9: EN LA CIUDAD</p> <p><input type="checkbox"/> Ciudad, espacios y servicios</p>	<p>UNIDAD 6: MIS RUTINAS</p> <p><input type="checkbox"/> Presente de indicativo de los verbos reflexivos e Irregulares</p> <p>UNIDAD 7: DE OCIO</p> <p><input type="checkbox"/> Gerundio (formas regulares)</p> <p>UNIDAD 8: DE COMPRAS</p> <p><input type="checkbox"/> Contraste de tiempos de pasado: pretérito indefinido y perfecto</p> <p><input type="checkbox"/> Marcadores Temporales</p> <p>UNIDAD 9: EN LA CIUDAD</p> <p><input type="checkbox"/> Marcadores espaciales</p> <p><input type="checkbox"/> Imperativo afirmativo</p>	<p>UNIDAD 6: MIS RUTINAS</p> <p><input type="checkbox"/> Describir acciones cotidianas, hábitos y costumbres</p> <p>UNIDAD 7: DE OCIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Llamar por teléfono • Describir lo que hacen los tiempos libres <p>UNIDAD 8: DE COMPRAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ir de compras • Preguntar y decir precios e informaciones <p>UNIDAD 9: EN LA CIUDAD</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dar y pedir indicaciones en la ciudad • Escribir una post 			
--	--	---	--	--	--	--

La profesora:

Helena Nunes

(Helena Nu



ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL DE ESTREMOZ - 402643



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Departamento: Língua Materna – Ano Letivo 2014 / 2015

3º Ciclo

Disciplina: LÍNGUA PORTUGUESA

Critérios Gerais	Critérios Específicos	Instrumentos de Avaliação	Pesos
------------------	-----------------------	---------------------------	-------

Competências e Saberes (80%)	<ul style="list-style-type: none"> • Domina os conceitos e conteúdos programáticos; • Domina a terminologia da disciplina; • Usa corretamente a Língua Portuguesa na expressão escrita e/ou oral; • Revela capacidade escrita e/ou oral; • Usa os saberes culturais, científicos e tecnológicos para interpretar a realidade; • Usa as metodologias adequadas para a pesquisa, seleção e organização da informação; • Manifesta capacidade de análise, de reflexão, de síntese e de crítica; • Sabe apresentar de forma metódica ideias próprias ou resultados de investigação; • Adota estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; • É capaz de refletir sobre a sua aprendizagem. 	<p>Compreensão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de extrair informação de discursos de diferentes géneros formais e públicos do oral, cuja complexidade e duração exijam focalização da atenção por períodos prolongados; - Conhecimento das estratégias linguísticas e não linguísticas utilizadas explícita e implicitamente para realizar diferentes objetivos comunicativos; 	<p>Testes;</p>	55%
		<p>Expressão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de utilização de recursos expressivos, linguísticos e não linguísticos, como estratégias de adesão, de oposição e de persuasão ; - Conhecimento vocabular e gramatical requerido nos géneros formais e públicos do oral necessários para o prosseguimento de estudos e para a entrada na vida profissional; <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade para reconstruir mentalmente o significado de um texto (literário e não literário) em função da relevância e da hierarquização das unidades informativas deste; - Conhecimento das chaves linguísticas e textuais que permitem desfazer ambiguidades, deduzir sentidos implícitos e reconhecer usos figurativos; <p>Expressão escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade para usar multifuncionalmente a escrita, com a consciência das escolhas decorrentes da função, forma e destinatário; - Conhecimento dos géneros textuais e das técnicas de correção e aperfeiçoamento dos produtos do processo de escrita; <p>Conhecimento explícito:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de reflexão linguística com objetivos cognitivos gerais e específicos; - Conhecimento sistematizado dos aspetos fundamentais da estrutura e do uso do Português padrão, pela apropriação de metodologias de análise da língua. 	<p>Avaliação da oralidade (observação na aula, momento formal de expressão oral – exposição, apresentação...);</p> <p>Outros trabalhos (fichas/trabalhos de pares, individuais, de grupo, portefólio, ...).</p>	20%
				5%



	CrITÉRIOS Gerais	CrITÉRIOS EspecÍficos	Pesos	Instrumentos de AvaliaÇão
Atitudes e valores (20%)	AdequaÇão ao papel de aluno	<ul style="list-style-type: none"> • É assÍduo e pontual; • Revela atenÇão e concentraÇão; • Faz-se acompanhar do material; • Respeita os materiais, equipamentos e normas de seguranÇa. 	6%	Grelhas de registo de observaÇão; Relatório de auto-avaliaÇão.
	RelaÇão com os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve atributos de tolerância e respeito pelos outros e por outras culturas. 	4%	
	Comportamentos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Manifesta empenho na realizaÇão das tarefas atribuídas; • Participa frequentemente com qualidade e oportunidade; • Exprime e fundamenta as suas opiniões, revelando espÍrito crÍtico; • Manifesta curiosidade e aceita desafios, partilhando riscos e dificuldades; • Manifesta atitudes de autonomia, responsabilidade, iniciativa e criatividade; • Cooperar em tarefas e projetos comuns. 	10%	

Modalidades de avaliação

	Instrumentos	Momentos de avaliação
Avaliação Diagnóstica	Pode ser formal ou informal. Informalmente, no caso das sequências pedagógicas. Formalmente, assume a forma de um teste escrito e abrange todos os domínios da disciplina: expressão oral / compreensão oral / leitura / escrita / funcionamento da língua	Início do primeiro período e sempre que se considere necessário
Avaliação Formativa	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas; - Exercícios do manual e do livro de exercícios; - Grelhas de observação direta. 	Ao longo dos três períodos
Avaliação Sumativa	<p>“A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objetivos a classificação e a certificação e inclui:</p> <p>a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola;</p> <p>b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos competentes serviços centrais do Ministério da Educação, concretizada na realização de exames finais nacionais. “</p> <ul style="list-style-type: none"> - Provas escritas; - Trabalhos de pares, de grupo ou individuais; - Avaliação da oralidade. 	Ao longo dos três períodos

Competências transversais

Os critérios gerais contemplam as três competências transversais: domínio da Língua Portuguesa, Educação para a Cidadania e Recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação.

O domínio da Língua Portuguesa será avaliado em trabalhos escritos e em intervenções orais.

Competências e Saberes (90%)	<ul style="list-style-type: none"> • Domina os conceitos e conteúdos programáticos; • Domina a terminologia da disciplina; • Usa corretamente a Língua Portuguesa na expressão escrita e/ou oral; • Revela capacidade escrita e/ou oral; • Usa os saberes culturais, científicos e tecnológicos para interpretar a realidade; • Usa as metodologias adequadas para a pesquisa, seleção e organização da informação; • Manifesta capacidade de análise, de reflexão, de síntese e de crítica; • Sabe apresentar de forma metódica ideias próprias ou resultados de investigação; • Adota estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; • É capaz de refletir sobre a sua aprendizagem. 	<p>Compreensão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpreta textos/discursos orais, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem; 	Testes;	65%
		<p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressa-se oralmente com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação; - Utiliza métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); 	Avaliação da oralidade (observação na aula, momento formal de expressão oral – exposição, apresentação...);	25%
		<p>Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escreve com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação; - Utiliza métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpreta textos/discursos escritos, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem; - Desenvolve capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, onde predominam efeitos estéticos e retóricos, nomeadamente os textos literários, mas também os do domínio da publicidade e da informação mediática; - Desenvolve o gosto pela leitura dos textos de literatura em língua portuguesa e da literatura universal, como forma de descobrir a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua e de ampliar o conhecimento do mundo; <p>Funcionamento da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Procede a uma reflexão linguística e a uma sistematização de conhecimentos sobre o funcionamento da língua, a sua gramática, o modo de estruturação de textos/discursos, com vista a uma utilização correta e adequada dos modos de expressão linguística; - Desenvolve os processos linguísticos, cognitivos e metacognitivos necessários à operacionalização de cada uma das competências de compreensão e produção nas modalidades oral e escrita. 	Outros trabalhos (fichas/trabalhos de pares, individuais, de grupo, portefólio,...).	----

	CrITÉrios Gerais	CrITÉrios EspecÍficos	Pesos	Instrumentos de AvaliaÇão
Atitudes e valores (10%)	AdequaÇão ao papel de aluno	<ul style="list-style-type: none"> • É assÍduo e pontual; • Revela atenÇão e concentraÇão; • Faz-se acompanhar do material; • Respeita os materiais, equipamentos e normas de seguranÇa. 	3%	Grelhas de registo de observaÇão; Relatório de auto-avaliaÇão.
	RelaÇão com os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve atributos de tolerância e respeito pelos outros e por outras culturas. 	2%	
	Comportamentos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Manifesta empenho na realizaÇão das tarefas atribuídas; • Participa frequentemente com qualidade e oportunidade; • Exprime e fundamenta as suas opiniões, revelando espÍrito crÍtico; • Manifesta curiosidade e aceita desafios, partilhando riscos e dificuldades; • Manifesta atitudes de autonomia, responsabilidade, iniciativa e criatividade; • Cooperar em tarefas e projetos comuns. 	5%	

Modalidades de avaliação

	Instrumentos	Momentos de avaliação
Avaliação Diagnóstica	Pode ser formal ou informal. Informalmente, no caso das sequências pedagógicas. Formalmente, assume a forma de um teste escrito e abrange todos os domínios da disciplina: expressão oral / compreensão oral / leitura / escrita / funcionamento da língua	Início do primeiro período e sempre que se considere necessário
Avaliação Formativa	<p>“A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objetivos a classificação e a certificação e inclui:</p> <p>a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola;</p> <p>b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos competentes serviços centrais do Ministério da Educação, concretizada na realização de exames finais nacionais. “</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fichas - Exercícios do manual e do livro de exercícios - Grelhas de observação direta 	Ao longo dos três períodos
Avaliação Sumativa	<ul style="list-style-type: none"> - Provas escritas - Trabalhos de pares, de grupo ou individuais - Avaliação da oralidade 	Ao longo dos três períodos

Competências transversais

Os critérios gerais contemplam as três competências transversais: domínio da Língua Portuguesa, Educação para a

Cidadania e Recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação.

O domínio da Língua Portuguesa será avaliado em trabalhos escritos e em intervenções orais.

A Educação para a Cidadania é avaliada nos diversos parâmetros contemplados nas Atitudes e Valores.

As Tecnologias de Informação e Comunicação são utilizadas e avaliadas em pesquisas, trabalhos, apresentações e outras atividades.

Auto-avaliação

A auto-avaliação é feita no final de cada período, oralmente ou por escrito (grelha ou relatório).



ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL DE ESTREMOZ - 402643

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Departamento: Língua Materna – Ano Letivo 2014 / 2015

Cursos Profissionais

Disciplina: PORTUGUÊS



Critérios Gerais	Critérios Específicos	Instrumentos de Avaliação	Pesos
------------------	-----------------------	---------------------------	-------

Competências e Saberes (80%)	<ul style="list-style-type: none"> • Domina os conceitos e conteúdos programáticos; • Domina a terminologia da disciplina; • Usa corretamente a Língua Portuguesa na expressão escrita e/ou oral; • Revela capacidade escrita e/ou oral; • Usa os saberes culturais, científicos e tecnológicos para interpretar a realidade; • Usa as metodologias adequadas para a pesquisa, seleção e organização da informação; • Manifesta capacidade de análise, de reflexão, de síntese e de crítica; • Sabe apresentar de forma metódica ideias próprias ou resultados de investigação; • Adota estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; • É capaz de refletir sobre a sua aprendizagem. 	<p>Compreensão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpreta textos/discursos orais, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem; <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressa-se oralmente com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação; - Utiliza métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); <p>Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escreve com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação; - Utiliza métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC); <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpreta textos/discursos escritos, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem; - Desenvolve capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, onde predominam efeitos estéticos e retóricos, nomeadamente os textos literários, mas também os do domínio da publicidade e da informação mediática; - Desenvolve o gosto pela leitura dos textos de literatura em língua portuguesa e da literatura universal, como forma de descobrir a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua e de ampliar o conhecimento do mundo; <p>Funcionamento da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Procede a uma reflexão linguística e a uma sistematização de conhecimentos sobre o funcionamento da língua, a sua gramática, o modo de estruturação de textos/discursos, com vista a uma utilização correcta e adequada dos modos de expressão linguística; - Desenvolve os processos linguísticos, cognitivos e metacognitivos necessários à operacionalização de cada uma das competências de compreensão e produção nas modalidades oral e escrita. 	<p>Testes;</p> <p>Avaliação da oralidade (observação na aula, exposição, apresentação...);</p> <p>Outros trabalhos (fichas/trabalhos de pares, individuais, de grupo, portefólio...).</p>	<p>50%</p> <p>10%</p> <p>20%</p>



	CrITÉrios Gerais	CrITÉrios EspecÍficos	Pesos	Instrumentos de AvaliaÇão
Atitudes e valores (20%)	AdequaÇão ao papel de aluno	<ul style="list-style-type: none"> • É assÍduo e pontual; • Revela atenÇão e concentraÇão; • Faz-se acompanhar do material; • Respeita os materiais, equipamentos e normas de seguranÇa. 	6%	Grelhas de registo de observaÇão RelatÓrio de auto-avaliaÇão
	RelaÇão com os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve atributos de tolerância e respeito pelos outros e por outras culturas. 	4%	
	Comportamentos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Manifesta empenho na realizaÇão das tarefas atribuídas; • Participa frequentemente com qualidade e oportunidade; • Exprime e fundamenta as suas opiniões, revelando espÍrito crÍtico; • Manifesta curiosidade e aceita desafios, partilhando riscos e dificuldades; • Manifesta atitudes de autonomia, responsabilidade, iniciativa e criatividade; • Coopera em tarefas e projetos comuns. 	10%	

Modalidades de avaliação

	Instrumentos	Momentos de avaliação
Avaliação Diagnóstica	Pode ser formal ou informal. Informalmente, no caso das sequências pedagógicas. Formalmente, assume a forma de um teste escrito e abrange todos os domínios da disciplina: expressão oral / compreensão oral / leitura / escrita / funcionamento da língua.	Início do primeiro período e sempre que se considere necessário.
Avaliação Formativa	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas; - Exercícios do manual e do livro de exercícios; - Grelhas de observação directa. 	Sempre que se considere necessário
Avaliação Sumativa	<p>“A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objetivos a classificação e a certificação e inclui:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola; b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos competentes serviços centrais do Ministério da Educação, concretizada na realização de exames finais nacionais. “ <ul style="list-style-type: none"> - Provas escritas; - Trabalhos de pares, de grupo ou individuais - Avaliação da oralidade. 	No final de cada módulo.

Competências transversais

Os critérios gerais contemplam as três competências transversais: domínio da Língua Portuguesa, Educação para a Cidadania e Recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação.

O domínio da Língua Portuguesa será avaliado em trabalhos escritos e em intervenções orais.

A Educação para a Cidadania é avaliada nos diversos parâmetros contemplados nas Atitudes e Valores.

As Tecnologias de Informação e Comunicação são utilizadas e avaliadas em pesquisas, trabalhos, apresentações e outras

atividades.

Auto-avaliação

A auto-avaliação é feita no final de cada período, oralmente ou por escrito (grelha ou relatório).

Frases simples e frases complexas
 Orações coordenadas e orações subordinadas

A professora ensina os alunos frase simples
 Constrói uma só oração porque contém um só verbo

Os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas

Oração simples
 Contém um só oração porque contém um só verbo

Frase complexa
 Porque contém mais de que uma oração

A professora ensina os alunos e os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas

A professora ensina os alunos e os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas

Como explicar?

Uma frase complexa

Como explicar?

Muito simples

A professora ensina os alunos e os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas

Para explicar a diferença entre as frases coordenadas e subordinadas, vamos apresentar alguns exemplos.

Exemplos de frases complexas:
 A professora ensina os alunos e os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas.
 A professora ensina os alunos e os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas.

Exemplos de frases simples:
 A professora ensina os alunos.
 Os alunos aprendem a diferença entre orações coordenadas e orações subordinadas.

Tipos de Orações Coordenadas:

- Orações Coordenadas Copulativas:** Copulativa é o nome de uma oração coordenada que serve para ligar duas orações simples, dando-lhes o mesmo nível de importância.
- Orações Coordenadas Disjuntivas:** Disjuntiva é o nome de uma oração coordenada que serve para ligar duas orações simples, dando-lhes o mesmo nível de importância.
- Orações Coordenadas Adversativas:** Adversativa é o nome de uma oração coordenada que serve para ligar duas orações simples, dando-lhes o mesmo nível de importância.
- Orações Coordenadas Correlativas:** Correlativa é o nome de uma oração coordenada que serve para ligar duas orações simples, dando-lhes o mesmo nível de importância.
- Orações Coordenadas Explicativas:** Explicativa é o nome de uma oração coordenada que serve para ligar duas orações simples, dando-lhes o mesmo nível de importância.

Tipos de Orações Subordinadas:

- Orações Subordinadas Adverbiais:** Orações subordinadas adverbiais são aquelas que dependem de uma oração principal e exercem a função de advérbio.
- Orações Subordinadas Relativas:** Orações subordinadas relativas são aquelas que dependem de uma oração principal e exercem a função de adjetivo.
- Orações Subordinadas Nominativas:** Orações subordinadas nominativas são aquelas que dependem de uma oração principal e exercem a função de sujeito.
- Orações Subordinadas Vocativas:** Orações subordinadas vocativas são aquelas que dependem de uma oração principal e exercem a função de vocativo.
- Orações Subordinadas Expletivas:** Orações subordinadas expletivas são aquelas que dependem de uma oração principal e exercem a função de expletivo.

Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas:

- Copulativas:** e, nem, mas, não só... mas também, não só... como também.
- Adversativas:** Mas, porém, contudo, entretanto, todavia, no entanto, no obstante.
- Disjuntivas:** ou, ou... ou... ou... ou...
- Correlativas:** Quanto... tanto; logo que... logo; cada vez que... sempre.
- Explicativas:** Por que, porque, pois, já que, visto que, uma vez que, desde que, desde que, desde que, desde que.

Orações subordinadas adverbiais:

Orações subordinadas relativas:

Orações subordinadas nominativas:

Orações subordinadas vocativas:

Orações subordinadas expletivas:




Orações subordinadas adverbais relativas:

Orações subordinadas adverbais relativas:

Orações subordinadas adverbais restritivas:

[Escreva texto]

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	 
---	--	--

PLANO A CURTO PRAZO

UNIDADE:	Ano: 9 ^a
	Turma: C
	Data: 16 de abril de 2015
	Tempo: 90 minutos
SUMÁRIO:	(45min.) Orações coordenadas copulativas, adversativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas. <ul style="list-style-type: none">• Visualização de um <i>power point</i> sobre orações, conjunções e locuções conjuncionais;• Realização de exercícios
	(45 min.) Orações subordinadas substantivas e relativas <ul style="list-style-type: none">• Subordinadas complectivas e relativas• Relativas restritivas e explicativas• Ficha de trabalho

[Escreva texto]

<p>MOTIVAÇÃO INICIAL</p>	<p>A aluna em Prática de Ensino Supervisionado dá início à aula, com uma frase simples sobre as orações coordenadas projectada no primeiro diapositivo do <i>power point</i></p>
-------------------------------------	--

[Escreva texto]

METAS CURRICULARES			CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO			
Gramática Leitura Oralidade	<p>Identificar orações coordenadas e orações subordinadas</p> <p>Sistematizar classes gramaticais</p> <p>Perceber a importância do domínio dos conteúdos gramaticais para uma obtenção de bons resultados na produção de textos escritos</p> <p>Fazer inferências e deduções, clarificando-as;</p> <p>Interpretar enunciados</p> <p>Focalizar o aluno na importância de perceber o objectivo das perguntas</p> <p>Mobilizar conhecimentos</p>	<p>Identificar aspetos fundamentais da sintaxe do português</p> <p>Identificar classes de palavras;</p> <p>Distinguir frase simples de frase complexa</p> <p>Distinguir conjunções e locuções conjuncionais</p> <p>Dividir e classificar orações</p> <p>Aplicar correctamente as conjunções e locuções conjuncionais na produção de textos escritos.</p>	<p>Orações coordenadas</p> <p>Orações subordinadas substantivas</p> <p>Orações subordinadas relativas</p> <p>Orações subordinadas relativas restritivas e/ou explicativas</p> <p>Conjunções e locuções conjuncionais copulativas; adversativas; disjuntivas; conclusivas; explicativas</p>	<p>Visualização de um powerpoint sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - frase simples e frase complexa - conjunções e locuções conjuncionais - orações coordenadas copulativas, adversativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas <p>Exposição de conhecimentos</p> <p>Esquematisação</p> <p>Testagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - exercícios de interacção professor-aluno - ficha de trabalho 	<p>Observação direta</p> <p>Explicitação do sentido global</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de ideias; • Descodificação de sentidos implícitos; • Identificação de regras nas noções <p>Interação com os alunos</p> <p>Ficha de trabalho sobre orações coordenadas e subordinadas substantivas e relativas</p>

[Escreva texto]

	adquiridos nos anos anteriores;				
--	------------------------------------	--	--	--	--

[Escreva texto]

MATERIAIS DIDÁCTICOS

<p><i>Power point</i> informativo Fichas de trabalho para testagem de conhecimentos</p>	<p>Manual Computador Internet Projetor Quadro Marcador</p>
---	--

DESCRIÇÃO DA AULA

(45 min.)

- 1º Projeção de um *power point* que apela à interacção professor-aluno.
- 2º Distinção entre frase simples e frase complexa
- 3º Distinção entre conjunção e locução conjuncional
- 4º Esquematização das conjunções copulativas, adversativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas
- 5º Identificação de orações coordenadas copulativas, adversativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas.
- 6º Exercícios de pergunta e resposta em interacção com os alunos

(45 min)

- 1.º Introdução às orações subordinadas substantivas relativas restritivas e explicativas
- 2º Exercícios de pergunta e resposta em interacção com os alunos
- 3.º Esquematização
- 4.º Orações subordinadas substantivas
- 5.º Exercícios de pergunta e resposta em interacção com os alunos;
- 6.º Esquematização(Nome Comum);
- 7.º Ficha de trabalho para testagem de conhecimentos.

[Escreva texto]

SUMÁRIO DA AULA (PREVISÃO)

Orações coordenadas e orações subordinadas substantivas e adjetivas relativas.
Conjunções e locuções conjuncionais.
Exercícios.
Realização de uma ficha de trabalho.

OBSERVAÇÕES

1 – Todas as perguntas do *power point* foram tiradas de antigas provas de exame final de 9º ano, bem como todas as perguntas da ficha de trabalho, sendo que, nesta última algumas perguntas foram adequadas à matéria exposta. No entanto os enunciados foram literalmente transcritos, bem como o modelo de resposta que se pede.

2- A ficha de trabalho pressupõe a resolução em aula. No entanto, ficará para trabalho de casa, caso não se consiga cumprir o tempo previsto para a matéria planificada.

BIBLIOGRAFIA

Pinto, Elisa Costa e Vera Saraiva Baptista (2013), *Novo Plural 9. Língua Portuguesa - 9º ano*. Raíz Editora; *Caderno de actividades*;

Magalhães, graça e Madalena Dine *Preparo a Prova Final; Preparação para a Prova Final de português*; Raíz Editora.

Cunha, Celso e Lindley Cintra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*; Edições João Sá da Costa, Lisboa, 10ª Edição, 1994

WEBGRAFIA:

[HTTP://WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT](http://www.escolavirtual.pt)

[Escreva texto]

Expressões, 12.º ano



**As notas à margem e didascálias em
Felizmente Há Luar! (ex. 4.3., pág. 250)**

Notas à margem

b. Espécie de "nota de rodapé" das falas.

c. Textos geralmente longos

f. Enunciados de teor mais subjetivo

- g. • Explicação de sons
• intencionalidade do dramaturgo com a indicação de determinados gestos, movimentos ou entoações das personagens
• Juízos valorativos sobre as personagens
• Preocupação com a interpretação do público

Porto Editora

Expressões, 12.º ano



**As notas à margem e didascálias em
Felizmente Há Luar! (ex. 4.3., pág. 250)**

Didascálias

a. Passagens em itálico e entre parênteses

d. Textos mais breves

e. Enunciados de teor objetivo

h. Indicações sobre os sons, a luz, os gestos das personagens, a prosódia, a movimentação em palco, a relação da personagem com o público, a associação de objetos a personagens

Porto Editora

Apêndices

1 – Power Point (Natal)	Págs. 90-91
1.1 Villancico	Págs. 92-93
1.2 Ficha de Trabajo	Págs. 94-95
1.3 Planificação de aula (7.º - Espanhol)	Págs. 96-98
2 – Marcadores de Livros	Págs. 99-103
2.1 - Planificação de aula (9.º C – Português)	Págs. 104-108
2.2 – Grelha de avaliação	Pág. 109
3 – Power Point (<i>Lusíadas</i>)	Pág. 110
3.1 – Ficha informativa	Pág. 111
3.2 – Power Point	Págs. 112-113
3.3 – Ficha informativa (Deuses)	Págs. 114-115
3.4 – Planificação	Págs. 116-120
4 – Power Point (Marcadores)	Pág. 121
4.1 – Power Point (Casa)	Pág. 122
4.2 Planificação	Págs. 123-128
5 – Noções de Versificação	Pág. 129
5.1 – Ficha formativa (Fernando Pessoa)	Pág. 130
5.2 – Ficha informativa (Texto Poético)	Págs. 131-132
5.3 – Correção dos exercícios	Págs. 133-134
5.4 – Carta de Mário de Sá Carneiro	Págs. 135-136
5.5 – Planificação	Págs. 137-143
6 – Power Point (Verbos Cambio Vocálico)	Pág. 144
6.1 – Planificação	Pág. 145-149
7 – Power Point (<i>Felizmente há Luar</i>)	Págs. 150- 151
7.1 – Planificação	Págs. 152-157

[Escriva texto]



LA NAVIDAD EN ESPAÑA



El Calendario Navideño

Lunes	Martes	Miércoles	Jueves	Viernes	Sábado	Domingo
	21	Lotería Nacional 	23	Nochebuena 	Día de Navidad 	26
27	Día de los Inocentes 	29	30	Nochevieja 	Día de Año Nuevo 	2
3	4	Cabalgata de reyes 	Día de Reyes 			

Las felicitaciones



Feliz Navidad y Próspero Año Nuevo
Felices Fiestas y Año Nuevo

Tarjetas de Navidad o Crtimas

La decoración de las ciudades y la casa






Los belenes en las plazas de las ciudades



Las decoraciones de las casas y las calles





El sorteo de Navidad más conocido como el gordo



22
Diciembre



Las fiestas familiares

24
Diciembre



25
Diciembre

La comida y los dulces de Navidad

 El marisco	 El besugo al horno	 El pavo asado	 El salmón ahumado
 Los mantecados	 El roscón de reyes	 El turrón	 El brazo de gitano
 Las torrijas	 Los bombones	 Los mazapanes	 Los polvorones

¿ Quién trae los regalos?




[Escriba texto]

La Nochevieja



La Puerta del Sol



Las uvas de la suerte

Las 12 campanadas

Los regalos llegan el 6 de enero



Y por la tarde...



...el chocolate caliente y el roscón de Reyes

Campana sobre campana

Campana sobre campana,
y sobre campana una,
asómate a la ventana,
verás al Niño en la cuna.

**Belén, campanas de Belén,
que los ángeles tocan
¿qué nueva me traéis?**

Recogido tu rebaño
¿a dónde vas pastorcillo?

Voy a llevar al portal
requesón, manteca y vino.

**Belén, campanas de Belén,
que los ángeles tocan
¿qué nueva me traéis?**

Campana sobre campana,
y sobre campana dos,
asómate a esa ventana,
porque está naciendo Dios.

**Belén, campanas de Belén,
que los ángeles tocan
¿qué nueva me traéis?**

Campana sobre campana,
y sobre campana tres,
en una Cruz a esta hora,
el Niño va a padecer.

**Belén, campanas de Belén,
que los ángeles tocan
¿qué nueva me traéis?**

Campana sobre campana

_____ sobre _____,
y sobre campana una,
asómate a la ventana,
verás al _____ en la _____.

Belén, campanas de _____,

que los _____ tocan

¿qué nueva me traéis?

Recogido tu rebaño

¿a dónde vas pastorcillo?

Voy a llevar al _____

requesón, manteca y vino.

_____, **campanas de Belén,**

que los _____ tocan

¿qué nueva me traéis?

Campana sobre campana,

y sobre _____ dos,

asómate a esa ventana,

porque está naciendo Dios.

Belén, campanas de _____,

que los _____ tocan

¿qué nueva me traéis?

Campana sobre campana,

y sobre campana tres,

en una Cruz a esta _____,

el _____ va a padecer.

Belén, _____ de Belén,

que los _____ tocan

¿qué nueva me traéis?

[Escriba texto]

Ficha de trabajo

Nochevieja	Roscón	Turrón	Uvas	Estrella
Matasuegras	Villancico	Reyes Magos	Carbón	Arbol de Navidad
Papá Noel	Portal de Belén	Camello	Regalos	Reno



[Escreva texto]



Buen trabajo

[Escreva texto]

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Escola Secundária Rainha Santa Isabel

Año lectivo: 2014 /2015

PLAN A CORTO TÉRMINO

Tiempo de duración: 45 minutos

Asignatura: Español Nivel: 1 Año: 7°		
Clase: +		
Unidad Temática: La Navidad y Nochevieja		
Unidad Didáctica: Navidad y nochevieja		
Estudiante: Sofia Reis e Eva Aragonez		
ACOGIDA		
PRELIMINARES INICIALES	Hablar con los alumnos sobre sus vacaciones, la navidad, los regalos e la nochevieja en Portugal. Hacer el puente para comparar sus costumbres con las costumbres españolas.	
MOTIVACIÓN REMOTA	Para esta clase	Las costumbres españolas en navidad y nochevieja.
	Para la próxima clase	
MOTIVACIÓN INICIAL	Preparación Psicológica	
	Preparación Pedagógica	

[Escreva texto]

DOMINIOS	CONTENIDOS			INDICADORES DE APRENDIZAJE	EVALUACIÓN
	TEMÁTICOS	GRAMATICALES	DISCURSIVOS/ FUNCIONALES		
<ul style="list-style-type: none"> • .Comparar determinados aspectos dos modos de vida em Espanha e Portugal: festividades; • Identificar palavras semelhantes, comparando a língua materna com a língua estrangeira I e com o espanhol; 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral; • Expressão Oral e escrita; • Aspectos socioculturais. 		<p>Vocabulário relativo à “Navidad”</p> <p>Aspectos léxico-semânticos</p>		<p>Criterios: Participación; Expresión oral</p> <p>Medios/ Instrumentos: Observación directa; Fichas de trabajo.</p>

[Escreva texto]

MATERIALES DIDÁCTICOS

--

DESCRIPCIÓN DE LA CLASE

Los profesores empiezan hablando con sus alumnos sobre las vacaciones, la Navidad, sobre si han tenido muchos regalos y cómo fue la Nochevieja. Presentan un power point con vocabulario y costumbres españolas, representadas por imágenes.

Después del power point son distribuidas fichas de trabajo. Una con una letra de un villancico “Campana sobre campana” , con huecos para que los alumnos rellenen con vocabulario sobre la Navidad mientras escuchan la canción. La otra ficha de trabajo tiene distintas imágenes y las palabras. Los alumnos deben corresponderlas.

Al final, las profesoras ofrecen turrón a los alumnos para que puedan degustar una costumbre navideña española.

SUMARIO PREVISTO

.Las costumbres españolas en Navidad y Nochevieja.

OBSERVACIONES

--

BIBLIOGRAFIA

--

WEBGRAFIA:

--

Escola
Secundária/3
Rainha Santa
Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O *Sapateiro*

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O *Fidalgo*

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O *Onzeneiro*

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Parvo

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Frade

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



A Alcoviteira

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Judeu

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Eva Aragonez Marques
Maria de Jesus Anjos
Sofia Balseiro Reis

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Corregedor

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Procurador

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Enforcado

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



Os Cavaleiros

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Anjo

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



O Diabo

Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C

O Auto da Barca do Inferno



Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

Escola Secundária/3
Rainha Santa Isabel
9º C



O Auto da Barca do Inferno



Eva Aragonez Marques
Sofia Reis
Maria dos Anjos

[Escreva texto]

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	--	---

PLANO A CURTO PRAZO

UNIDADE:	Ano: 9 ^a
	Turma: C
	Data: de Dezembro de 2014
	Tempo: 45 minutos
SUMÁRIO:	<p>(45min.)</p> <ul style="list-style-type: none">• Distribuição de marcadores de livros pelos alunos, cada um ilustra uma personagem do <i>Auto da Barca do Inferno</i>;• Improvisação a partir das personagens do <i>Auto da Barca do Inferno</i>;• Diálogo com os alunos sobre o presente que cada um atribuía à sua personagem.

[Escreva texto]

<p>MOTIVAÇÃO INICIAL</p>	<p>As alunas em Prática de Ensino Supervisionado dão início à aula, com um pequeno diálogo sobre a obra estudada e criam expectativas nos alunos a partir da distribuição das cadeiras em sala de aula, ou seja, de uma organização diferente do espaço.</p>
-------------------------------------	--

[Escreva texto]

METAS CURRICULARES			CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO			
<p>Educação literária</p> <p>Leitura</p> <p>Escrita</p> <p>Oralidade</p>	<p>Ler e interpretar textos literários;</p> <p>Apreciar textos literários;</p> <p>Situar obras literárias em função dos marcos culturais de referência;</p> <p>Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade</p> <p>Ler e escrever para fruição estética;</p> <p>Fazer inferências e deduções, clarificando-as;</p>	<p>Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros;</p> <p>Reconhecer relações que as obras estabelecem com o contexto social, histórico e cultural;</p> <p>Explicitar temas e ideias principais;</p> <p>Explicitar o sentido global do texto;</p> <p>Identificar o tema;</p> <p>Manifestar ideias e pontos de vista pertinentes;</p>			<p>Observação direta da leitura e da capacidade de interpretação do poema:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressividade ; • Entoação; • Ritmo; • Pontuação. • Identificação das ideias chave; • Explicitação do sentido global • Relação de ideias; • Descodificação de sentidos implícitos;



MATERIAIS DIDÁCTICOS

	Cadeiras
--	----------

DESCRIÇÃO DA AULA

As estagiárias organizam a sala previamente. As cadeiras são distribuídas, ao longo da sala, formando três grupos.

(45 min.)

1º São distribuídos os Marcadores de Livros pelos alunos. Cada um fica a saber a sua personagem, não podem partilhar com os colegas.

2º Os alunos que têm o Anjo e o Diabo ficam, obrigatoriamente, em dois grupos diferentes. Os restantes alunos podem distribuir-se consoante a sua vontade.

3º O grupo que não é composto nem pelo Anjo, nem pelo Diabo, tem a responsabilidade, quando solicitados pelas professoras/estagiárias, de decidir quem apresentou os argumentos mais convincentes para passar para o “paraíso” ou para o “inferno”.

4º Não esquecer que todos os alunos têm oportunidade de acrescentar mais argumentos do que os que surgem na obra original de Gil Vicente. Dando assim possibilidade, independentemente das personagens, de todos poderem prosseguir viagem para uma barca ou para outra.

5º Depois de escolhidos os dois alunos que ganharam a entrada numa barca e noutra, o terceiro grupo vai ocupar os seus lugares e tentar conquistar a passagem para uma das barcas.

6º Em grande círculo os alunos pensam e apresentam uma, possível, prenda que atribuiriam à sua personagem, esta prenda não é necessariamente um bem material, pelo contrário, apelar a valores e atitudes.

SUMÁRIO DA AULA (PREVISÃO)



**IMPROVISACÃO A PARTIR DAS PERSONAGENS DO *AUTO DA BARCA DO INFERNO*, DE GIL VICENTE.
ATIVIDADES ALUSIVAS À ÉPOCA NATALÍCIA.**

OBSERVAÇÕES

BIBLIOGRAFIA

WEBGRAFIA:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL
ESTREMOZ

Grelha de Registo Individual

Nome: _____ N.º _____ Turma: _____

Avaliação da Expressão Oral / Participação Oral										
Descritores de desempenho		1.º Período			2.º Período			3.º Período		
		NS	S	SB	NS	S	S B	NS	S	SB
Elementos prosódicos/ Paralinguís-ticos	Altura de voz									
	Timbre									
	Dicção									
	Ritmo									
	Expressão facial									
	Contacto visual									
	Gestos									
	Postura									
Organização do discurso	Cumprimento do tema									
	Adequação discursiva									
	Extensão do discurso									
	Construção frásica									
	Organização das ideias									
	Pertinência da informação									
	Justificação de opiniões									
	Repertório vocabular									
Atitudes	Fluência									
	Sabe ouvir									
	Espera pela sua vez									
	Pede a palavra									
	Demonstra interesse									
	Respeita as opiniões do outro									
Avaliação Final	Participa regular e ativamente									

Observações:



Estrutura interna

Camões respeitou com bastante fidelidade a estrutura clássica da epopeia. Em *Os Lusíadas* são claramente identificáveis quatro partes:

Proposição — O poeta começa por declarar aquilo que se propõe fazer, indicando de forma breve o assunto da sua narrativa; propõe-se, afinal, tornar conhecidos os navegadores que tornaram possível o império português no Oriente, os reis que promoveram a expansão da fé e do Império, bem como todos aqueles que se tornam dignos de admiração pelos seus feitos.

Invocação — O poeta dirige-se às **Tágides** (ninfas do Tejo), para lhes pedir o estilo e eloquência necessários à execução da sua obra; um assunto tão grandioso exigia um estilo elevado, uma eloquência superior; daí a necessidade de solicitar o auxílio das entidades protetoras dos artistas.

Dedicatória — É a parte em que o poeta oferece a sua obra ao rei **D. Sebastião**. A dedicatória não fazia parte da estrutura das epopeias primitivas; trata-se de uma inovação posterior, que reflete o **estatuto do artista, intelectualmente superior, mas social e economicamente dependente de um mecenas, um protetor**.

Narração — Constitui o núcleo fundamental da epopeia. Aqui, o poeta procura concretizar aquilo que se propôs fazer na "Proposição". Quando **Camões começa a narrar a história da viagem de Vasco da Gama à Índia** — ação principal - já a armada se encontra a meio do caminho. Diz-se, por isso, que é utilizada a técnica narrativa "in medias res".

PLANOS NARRATIVOS

Ao longo dos dez cantos que constituem *Os Lusíadas*, articulam-se quatro planos narrativos:

- **plano da viagem**
(quando se fala da viagem de Vasco da Gama à Índia);

- **plano do maravilhoso**
(quando intervêm os deuses);

- **plano da História de Portugal**
(quando se relatam factos sobre essa temática);

- **plano das considerações do Poeta**
(**considerações** e comentários de Camões expressos no início e no final dos cantos. O poeta não só glorifica os heróis como denuncia os erros e defeitos dos portugueses, sendo por isso uma espécie de **consciência crítica**).



Am os navegadores de Vasco da Gama tranquilamente navegando ali na zona do Canal de Moçambique, quando os deuses decidiram juntar-se, no monte Olimpo, a pedido de Júpiter, seu chefe, que mandara o seu veloz mensageiro Mercúrio convocá-los. É que Júpiter tinha algo muito importante a decidir: se devia ou não ajudar os portugueses a chegar à Índia, seu objectivo. Era de opinião de que devia ajudá-los, mas gostava de consultar os restantes deuses sobre o assunto, juntando-os em reunião geral, ou consílio.

Os deuses acorreram ao chamamento de Júpiter, deslocando-se pela Via Láctea, até ao Olimpo, onde se sentavam de acordo com as regras protocolares, que mandavam ficar nas filas da frente os mais antigos e poderosos e atrás os mais novos.


Iniciado o Consílio, falou, em primeiro lugar, Júpiter, que estava num trono de diamante. Foi breve no seu discurso, dizendo:

– Como provavelmente já sabereis, é intenção dos Fados, entidades mais poderosas ainda do que nós, deuses, que os portugueses venham a alcançar a Índia e a lá construir um grande império. Ora a frota de Vasco da Gama está já bastante fatigada e necessita de ajuda. Por isso, talvez seja bom prestar-lhe tal ajuda, facilitando-lhe a viagem.

Esta opinião de Júpiter não foi bem recebida por todos e de imediato se formaram dois partidos: um, comandado por Baco, deus dos baixos instintos e do vinho, que temia que os Portugueses viessem a ultrapassá-lo em fama na Índia, e entendia, por isso mesmo, que não se devia ajudar de nenhum modo os Portugueses. Um outro partido era liderado pela mais bela das deusas, Vénus, deusa do amor, que gostava dos Portugueses porque os achava parecidos com os romanos, descendentes de Eneias, seu filho e fundador de Roma. Os Portugueses eram, de facto, parecidos com os Romanos, na coragem, na língua que falavam, semelhante ao latim, e nas vitórias que, como eles, tinham tido no Norte de África. [Ela não o dizia, mas, no fundo, tinha a esperança de que, se ajudasse os Portugueses, viesse a ser estimada e celebrada por eles e o seu culto levado ao Oriente.]

Perante tão diferentes opiniões, gerou-se enorme discussão e tumulto no Olimpo, já que ninguém se entendia. Foi então que Marte, deus da guerra, muito temido pelos restantes, e antigo apaixonado por Vénus, teve uma intervenção decisiva. Bateu com o bastão no chão, exigindo silêncio, e com ar furibundo, disse que Baco tinha mau carácter, pois era movido pela inveja, e que, se assim não fosse, até devia defender os Portugueses, já que eles eram descendentes de Luso, companheiro de Baco e, segundo algumas opiniões, seu filho. Afinal o que Júpiter tinha a fazer era não voltar atrás com a decisão que pensava dever tomar e ajudar os Portugueses, que bem o mereciam. Além do mais seria *fraqueza desistir-se da coisa começada* e, como se costuma dizer, palavra de rei não volta atrás.

Perante estas palavras, Júpiter deu por findo o consílio e, depois de mandar servir um belíssimo banquete, despediu os deuses, que voltaram às suas moradas habituais. O Consílio terminava de modo favorável aos Portugueses, como tinha desejado Júpiter.



* Os Lusíadas


Consílio dos deuses



* INÍCIO DA NARRAÇÃO

19

* A narrativa inicia-se com a viagem marítima dos portugueses. Estes encontravam-se já em pleno Oceano Índico (*in medias res*), os ventos sopravam de feição e as naus iam cortando as ondas...



* CONSÍLIO DOS DEUSES NO OLIMPO

1º MOMENTO


Narração do modo como os deuses foram convocados, como se deslocaram e como chegaram ao Olimpo.

(20-21)




20 (Convocatória)

* Os deuses reuniram-se no Olimpo para discutirem "as cousas futuras do Oriente". Atravessaram a Via Láctea, convocados, da parte de Júpiter, pelo jovem Mercúrio.



21 (Chegada ao Olimpo)

* Os deuses que têm o governo dos sete céus reuniram-se todos, vindos do Norte, do Sul, do Oriente e do Ocidente.



Mercúrio, deus Mensageiro

2º MOMENTO


Descrição dos participantes no consílio.

(22-23)




22 (Descrição de Júpiter)

* O pai dos deuses, Júpiter, estava sentado num trono feito de estrelas; a sua atitude era tão digna, sublime e o aspeto era tão alto, severo e soberano que tornaria divino qualquer ser humano. A coroa e o cetro eram feitos de pedras mais brilhantes que o diamante.



23 (Descrição do Olimpo e disposição dos deuses de forma hierárquica)

* Os deuses estavam sentados, em cadeiras "marchetados de ouro e de perlas", de acordo com a sua hierarquia: primeiro os mais antigos e honrados e depois os mais jovens, quando Júpiter começou a falar com uma voz forte e firme.



3º MOMENTO


Intervenção de Júpiter.

(24-29)



24

* Júpiter começou por saudar os presentes e passou seguidamente ao assunto, o "valor da forte gente de Luso": os Portugueses, dizendo que os Fados determinaram que a sua fama faça esquecer a de antigos impérios: "De Assírios, Persas, Gregos e Romanos".




Júpiter, pai dos deuses

25

* Referiu-se ao passado glorioso dos Lusos mencionando as suas vitórias contra os mouros, na reconquista cristã, e os castelhanos, na luta pela manutenção da independência e paz com Castela, salientando a desigualdade entre os exércitos.

26

* Recuando mais no tempo, salientou a resistência lusitana frente aos romanos com Viriato e Sertório.



27

* Alertou por fim os deuses para o presente dos Lusos: estes desafiaram o mar desconhecido em pequenas embarcações "ndo temendo" a força dos ventos, determinados em chegar à Índia.

28

* Os Fados (o destino) já determinaram que os portugueses dominariam o Oceano Índico durante muito tempo. Já suportaram "o duro Inverno" no mar e já estão cansados por causa da longa viagem. Parece justo, então, que cheguem à terra desejada.

29

* Júpiter termina o seu discurso anafetecendo a coragem dos Portugueses que ultrapassaram todos os obstáculos ("Tantos climas e céus experimentados", tantos perigos e "vastos mares") e por isso determina que sejam recebidos, como amigos, na costa africana para que, depois de restabelecidos, possam seguir "sua longa rota" e chegarem finalmente à Índia.

4º MOMENTO

Apresentação das opiniões dos outros deuses destacando-se os pareceres de Baco e Vénus (30-35)



30 (Oposição de Baco)

* Findo o discurso, os deuses pronunciaram-se ordenadamente apresentando as suas ideias. Baco não concordava com Júpiter, porque temia que os "seus feitos no Oriente" fossem esquecidos se os portugueses lá chegassem.

31

* Baco "tinha ouvido aos Fados que viria / uma gente fortíssima de Espanha" (os Portugueses) e que dominaria toda a costa indiana, fazendo esquecer qualquer fama anterior. Dói-lhe perder assim a glória conquistada.

32

* Baco já dominou a Índia, foi admirado nessa região e cantado pelos poetas. Receia agora cair no esquecimento se lá chegarem os portugueses.

33 (Posição de Vénus)

* Vénus não concordava com Baco, pois era muito afeiçoada "à gente lusitana", porque via nela as qualidades dos seus amados romanos; a coragem guerreira contra os mouros e a língua tão parecida com o latim.

34

* Além destas causas, Vénus sabia pelos Fados que iria ser celebrada onde quer que os Portugueses chegassem. Então, um (Baco) com receio de perder a glória e outra (Vénus) com desejo de a ganhar, entram em discussão, defendendo a sua causa com o apoio de outros deuses.



35 (Tumulto dos deuses)

* Gerou-se uma grande discussão entre os deuses. Como ventos ciclónicos que na densa floresta partem ramos, arrancam as folhas das árvores, silvam e fazem estremecer toda a montanha, assim era o tumulto que se levantou entre os deuses, no Olimpo.



5º MOMENTO

Caracterização e discurso de Marte (36-40)



36

* Marte, que apoiava Vénus por causa de amores antigos ou porque os Lusos mereciam a sua proteção pelas suas qualidades guerreiras, levantou-se, atirando o escudo para trás das costas, visivelmente irritado.

37

* Levantou um pouco a viseira do elmo, colocou-se em frente de Júpiter e bateu com o cabo da lança no chão de tal forma que o céu tremeu e o próprio sol empalideceu de medo.

38

* Ele disse: "Pai, a quem obedecem todas as criaturas, se não queres que esta gente sofra afrontas, como já tinhas decidido, não ouças por mais tempo as razões de quem é suspeito (Baco)."

39

* Se o medo não lhe turbasse o raciocínio, Baco deveria defender os portugueses, que descendem de Laoco, seu irmão. Esqueça-se o que ele disse, porque reage com inveja e nunca a inveja triunfaria sobre o que o Céu deseja.

40

* E tu, Pai de grande poder, não voltes atrás na decisão já tomada, "pois é frágua desistir-se da coisa começada". Manda, pois, Mercúrio mostrar aos Portugueses um porto seguro onde se possa informar da Índia e recuperar as suas forças."



6º MOMENTO

Decisão de Júpiter e regresso dos deuses. (41)



41

* Ouvido isto, Júpiter, inclinando cabeça, concordou com Marte e espalhou néctar sobre os deuses, dando por terminada a assembleia. E todos os deuses partiram a caminho de suas moradas.

Vasco da Gama chega à Índia



Ficha Informativa

Júpiter



Caracterização (Estrofe 22)

O “Padre” é caracterizado como “sublime e dino”, usa os raios fabricados por Vulcano, ocupa o lugar de presidente da reunião. O rosto, “alto, severo e soberano”, respira um “ar divino”, tem uma “coroa e cetro rutilante”.

Discurso - razões pelas quais defende os portugueses (Estrofes 24 a 29)

O “grande valor da forte gente de Luso”, já demonstrado nos meritórios triunfos anteriores face aos mouros, aos castelhanos e aos romanos, considerando a

inferioridade numérica e a desproporção das forças em presença, que só a valentia e a ajuda divina poderiam suplantar;

A determinação dos Fados (decisões divinas a que o homem e os próprios deuses não podem opor-se), os feitos que levarão ao esquecimento da gesta dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos;

A coragem de navegar, agora, por mares desconhecidos, em frágeis embarcações, sem temer a fúria dos ventos, a caminho do Oriente.

Decisão Tomada (Estrofe 29)

“Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos”



Vénus

Posição

A favor dos portugueses.

Razões apresentadas (estrofes 33 e 34)

“Afeiçoada à gente Lusitana” trata-se de uma gente muito semelhante ao seu amado povo latino e essa proximidade era visível em aspetos essenciais e que lhe eram muito caros, a grande valentia e fortuna mostrados no norte de África, a língua muito semelhante ao latim.

O nome e o culto do Amor, que Vénus simboliza, serão sempre glorificados, no vasto império que a gente guerreira há-de conquistar.



Posição

Contra os portugueses.

Razões apresentadas (estrofes 33 e 34)

Baco não quer perder o domínio de todo o Oriente, conforme está previsto nos “Fados”;

O receio de que as suas façanhas na Índia, ainda não cantadas por qualquer poeta, sejam esquecidas se os fortes navegadores portugueses lá chegarem.

Baco



Posição

A favor dos portugueses.

Razões apresentadas (estrofes 33 e 34)

O “amor antigo” que o ligava a Vénus, primeira defensora da causa lusitana;

A bravura dos portugueses, que o próprio Júpiter, no seu discurso, tinha reconhecido.

Marte



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	<p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ</p>	
--	---	--

PLANO A CURTO PRAZO

UNIDADE:	Ano: 9 ^a
	Turma: C
	Data: 22 de janeiro de 2015
	Tempo: 180 minutos
SUMÁRIO:	<p>Estudo do episódio d’Os Lusíadas “Consílio dos Deuses”.</p> <ul style="list-style-type: none">• Leitura expressiva.• Visualização de um Power Point sobre a estrutura interna e os planos narrativos.• Leitura e análise do episódio.• Elaboração da ficha do manual.• Leitura duma ficha informativa.



<p>MOTIVAÇÃO INICIAL</p>	<p>As alunas em Prática de Ensino Supervisionado dão início à aula, lembrando os alunos do que viram e aprenderam na visita de estudo.</p>
-------------------------------------	--



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL
ESTREMOZ



METAS CURRICULARES			CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS	DESCRITORES DE DESEMPENHO			
Educação literária	Ler e interpretar textos literários	Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia...). Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados.	Os Lusíadas: “Consílio dos Deuses” Categoria da narrativa. Epopéia. Recursos expressivos. Compreensão oral. Tomar notas	Leitura dum resumo sobre o episódio. Visualização de um power point sobre a estrutura interna e os planos narrativos. Leitura e análise das varias estrofes com suporte de power point. Elaboração da ficha do manual. Leitura de ficha informativa.	Ficha de leitura sobre o episódio Ficha do manual com perguntas interpretativas e gramaticais. Perguntas de interpretação Ficha informativa.
Oralidade	Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade Consolidar processos de registo e tratamento de informação	Identificar o tema e explicitar o assunto. Identificar os tópicos Identificar ideias-chave. Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.			



MATERIAIS DIDÁCTICOS

Power point informativo Power Point explicativo Ficha de leitura Fichas de informativa Fichas de trabalho do manual Ficha com a correção dos exercícios Episódio “Consílio dos Deuses” manual	Manual Computador Internet Projetor Quadro Marcador
---	--

DESCRIÇÃO DA AULA

- 1º Momento: leitura da ficha de leitura com o resumo do episódio.
- 2º Momento: Visualização do power point sobre a estrutura interna e os planos narrativos.
- 3º Momento: Leitura e análise do episódio até á estrofe 29, com suporte de power point com os diferentes momentos e resumo por estrofes.
- 4º Momento: Leitura e análise da estrofe 30 até ao final do episódio, com suporte de power point com os diferentes momentos e resumo por estrofes.
- 5º Momento: Elaboração da ficha do manual das páginas 197 e 198.
- 6º Momento: Entrega e leitura de ficha informativa sobre o episódio “Consílio dos Deuses”
- 7º Momento: Entrega de ficha com a resolução das perguntas do livro.



SUMÁRIO DA AULA (PREVISÃO)

Estudo do episódio d'Os Lusíadas “Consílio dos Deuses”.

- **Leitura expressiva.**
- **Visualização de um Power Point sobre a estrutura interna e os planos narrativos.**
- **Leitura e análise do episódio.**
- **Elaboração da ficha do manual.**
- **Leitura dum ficha informativa.**

OBSERVAÇÕES

A FICHA COM A CORREÇÃO SERÁ ENVIADA POR CORREIO ELETRÓNICO.

BIBLIOGRAFIA

Pinto, Elisa Costa e Vera Saraiva Baptista (2013), *Novo Plural 9. Língua Portuguesa - 9º ano*. Raiz Editora
Paiva, Ana Miguel de; Gabriela Barroso de Almeida; Noémia Jorge e Sónia Gonçalves Junqueira (2014), *(Para)Textos - Português - 9.º Ano*. Porto Editora

HOLA



La casa

Vocabulário

La casa



El salón



El comedor



1. La chimenea
2. El tejado
3. El canalón
4. La ventana
5. El alfiler / El poyete
6. La pared
7. El garaje
8. El árbol
9. El portón
10. La ventana florida
11. La tubería
12. La contraventana
13. La antena
14. La persiana
15. El balcón
16. El cristal
17. El arbusto
18. El césped
19. La puerta
20. La cortina
21. El tejado

1. La galería
2. La lámpara
3. Los libros
4. El tocacdiscos / el equipo de música
5. El armario
6. El sillón
7. La cortina
8. El cojín
9. Las revistas
10. La alfombra
11. El techo
12. La maceta
13. La pared
14. La televisión
15. La pantalla
16. La mesa de la tele
17. La leña
18. La chimenea
19. El cuadro
20. El cesto de leña
21. El sofá
22. El suelo
23. El cristal

1. La cesta de fruta
2. El cuchillo
3. El vaso
4. La jara
5. La servilleta
6. La mantequera
7. El plato
8. El tenedor
9. La cuchara
10. La cesta de pan
11. La sopera
12. El azucarero
13. La taza de café
14. La botella
15. El cucharón
16. La fuente
17. La tiza

La habitación



La cocina



El baño





1. El ropero
2. La percha
3. El cepillo de ropa
4. La ropa
5. La cómoda
6. El taburete
7. El armario
8. El espejo
9. El tocador
10. La funda de almohada
11. La sabana
12. La almohada
13. El cobertor
14. El edredón
15. La cama
16. La mesilla de noche
17. La lámpara
18. El despertador
19. El colchón
20. La alfombra
21. La cabecera

1. La bandeja
2. La bascula
3. El tostador
4. El rodillo
5. La panera
6. La cafetera
7. El batidor
8. El colador
9. El extractor
10. El tojón
11. La olla
12. La sartén
13. El horno
14. El frigorífico
15. La basura
16. El suelo
17. La dispensa
18. Los utensilios de cocina
19. El fregadero
20. El pano
21. La esponja
22. El jabón
23. La encimera
24. El armario

1. La ducha
2. La toalla
3. El grifo de agua caliente
4. El grifo de agua fría
5. El jabón
6. El desague
7. La bañera
8. El jabón
9. La esponja
10. El cesto de ropa suja
11. El bidé
12. La cisterna
13. El wáter
14. El papel higiénico
15. El champú
16. La cuchilla
17. La brocha de afeitarse
18. El armario
19. El cepillo
20. El cepillo de dientes
21. El vaso
22. El lavabo
23. La pasta de dientes
24. El toallero
25. La alfombra
26. La toalla
27. La bascula

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	---	---

PLAN DE CLASE DE ESPAÑOL

UNIDADE: “MIS RUTINAS” (PARTE 2; UNIDAD 3)	Curso: 7º
	Clase: (turma+)
	Nivel 1 - INICIACIÓN
	Fecha: martes, 10 de febrero, 2015
CONTENIDOS:	<p>Verbo Haber/Estar.</p> <p>Marcadores temporales. Expresión oral.</p> <p>La casa: Visualización de power point y ejercicios.</p> <p>Juego interactivo</p>

COMPETENCIAS	<p>Comprender la diferencia entre el verbos haber y estar</p> <p>Comprender y utilizar los marcadores temporales</p> <p>Entender instrucciones</p> <p>Utilizar el castellano para expresarse en la clase</p> <p>Comprender y utilizar vocabulario de una casa</p> <p>Producir enunciados orales adecuados</p>
---------------------	---

	<p>Utilizar estrategias varias para superar dificultades de expresión oral.</p> <p>Contestar a cuestionarios</p>
--	--

Actividades	Materiales	Metodología	Tiempo
<p><u>Motivación Inicial</u></p> <p>Visualización de un Power Point sobre los marcadores temporales.</p> <p><u>Práctica controlada</u></p> <p>Resolución de ejercicios de gramática</p> <p>Juego interactivo sobre el vocabulario aprendido.</p> <p><u>Práctica Comunicativa</u></p> <p>Presentación de un <i>Power point</i> con imágenes de una casa</p>	<p>Ordenador</p> <p>Internet</p> <p>Cañon</p> <p>Pizarra</p> <p>Cuaderno</p> <p>Manual</p> <p>Scratch</p>	<p>Proyección de un <i>Power point</i> de orientación inductiva</p> <p>Diálogo con los alumnos</p> <p>Ejercicios de consolidación de gramática</p> <p>Proyección de un <i>Power point</i> de orientación inductiva</p> <p>Diálogo con los alumnos</p> <p>Ejercicios orales para consolidación de vocabulario relacionado con la casa</p>	<p>90 Minutos</p>

Preguntas sobre las diferentes imágenes presentadas.		Juego interactivo	
Ejercicios orales de interpretación.			

DESCRIPCIÓN DE LA CLASE

MOMENTOS DE LA CLASE

- Proyección de un *Power point* con los marcadores temporales.
- Ejercicios de consolidación del contenido gramatical
- Proyección de un Power con diferentes divisiones de la casa.
- Preguntar si saben el nombre de todos los elementos señalados y escribirlos.
- Ejercicios orales basados en las imágenes.
- Juego interactivo para consolidar el vocabulario aprendido.

OBSERVACIONES

LA CLASE SERÁ IMPARTIDA POR DOS DE LAS ALUMNAS UNA VEZ QUE SOFIA SE ENCUENTRA DE BAJA MEDICA

BIBLIOGRAFIA

Eva Aragonez Marques
Sofia Balseiro Reis
Maria de Jesus Anjos

127

2014/2015

Aragonés, Luís y Ramón Palencia (2009). *Gramática del Uso del Español*. Ediciones SM: Madrid.

Moreira, Luisa; Meira, Susana y Manuel Pino Morgádez (2012). *Pasapalabra*. Nivel 1 – A1-2; Porto Editora: Porto

WEBGRAFIA:

WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT

<http://kids.sapo.pt/scratch/download>

ESCOLA SECUNDÁRIA/3.ª ANA
SANTA ISABEL
ESTREMOZ

Português 9.º C

Eva Aragonez Marques
Sofia Balseiro Reis

Os versos adquirem nomes, de acordo com o número de sílabas métricas

- 1 sílaba – Monossílabo
- 2 sílabas – Dissílabo
- 3 sílabas – Trissílabo
- 4 sílabas – Tetrassílabo
- 5 sílabas – Pentassílabo ou Redondilha Menor
- 6 sílabas – Hexassílabo ou Heroico Quebrado
- 7 sílabas – Heptassílabo ou Redondilha Maior
- 8 sílabas – Octossílabo
- 9 sílabas – Enassílabo
- 10 sílabas – Decassílabo
- 11 sílabas – Hendecassílabo
- 12 sílabas – Dodecassílabo
- 13 ou mais sílabas poéticas – Bárbaro

© Verso
É cada uma das linhas de um poema

- O verso é analisado de acordo com a métrica.
- Na contagem das sílabas métricas, tem-se em consideração:
 - Quando a última sílaba de uma palavra terminada em vogal átona, faz elisão com a vogal átona seguinte, formando apenas uma sílaba métrica.
 - Se Helena apartar
 - Se He / te / na a / par / tar
 - 1 2 3 4 5
 - A contagem é feita até à sílaba tónica da última palavra.
 - Queiro ver se você pode
 - Que / ro / ver / se / vo / cá / po / de
 - 1 2 3 4 5 6 7

As estrofes têm um nome de acordo com o número de versos que as formam.

- 2 versos – Distico;
- 3 versos – Terceto;
- 4 versos – Quadrto;
- 5 versos – Quintilha;
- 6 versos – Sextilha;
- 7 versos – Sétima;
- 8 versos – Oitava;
- 9 versos – Noneta;
- 10 versos – Décima;

A estrofe
É um conjunto de versos formando uma unidade gráfica e, geralmente, um sentido completo.

A rima
É a igualdade ou semelhança dos sons nas últimas vogais tónicas (e fonemas que os seguem) de vários versos.

A rima ganha um nome, consoante o esquema de combinações.

*** Cruzada ou alternada ABAB**

“Se passa um bate com as velas soltas (A)
Minh'alma o segue n'amplicidão dos mares (B)
E longas horas acompanha as voltas (A)
Das andorinhas recortando as ares.” (B)

(Casimiro de Abreu)

*** Emparelhada AABB**

“O Sol brilhante e raro (A)
É deveras o bem mais caro (A)
Que a natureza cedeu (B)
Para secar o pranto meu” (B)

(Eliete S. Farneda)

*** Interpolada A -- A**

“Ardor em coração firme nascido (A)
Pranto por belas almas derramado (B)
Incêndio em mares de água distragado (B)
Rio de neve em fogo convertido” (A)

(Gregório de Matos)

Nota:

Estrutura formal

- A estrutura formal é a organização
- das estrofes
- dos versos
- da métrica
- da rima

FICHA FORMATIVA

“ Fernando Pessoa, Vida e Obra”

- ❖ Completa os espaços em branco com as palavras corretas que encontrarás na lista abaixo colocada. Para isso deves ter em conta aquilo que estudaste sobre este assunto assim como pesquisar um pouco como TPC.

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa em _____, onde virá a falecer. Aos 7 anos de idade partiu para a África do Sul com a sua mãe e o _____, que foi cônsul em _____, na África do Sul. Aí fez os seus estudos na _____, obtendo resultados brilhantes. Em fins de _____ faz as provas de exame de admissão à Universidade do Cabo. Com esta idade (15 anos) é já surpreendente a variedade das suas leituras literárias e filosóficas.

Em _____ regressa definitivamente a _____; no ano seguinte matricula-se, no Curso Superior de Letras, mas abandona-o em 1907. Decide depois trabalhar como "correspondente estrangeiro" para empresas _____.

Em 1912 estreia-se na revista A Águia com artigos de natureza ensaística. _____ é o ano da criação dos três conhecidos heterónimos e em 1915 lança, juntamente com os amigos _____, _____ e outros, a revista Orpheu que dá origem ao Modernismo em Portugal.

Pessoa marcou profundamente o movimento modernista em Portugal, quer pela produção teórica em torno do sensacionismo, quer pelo arrojado _____ de algumas das suas poesias e pela animação que imprimiu à revista Orpheu.

Pessoa e outros _____ lançaram a revista Orpheu de que saíram apenas _____ números: o 1º em _____ e o 2º em Junho. Os números dessa revista provocaram _____, o que motivou troça nalguma _____ lisboeta. A revista Orpheu foi considerada por Pessoa "a soma e a síntese de todos os movimentos literários modernos". No entanto, em Coimbra, em

1927 já o grupo da _____ tinha iniciado a sua reabilitação poética e filosófica com nomes de jovens escritores como Régio e _____.

Em 1933, Pessoa enfrenta uma profunda crise de _____, mas isso não o irá impedir de, em 34, publicar _____, do qual lhe é atribuído o Prémio do Concurso Antero de Quental. Embora tenha morrido _____, a sua obra foi imensa. Pessoa deixou-nos _____ uma poesia onde nos exprime as suas _____ íntimas em tom quase sempre _____, de solidão e dor criativas.

Desde criança que Pessoa teve a _____ para criar em seu torno um mundo fictício. Isso está na base da criação das diferentes _____, a quem deu vida e expressão literária. Com esta multiplicidade Pessoa afirmou: “Tornando-me assim, um louco que sonha alto, pelo mais, não um só um escritor, mas toda uma _____.”

Comerciais/ literatura vanguardista/ personalidades/ artistas/ 1903/ triste/ imprensa/ prematuramente/ Mensagem/ Almada Negreiros/ 1905/Commercial School/Durban/ infância/ Marçõ/ Torga/ 1914/ padrasto/ tendência/ dois/ Presença/ escândalo/ 1888/ vivências/ Mário de Sá-Carneiro/ neurastenia/ Lisboa.

TEXTO POÉTICO FICHA INFORMATIVA

O texto poético é muito diferente dos outros modos literários. A poesia é uma revelação do mundo interior, dos sentimentos, das emoções, dos pensamentos, dos anseios...

Por isso, o texto poético é, fundamentalmente, um discurso de 1ª pessoa, logo, um discurso do “eu”. Uma das marcas deste discurso é a subjetividade, uma vez que o sujeito poético transmite a sua representação pessoal do mundo.

Verso

Conjunto de palavras, de sentido completo ou não, com determinadas características rítmicas.

Numa composição poética escrita ocupa uma linha, mesmo que tenha uma única palavra.

Estrofe

Verso ou conjunto de versos, geralmente com uma unidade de sentido. Cada conjunto, ao ser escrito, é demarcado de outro por um espaço. Cada estrofe recebe uma designação, segundo o número de versos que apresenta.

1 verso	Monóstico
2 versos	Dístico
3 versos	Terceto
4 versos	Quadra
5 versos	Quintilha
6 versos	Sextilha
7 versos	Sétima
8 versos	Oitava
9 versos	Nona
10 versos	Décima

Soneto

É uma composição de 14 versos agrupados em duas quadras e dois tercetos. É a forma poética mais conhecida, sendo usada desde o século XVI.

O seu criador foi Petrarca, autor italiano, e Sá de Miranda foi o introdutor desta composição poética em Portugal.

Esquemas Rimáticos

Abab- rima cruzada

Aabb- rima emparelhada

Abba- rima interpolada

- ❖ Quando a rima final de um verso encontra correspondência no meio do verso seguinte diz-se que é rima encadeada.
- ❖ Os versos que não rimam chamam-se soltos ou brancos.

Sílabas Métricas

Sílabas métricas ou sílabas poéticas, é a sílaba contada no verso, tal como é a percebida pelo ouvido.

A contagem das sílabas métricas difere da gramatical. Uma das principais diferenças reside no facto de, na contagem métrica, não se contabilizarem as sílabas que se seguem à última sílaba tónica.

A contagem do número de sílabas métricas de um verso é denominada por escansão.

Classificação quanto ao número de sílabas métricas:

- ❖ 1 sílaba – Monossílabo
- ❖ 2 sílabas – Dissílabo
- ❖ 3 sílabas – Trissílabo
- ❖ 4 sílabas – Tetrassílabo
- ❖ 5 sílabas – Pentassílabo ou Redondilha Menor
- ❖ 6 sílabas – Hexassílabo ou Heroico Quebrado
- ❖ 7 sílabas – Heptassílabo ou Redondilha Maior
- ❖ 8 sílabas – Octossílabo
- ❖ 9 sílabas – Eneassílabo
- ❖ 10 sílabas – Decassílabo
- ❖ 11 sílabas – Hendecassílabo
- ❖ 12 sílabas – Dodecassílabo ou Alexandrino



Recursos Estilísticos

Um dos objetivos da poesia é comover, transmitir e despertar emoções. Para tal, o poeta utiliza diversos recursos estilísticos que tornam a mensagem mais expressiva.

Constitui recurso estilístico não só a expressão pessoal de um autor ao utilizar a língua de uma forma artística, como as chamadas figuras de estilo, modos de dizer já categorizados, com características específicas.

Sempre que se recorre às potencialidades da língua para construir uma frase bela, emocionante, expressiva, que traduza a realidade de uma forma criativa, estamos perante um recurso estilístico.

Correção dos exercícios da página 273

Leitura do texto

1.1- Os dados de identificação que nos são fornecidos de quem “jaz morto e arrefece” são: “jovem”, “filho único”, a pele alva e o cabelo louro, a cigarreira e o lenço branco.

1.2- Resposta livre

2. A morte do jovem soldado dói à sua mãe e à sua velha ama.

2.1- As sugestões do poema que me levam a formular esta opinião são:

Lá longe, em casa, a mãe e a velha criada rezam pelo regresso do “menino da sua mãe”. Por sua vez, simbolizando o amor que os liga, ele trazia-as junto ao seu coração, representadas pela cigarreira (a mãe) e o lenço branco (criada velha) que lhe tinham oferecido.

3. “Jaz morto e arrefece” (v. 5)/ “Jaz morto, e apodrece” (v. 29)

Há uma gradação, uma intensificação da 1ª para a 2ª estrofe que representa a passagem do tempo sobre o cadáver do jovem soldado, acentuando assim, o seu abandono no “plano abandonado”.

4. Estrutura formal:

- O poema é constituído por seis estrofes de cinco versos, quintilhas;
- Os versos são quase todos de seis sílabas métricas:

Que a/mor/na/bri/sa a/que/ - hexassílabo.

- O esquema rimático, igual em todas as estrofes, é

Rima cruzada (aba)

Rima interpolada (baab)

rima emparelhada (aa)

Caiu-lhe da algibeira a

A cigarreira breve b

Dera-lhe a mão. Está inteira a

E boa a cigarreira. a

Outras questões para refletir:

- ❖ Na terceira estrofe, versos 1 e 2, as frases são de tipo exclamativo e interrogativo, realçando o dramatismo de alguém que morreu muito jovem.

“Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)”

- ❖ O título do poema, “O menino da sua mãe”, expressa o amor intemporal da mãe que vê sempre o seu filho como um menino.

T.P.C

Resolve estas questões gramaticais:

- 1- Indica a forma e o tempo das formas verbais sublinhadas nos versos transcritos.



“Jaz morto e arrefece.”

“Tão jovem! Que jovem era!”

“Caiu-lhe da algibeira / A cigarreira breve.”

“Dera-lhe a mãe.”

- 2- No verso “Dera-lhe a mãe.”. Identifica a função sintática desempenhada pela palavra e pela expressão sublinhada.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	---	---

Paris – 31 Março 1916

Meu Querido Amigo,

A menos dum milagre na próxima 2.^a feira 3 (ou mesmo na véspera) o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estricnina e desaparecerá deste mundo.

É assim tal e qual – mas custa-me tanto a escrever esta carta pelo ridículo que sempre encontrei nas «cartas de despedida»...

Não vale a pena lastimar-se, meu querido Fernando: afinal tenho o que quero: o que tanto sempre quis – e eu, em verdade, já não faria nada por aqui... Já dera o que tinha a dar.

Eu não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, os meus olhos, não há uma outra saída. Antes assim. É a única maneira de fazer o que *devo* fazer.

Vivo há 15 dias uma vida como sempre sonhei: tive tudo durante eles: realizada a parte sexual, enfim, da minha Obra – vivido o histerismo do seu ópio, as luvas zebreadas, os mosqueiros roxos da sua Ilusão.

Podia ser feliz mais tempo, tudo me corre, psicologicamente, às maravilhas: *mas não tenho dinheiro*.

Contava firmemente com certa soma que pedira ao meu Pai há 15 dias. Ela não chegou – e como resposta um telegrama à legação em que o meu Pai pergunta quanto dinheiro preciso eu para ir a Lisboa... Houve decerto um mal-entendido, ou falta de recepção dum meu longo telegrama expedido em 19. Segunda-feira preciso inadiavelmente de 500 francos. Como a menos dum milagre eles não podem chegar... aí tem o meu querido Amigo. É mesquinho: mas é assim. E lembrar-me que se não fosse a questão material eu podia ser tão feliz – tudo tão fácil... Que se lhe há-de fazer...

Mais tarde ou mais cedo, pela eterna questão *pecuniária*, isto tinha que suceder. Não me lastimo portanto. E os astros tiveram razão...

Hoje vou viver o meu último dia feliz. Estou muito contente. Mil anos me separam de amanhã. Só me espanta, em face de mim, a tranquilidade das coisas... que vejo mais nítidas, em mais determinados relevos porque as devo deixar brevemente. Masw não façamos literatura.

Pelo mesmo correio (ou amanhã) registadamente enviarei o meu caderno de versos que você guardará e *de que você pode dispor para todos os fins* como se fosse seu. Pode fazer publicar os versos em volume, em revistas etc.

Deve juntar aquelas quadras:

Fim

*Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,*

*Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!*

*Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajazado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
Eu quero por força ir de burro.*

Perdoe-me não lhe dizer mais nada: mas não só me falta o tempo e a cabeça como acho belo levar comigo alguma coisa que ninguém sabe *ao certo*, senão eu. Não me perdi por ninguém: perdi-me por mim, mas fiel aos meus versos:

5

6 Atapetemos a vida

Contra nós e contra o mundo...

Atapetei-a sobretudo contra mim – mas que me importa se eram tão densos os tapetes, tão roxos, tão de luxo e festa...

Você e o meu Pai são as únicas duas pessoas a quem escrevo. Mas dê por mim um grande abraço ao Vitoriano e outro ao José Pacheco.

Todo o meu afecto e a minha gratidão por você, meu querido Fernando Pessoa, num longo, num interminável abraço de Alma.

O seu, seu
Mário de Sá-Carneiro



Veja lá: mesmo para os Astros diga-me potins, fale-me do sensacionismo...

Adeus.

Se não conseguir arranjar amanhã a estircnina em dose suficiente deito-me para debaixo do «metro»... Não se zangue comigo.

6.1 Mário de Sá-Carneiro - Correspondência com Fernando Pessoa , (Vol. II); Relógio D'Água; 2003.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	---	---

PLANO A CURTO PRAZO

UNIDADE:	Ano: 9 ^a
	Turma: C
	Data: 26 de Fevereiro de 2015
	Tempo: 90 minutos
SUMÁRIO:	<p>(45min.)</p> <p>Início ao estudo do texto poético:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um filme sobre a introdução ao texto poético; • Visualização de um <i>power point</i> sobre noções de versificação; • Leitura de uma ficha informativa. <p>Leitura orientada do poema “O menino de sua MÃE” de Fernando Pessoa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pequena introdução à biografia de Fernando Pessoa; • Audição e leitura expressiva do poema; • Análise do poema.
	<p>(45 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visionamento de um vídeo (Biografia de Mário de Sá-Carneiro); • Audição e visionamento da declamação do poema “Recreio” de Mário de Sá-Carneiro;

	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de leitura orientada deste poema; • Gramática (Revisão Classe do Nome).
--	---

MOTIVAÇÃO INICIAL	<p>As alunas em Prática de Ensino Supervisionado dão início à aula, com um pequeno vídeo sobre introdução ao texto poético.</p>
------------------------------	---

METAS CURRICULARES			CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO			
<p>Educação literária</p> <p>Leitura</p> <p>Escrita</p> <p>Oralidade</p>	<p>Ler e interpretar textos literários;</p> <p>Apreciar textos literários;</p> <p>Situar obras literárias em função dos marcos culturais de referência;</p> <p>Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade</p> <p>Ler e escrever para fruição estética;</p> <p>Fazer inferências e deduções, clarificando-as;</p>	<p>Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros;</p> <p>Reconhecer relações que as obras estabelecem com o contexto social, histórico e cultural;</p> <p>Ler, expressivamente, em voz alta;</p> <p>Explicitar temas e ideias principais;</p> <p>Explicitar o sentido global do texto;</p> <p>Identificar pontos de vista e universos de referência;</p> <p>Relacionar a estruturação do texto com a construção da significação e com a intenção do autor;</p> <p>Identificar e reconhecer o valor dos recursos estilísticos;</p> <p>Sistematizar elementos constitutivos da poesia lírica: estrofe, verso, rima, esquema rimático.</p> <p>Identificar o tema;</p> <p>Manifestar ideias e pontos de vista pertinentes;</p>	<p>O texto poético</p> <p>Poemas:</p> <p>"O menino de sua mãe" de Fernando Pessoa</p> <p>❖ "Recreio" de Mário de Sá-Carneiro</p> <p>• Recursos expressivos: metáfora e aliteração;</p> <p>• Noções de versificação (Estrofe, Verso, Rima; Métrica e Ritmo)</p>	<p>Audição de um pequeno texto de introdução ao texto poético</p> <p>Visualização de um powerpoint sobre noções de versificação</p> <p>Sistematização</p> <p>Audição e leitura expressiva dos poemas</p> <p>Análise semântica e formal dos poemas</p>	<p>Observação direta da leitura e da capacidade de interpretação do poema:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressividade ; • Entoação; • Ritmo; • Pontuação. • Identificação das ideias chave; • Explicitação do sentido global • Relação de ideias; • Descodificação de sentidos implícitos; • Identificação de regras nas noções de versificação.

Gramática	Mobilizar conhecimentos adquiridos nos anos anteriores;	<p>Usar a palavra com fluência e correção; utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e à situação de comunicação.</p> <p>Identificar aspetos fundamentais da sintaxe do português</p> <p>Identificar classes de palavras;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Complemento indireto e sujeito. • O Nome 		<p>Ficha de trabalho sobre Fernando Pessoa;</p> <p>Produção de um texto poético.</p>
-----------	---	--	---	--	--



MATERIAIS DIDÁCTICOS

<p><i>Power point</i> informativo Fichas de informativa Fichas formativa sobre Fernando Pessoa Poemas do Manual Ficha de leitura, reflexão e TPC</p>	<p>Manual Computador Internet Projetor Quadro Marcador</p>
--	--

DESCRIÇÃO DA AULA

<p>(45 min.)</p> <p>1º Pequeno vídeo sobre o texto poético;</p> <p>2º Visualização do <i>power point</i> (noções de versificação) e entrega de uma ficha informativa.</p> <p>3º Audição sobre Fernando Pessoa e entrega de uma ficha como trabalho de casa.</p> <p>4º Audição do poema, seguido de leitura expressiva e questionário orientado sobre o mesmo; análise da estrutura formal do poema (estrofes, versos, sílabas métricas e rima).</p> <p>5º Entrega de ficha com a resolução das questões propostas pelo manual.</p> <p>6º Trabalho de casa (duas questões de gramática).</p> <p>(45 min)</p> <p>1.º Visionamento de um vídeo sobre a biografia de Mário de Sá Carneiro;</p> <p>2.º Apresentação e Leitura de dois excertos <i>Cartas de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa</i>;</p> <p>3.º Visionamento e audição do poema “Recreio”, de Mário de Sá-Carneiro, declamado por Mário Viegas;</p> <p>4.º Leitura orientada do poema;</p> <p>5.º Identificação da estrutura formal do poema (exercícios);</p> <p>6.º Conteúdo Gramatical (Nome Comum);</p> <p>7.º Trabalho de casa: proposta do manual – produção de texto.</p>
--



SUMÁRIO DA AULA (PREVISÃO)

**POEMAS: “O MENINO DE SUA MÃE” DE FERNANDO PESSOA E “RECREIO” DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO.
APRESENTAÇÃO DE PEQUENAS BIOGRAFIAS DOS POETAS E LEITURA ORIENTADA DOS POEMAS.**

OBSERVAÇÕES

AS FICHAS DE TRABALHO SOBRE FERNANDO PESSOA E DE GRAMÁTICA SÃO PARA TRABALHO DE CASA E NÃO PARA REALIZAR EM AULA.

BIBLIOGRAFIA

Pinto, Elisa Costa e Vera Saraiva Baptista (2013), *Novo Plural 9. Língua Portuguesa - 9º ano*. Raiz Editora;
Paiva, Ana Miguel de; Gabriela Barroso de Almeida; Noémia Jorge e Sónia Gonçalves Junqueira (2014), *(Para)Textos - Português - 9.º Ano*. Porto Editora;
Mário de Sá-Carneiro - Correspondência com Fernando Pessoa, (Vol. II); Relógio D'Água; 2003.

WEBGRAFIA:

INTRODUÇÃO AO TEXTO POÉTICO:
[HTTP://WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT/VIDVPLAYER?ID=0_5MK58L67](http://www.escolavirtual.pt/vidvplayer?id=0_5MK58L67)



BIBLIOGRAFIA FERNANDO PESSOA:

[HTTP://WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT/VIDVPLAYER?ID=0_TBvBO4P6](http://www.escolavirtual.pt/vidvplayer?id=0_TBvBO4P6)

AUDIÇÃO DO POEMA E PÁGINA 272 DO MANUAL:

[HTTP://WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT/E-MANUAIS/EPUBREADER/INDEX.HTML?BOOK=9789897441462-TE-01#/MAIN/HTTP%3B%7C%7CWWW.ESCOLAVIRTUAL.PT%7CBOOKS-EREADERP%7C9789897441462-TE-01%7CEPUB?R=3112&BT=3&GUID=9789897441462-TE-01&HL=FALSE&PAGEMODE=DOUBLE&PAGE=272](http://www.escolavirtual.pt/e-manuais/epubreader/index.html?book=9789897441462-TE-01#/MAIN/HTTP%3B%7C%7CWWW.ESCOLAVIRTUAL.PT%7CBOOKS-EREADERP%7C9789897441462-TE-01%7CEPUB?R=3112&BT=3&GUID=9789897441462-TE-01&HL=FALSE&PAGEMODE=DOUBLE&PAGE=272)

“O RECREIO” MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

<https://www.youtube.com/watch?v=lqeFBHPRatI>

Biografia de MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

<https://www.youtube.com/watch?v=NzAHNzqMSSc>

LAS RUTINAS DE SHAKIRA

ORGANIZA LAS FRASES

PREVISTIVA BEBE
 CANTA VIVE
 SE ACUESTA

NO NOS TEMPRANA
 JUNTO EN FRUTA COM
 VIVEMOS A LAS 7 DE LA MAÑANA
 EN MAÑANA ALGO MUY LIGERO
 MUCHA AGUA

- 1 - SHAKIRA VIVE EN MADRID
- 2 - SHAKIRA SE DESPIERTA A LAS 7H DE LA MAÑANA
- 3 - SHAKIRA DESAYUNA LIMO DE FRUTA CON CEREALES
- 4 - CAMBIA TODO EL DÍA
- 5 - BEBE MUCHA AGUA
- 6 - CENA ALGO MUY LIGERO
- 7 - SE ACUESTA MUY TEMPRANO

CONJUGA EL VERBO CANTAR

YO CANTO
 TU CANTAS
 EL CANTA
 NOSOTROS CANTAMOS
 VOSOTROS CANTAN
 ELLOS CANTAN

CONJUGA EL VERBO BEBER

YO BEBO
 TU BEBES
 EL BEBE
 NOSOTROS BEBEMOS
 VOSOTROS BEBÉIS
 ELLOS BEBEN

Vamos a revisar un poco el Presente de indicativo. ¿A ver, qué sabes?

¿A QUÉ CONJUGACIÓN PERTENECE ESTE VERBO?

¿Y ESTE VERBO, A QUÉ CONJUGACIÓN PERTENECE?

¡BONDIQUE!

VERBO VIVIR

Yo vivo
 Tú vives
 Él vive
 Nosotros vivimos
 Vosotros vivís
 Ellos viven

¿A QUÉ CONJUGACIÓN PERTENECE ESTE VERBO?

¿Y EL RADICAL DEL VERBO VIVIR?

MUY BIEN!

Formación del presente de indicativo

	-ar (CANTAR)	-er (BEBER)	-ir (VIVIR)
Yo	cant- o	beb- o	viv- o
Tú	cant- as	beb- es	viv- es
El	cant- a	beb- e	viv- e
Nosotros	cant- amos	beb- emos	viv- imos
Vosotros	cant- áis	beb- éis	viv- ís
Elos	cant- an	beb- en	viv- en

AHORA CONJUGA EL VERBO DESPERTARSE

YO ME DESPERTO
 TU TE DESPERTAS
 EL SE DESPERTA
 NOSOTROS NOS DESPERTAMOS
 VOSOTROS OS DESPERTÁIS
 ELLOS SE DESPERTAN

¿Cuál es el radical de este verbo?

¡DESPERT-!

¿Qué radical?

¡Pensé! ¿Qué pasa con el radical del verbo???

VERBO PENSAR

YO PENSO
 TÚ PENSAS
 EL PENSA
 NOSOTROS PENSAMOS
 VOSOTROS PENSÁIS
 ELLOS PENSAN

Seguimos revisando. ¿A ver, qué sabes más?

Conjuga el verbo pensar.

¿Cuál es el radical del verbo?

¡PENS-!

¡Otra vez!!!

VERBO PODER

YO PUEDO
 TÚ PUEDES
 EL PUEDE
 NOSOTROS PODEMOS
 VOSOTROS PODÉIS
 ELLOS PODEN

Vamos a revisar. ¿A ver, qué sabes más?

¿Qué radical del verbo?

¡PENS-!

¡Otra vez!!!

¿QUÉ PASA CON LOS VERBOS EN PRESENTE DE INDICATIVO?

Los verbos de cambio vocálico siguen una regla: "e" cambia a "i" y "o" cambia a "u".

¡Uhh! ¿A ver, qué sabes más?

Conjuga el verbo JUGAR.

YO JUEGO
 TÚ JUEGAS
 EL JUEGA
 NOSOTROS JUGAMOS
 VOSOTROS JUGÁIS
 ELLOS JUGAN

¡MIRA!

Yo lo tengo! Ahora tú.

A ver, cuánto más sabes!

Verbo JUGAR

YO JUEGO
 TÚ JUEGAS
 EL JUEGA
 NOSOTROS JUGAMOS
 VOSOTROS JUGÁIS
 ELLOS JUGAN

Has comprendido. Vamos a revisar.

Los verbos de cambio vocálico cambian la vocal temática del radical de:

-e a -ie (pensar - yo pienso);

-o a -u (meñir - yo mueño);

a/u a -ue (dormir - yo duermo/jugar - yo juego)

en las 1ª, 2ª y 3ª personas de singular y en 3ª de plural, en presente de indicativo

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!

¡Muy bien!!!



¡Muy bien!!!

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	---	---

PLAN DE CLASE DE ESPAÑOL

UNIDADE: “MIS RUTINAS” (PARTE 2; UNIDAD 3)	Curso: 7º
	Clase: (turma+)
	Nivel 1 - INICIACIÓN
	Fecha: martes, 7 de abril, 2015
CONTENIDOS:	Verbos irregulares de cambio vocálico. Verbos reflexivos. La rutina diaria. Audición y ejercicios. Lectura e interpretación del texto: “El niño más sucio del mundo”

COMPETENCIAS	Comprender verbos irregulares de cambio vocálico Comprender textos escritos Entender instrucciones Utilizar el castellano para expresarse en la clase Producir enunciados orales adecuados Destacar informaciones específicas en los textos Utilizar estrategias varias para superar dificultades de expresión oral. Contestar a cuestionarios
---------------------	---

Actividades	Materiales	Metodología	Tiempo
<p><u>Motivación Inicial</u></p> <p>Visualización de un <i>Power point</i> sobre los verbos en presente de indicativo y los verbos irregulares de cambio vocálico.</p> <p><u>Práctica controlada</u></p> <p>Resolución de ejercicios de gramática</p> <p>Audición y ejercicios de vocabulario sobre “Las rutinas de Juan”</p> <p>Ejercicio de correspondencia</p> <p>Corrección del ejercicio de</p>	<p>Ordenador</p> <p>Internet</p> <p>Cañón</p> <p>Pizarra</p> <p>Cuaderno</p> <p>Manual</p>	<p>Proyección de un <i>Power point</i> de orientación inductiva</p> <p>Diálogo con los alumnos</p> <p>Ejercicios de correspondencia para consolidación de vocabulario relacionado con las rutinas y con la hora</p> <p>Ejercicios individuales</p> <p>Audición sin lectura</p> <p>Lectura expresiva</p>	<p>90 Minutos</p>

<p>correspondencia.</p> <p><u>Práctica Comunicativa</u></p> <p>Presentación de una imagen para contar una historia.</p> <p>Audición de la historia correspondiente a la imagen y lectura del texto por algunos alumnos.</p> <p>Ejercicios de interpretación del texto.</p>			
---	--	--	--

DESCRIPCIÓN DE LA CLASE

MOMENTOS DE LA CLASE

- Proyección de un *Power point* con una revisión de los verbos regulares para introducir los verbos irregulares de cambio vocálico
- Ejercicios de consolidación del contenido gramatical
- Audición y visualización de un ejercicio de rutinas: “La rutina de Juan” – pg 86
- Revisar la hora
- Aplicar los reflexivos y de cambio vocálico
- Ejercicio de correspondencia para consolidación de los contenidos impartidos; pg 87
- Interpretación de una imagen e imaginar una historia; pg 88
- Escuchar la historia y contestar al cuestionario
- Leer en voz alta e interpretar el texto “El niño más sucio del mundo” ; pg 89

OBSERVACIONES

LA CLASE SERÁ IMPARTIDA POR LAS TRÉS ESTUDIANTES

BIBLIOGRAFIA

Aragonés, Luís y Ramón Palencia (2009). *Gramática del Uso del Español*. Ediciones SM: Madrid.

Moreira, Luisa; Meira, Susana y Manuel Pino Morgádez (2012). *Pasapalabra*. Nivel 1 – A1-2; Porto Editora: Porto

WEBGRAFIA:

WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT



25 de Abril de 1974 – Triunfo da democracia e da liberdade.

Personagens

**OS OPRESSORES
AJUNTA DE REGÊNCIA**

Beresford – Poder Militar

Marechal inglês, «mas oficial», arrogante, mercenário, pragmático, racional, invejoso, prepotente, injusto, protestante

Principal Sousa – Poder Religioso

Opressor, cínico, fanático, reacionário, cruel, rancoroso, anti jacobino, culto, materialista, racional, injusto

D. Miguel – Nobreza Aristocrática

Nobre conservador, reacionário, estafado, opressor, autoritário, arrogante, perigoso, anti jacobino (contra os ideais modernizadores de Espinosa), rancoroso, invejoso, injusto

**OS DELATORES
OS CÚMPLICES DOS OPRESSORES
OS TRAIDORES DO POVO**

Vicente

Elemento do povo, frustrado, inteligente, expedito, manipulador, hipócrita, interessado, cínico, dissimulado, astuto, sarcástico, egoísta, calculista, diligente.

Andrade Corvo

Capitão, delator, interessado, materialista, covarde, falso, dissimulado, perverso, calculista, maçónico renegado

Morais Sarmento

Capitão, «mas oficial», bem vestido, mundano, ignorante, covarde, medíocre, mau carácter, interessado, falso, dissimulado, perverso, calculista, maçónico.

Forças da ordem

Policiais, representam a PIDE

POVO

Manuel

É o mais consciente dos populares; é corajoso. Denuncia a opressão a que o povo está sujeito.

Rita

Mulher sensível, fraterna, solidária, apaixonada pelo marido (Manuel).

Antigo Soldado

Antigo militar, experiente, alegre, bromalhão, contador de histórias passadas.

Populares

Pobres, miseráveis, andrajosos.

Matilde

Mulher de carácter forte
Corajosa
Denunciadora da hipocrisia do Estado e da Igreja
Símbolo da mulher que ama e sofre.

Sousa Falcão

Amigo inseparável do general Gomes F.
Representa a impetuosidade perante os governadores
Dominado pelo destino
Assume a sua corajaria perante o exemplo de Gomes Freire.

Gomes Freire De Andrade

✓ Esta personagem não entra na história, mas é falada desde o início até ao fim da peça.
✓ General, militar experiente e talentoso, honrado, distinto, estranheado, inteligente, culto, generoso, idealista, «santo», solidário, fraterno para com os mais pobres, Crião-Mestre da Maçonaria, injustificado

Simbologia

Título

Duas vezes mencionado inscrito nas falas das personagens.
Para D. Miguel, o luar permitirá que o clarão da fogueira seja visto por todos, atemorizando aqueles que osam lutar pela liberdade, tendo por isso um efeito dissuasor.
Para Matilde, o luar sublinha a intensidade do fogo, incitando à ousadia daqueles que acreditam na mudança e na caminhada para a “luz da liberdade” (prelúdio da revolução liberal), covilando-se, por isso, como um estímulo para que o povo se resolte.

Saia Verde

✓ Comprada em Paris, no inverno, com o dinheiro da venda de duas medalhas. “Alegria no reencontro”, a saia é uma peça eminentemente feminina e o verde encontra-se destinado à esperança

Luz

✓ A luz traduz a caminhada da sociedade em direção à liberdade, vencendo o medo e a insegurança da noite, recusando a violência e a repressão.
✓ A luz é a metáfora do conhecimento que permite o progresso da sociedade e a construção do futuro, assente na defesa dos valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade.
✓ A luz representa a esperança num futuro de justiça
✓ Vida, saúde e felicidade

Noite

✓ Associada ao mal, ao castigo, à morte, a noite é símbolo do obscurantismo.

Lua

✓ Simbolicamente, por estar privada de luz própria, na dependência do Sol e por atravessar fases, mudando de forma, representa dependência, periodicidade, renovação.

✓ A luz do luar é a força extraordinária que permite o conhecimento e a Lua poderá simbolizar a passagem da vida para a morte e vice-versa, o que, aliás, se relaciona com a crença na vida para além da morte.

Luar

✓ Tem duas conotações: para os opressores, permitirá que mais pessoas fiquem envolvidas, para os oprimidos, significa que mais pessoas poderão um dia seguir essa luz e lutar pela liberdade.
✓ D. Miguel encara o luar como facilitador da lição que ele quer transmitir ao povo, ou seja, quem luta pela liberdade será punido.
✓ Matilde, ao contrário, considera que o luar iluminará o ideal da luta pela liberdade.

Fogueira

✓ Para D. Miguel Forjaz, a fogueira constituirá um ensinamento para o povo;
✓ Para Matilde, a chama da fogueira manter-se-á viva e a liberdade triunfará.
✓ O fogo é um elemento destruidor e ao mesmo tempo purificador e regenerador, sendo a purificação pela água complementada pela do fogo. Se no presente a fogueira se relaciona com a tristeza e a escuridão, no futuro relacionar-se-á com a esperança e a liberdade.

Moeda de cinco réis

✓ Funciona como símbolo do desrespeito que os mais poderosos mantinham para com o próximo, o que contraria os mandamentos de Deus.

Tambor



✓ Símbolos da repressão militar e policial que desagrega e aniquila, traduzem a morte, a violência e a intimidação perseguição a que o povo era sujeito para não pôr em causa a autoridade tirânica dos governadores, «sempre presente e sempre pronta a intervir»
✓ Traduzem também a hipocrisia e a corrupção de todos os que traem para obter favores do regime.

Sinos

✓ Traduzem o perverso envolvimento da Igreja nos assuntos do Estado, contribuindo para a repressão imposta sobre o povo (anunciam a morte de Gomes Freire).
✓ Contribuem para a denúncia da deturpação da mensagem evangélica ao serviço de interesses mesquinhos e materiais.

FIM

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL – 402643 ESTREMOZ	
---	---	---

PLANO A CURTO PRAZO

UNIDADE:	Ano: 12º
	Turma: E
	Data: 13 de Abril de 2015
	Tempo: 90 minutos
SUMÁRIO:	<ul style="list-style-type: none"> • Breve introdução sobre o texto dramático. Apresentação das características do teatro épico. • Audição e Leitura expressiva do primeiro excerto da obra (I acto); • Análise, identificação e caracterização do contexto histórico e político da época; • Paralelismo entre o passado representado e as condições históricas dos anos 60; • Caracterização das personagens; • Valor simbólico de alguns elementos; • Balanço geral dos conhecimentos adquiridos. • Esclarecimento de eventuais dúvidas.

**MOTIVAÇÃO
INICIAL**

As alunas em Prática de Ensino Supervisionado dão início à aula, com um *power point* que resume todos os conteúdos abordados até ao momento. Esclarecendo algumas questões que possam surgir afim de iniciar o estudo da obra *Felizmente há Luar*.

METAS CURRICULARES			CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	ESTRATÉGIAS DE TRABALHO	ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO
DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA	OBJETIVOS	DESCRIPTORIOS DE DESEMPENHO			
Educação literária	<p><i>Ler e interpretar textos literários.</i></p> <p><i>Apreciar textos literários.</i></p> <p><i>Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.</i></p>	<p>Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes géneros.</p> <p>Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.</p> <p>Fazer inferências, fundamentando.</p> <p>Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.</p> <p>Explicitar a forma como o texto está estruturado.</p> <p>Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.</p> <p>Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.</p> <p>Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.</p> <p>Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.</p>	<p>O texto dramático</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Modo dramático (estrutura, função das didascálias) ■ Categorias do texto dramático (ação, personagens, espaço, tempo) ■ Paralelismo entre o passado representado e as condições históricas dos anos 60: denúncia da violência e da opressão ■ Valores da liberdade e do patriotismo ■ Valor simbólico de alguns elementos 	<p>Audição sobre a vida do autor.</p> <p>Visualização de um <i>power point</i> sobre as características do teatro épico.</p> <p>Audição de uma música de resistência.</p> <p>Análise da música.</p> <p>Visualização de um <i>power point</i> sobre o paralelismo entre o passado representado e as condições históricas dos anos 60.</p> <p>Visualização de um <i>power point</i> sobre as personagens e a simbologia presente na obra..</p> <p>Audição e leitura expressiva do I acto.</p>	<p>Ficha do manual sobre a música de Zeca Afonso.</p> <p>Ficha do manual sobre os diversos temas abordados ao longo da aula.</p>

Leitura	<i>Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.</i>	<p>Identificar tema e subtemas, justificando.</p> <p>Explicitar a estrutura interna do texto, justificando.</p> <p>Identificar universos de referência ativados pelo texto.</p> <p>Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.</p> <p>Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.</p>			
Escrita	<i>Redigir textos com coerência e correção linguística.</i>	<p>Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.</p>			
Oralidade	<i>Interpretar textos orais de diferentes géneros.</i>	<p>Identificar tema e subtemas, justificando.</p> <p>Identificar argumentos.</p>			
Gramática	<i>Explicitar aspetos da semântica do português.</i>	<p>Distinguir relações de ordem cronológica.</p>			

MATERIAIS DIDÁTICOS

<p><i>Power point</i> informativo Fichas formativa do Manual Excerto do Manual</p>	<p>Manual Computador Internet Projetor Quadro Marcador CD Colunas</p>
--	---

DESCRIÇÃO DA AULA

- **Breve introdução sobre o texto dramático. Apresentação das características do teatro épico;**
- **Audição de uma música de resistência;**
- **Análise, identificação e caracterização do contexto histórico e político da época;**
- **Paralelismo entre o passado representado e as condições históricas dos anos 60;**
- **Audição e Leitura expressiva do primeiro excerto da obra (I acto);**
- **Caracterização das personagens;**
- **Valor simbólico de alguns elementos;**
- **Balço geral dos conhecimentos adquiridos.**
- **Esclarecimento de eventuais dúvidas.**

SUMÁRIO DA AULA (PREVISÃO)

**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA OBRA “FELIZMENTE HÁ LUAR!” DE LUÍS DE STTAU MONTEIRO:
AUDIÇÃO DE MÚSICA DE RESISTÊNCIA E PARALELISMO EXISTENTE ENTRE O TEMPO DA HISTÓRIA E O TEMPO DA ESCRITA.
CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS E IDENTIFICAÇÃO DA SIMBOLOGIA PRESENTE NA OBRA.**

FICHAS DO MANUAL

OBSERVAÇÕES

A LEITURA DO PRIMEIRO ATO DEVERIA TER SIDO LIDA EM CASA.

BIBLIOGRAFIA

Magalhães, O., & Costa, F. (2012). *Entre Margens - Português - 12.º Ano*. Porto: Porto Editora.

WEBGRAFIA:

WWW.ESCOLAVIRTUAL.PT/

WWW.PORTOEDITORA.PT/ESPACOPROFESSOR/

